UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

VITOR GOMES

# A MILITÂNCIA POLÍTICO-TORCEDORA NO CAMPO FUTEBOLÍSTICO BRASILEIRO

GOIÂNIA

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES**

**E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico**

[ x ] Dissertação [ ] Tese

2. Nome completo do autor

Vitor Gomes

**3. Título do trabalho**

A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro

**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento [ x ] SIM [ ] NÃO[1]

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**

---

sei! assinatura eletrônica

Documento assinado eletronicamente por **VITOR GOMES**, **Discente**, em 03/06/2020, às 18:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

---

sei! assinatura eletrônica

Documento assinado eletronicamente por **Fernando Segura Millan Trejo**, **Usuário Externo**, em 04/06/2020, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

---

A autenticidade deste documento pode ser conferida no

site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1367070** e o código CRC **AB19C97D**.

VITOR GOMES

# A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: _____

Prof. Dr. Fernando Segura Millán Trejo

Goiânia

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gomes, Vitor
A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro [manuscrito] / Vitor Gomes. - 2020.
139 f.

Orientador: Prof. Fernando Segura Millan Trejo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2020.
Bibliografia.

1. futebol. 2. torcedores. 3. política. 4. movimentos sociais. 5. redes sociais. I. Segura Millan Trejo, Fernando, orient. II. Título.

CDU 316

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 03 da sessão de Defesa de Dissertação de **Vitor Gomes**, que confere o título de Mestre em **Sociologia**, na área de concentração em Sociedade, Política e Cultura.

Aos seis dias do mês de março do ano de dois mil e vinte, a partir das quatorze horas, na Sala de Defesa AS-03, prédio Humanidades II, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro". Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Fernando Segura Millan Trejo (FCS/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Flávio Munhoz Sofiati (FCS-UFG) e Professor Doutor Cleito Pereira dos Santos (FCS-UFG), membros titulares internos; e Professor Doutor Makchwell Coimbra Narcizo (Instituto Federal Goiano), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Fernando Segura Millan Trejo, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Fernando Segura Millan Trejo**, **Professor do Magistério Superior-Visitante**, em 06/03/2020, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Makchwell Coimbra Narcizo**, **Usuário Externo**, em 06/03/2020, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Cleito Pereira Dos Santos**, **Professor do Magistério Superior**, em 06/03/2020, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Flávio Munhoz Sofiati**, **Professor do Magistério**

**Superior**, em 06/03/2020, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1207371** e o código CRC **52CEE005**.

**Referência:** Processo nº 23070.006174/2020-18 SEI nº 1207371

# AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio ao longo de toda a aventura que significou minha ida para Goiânia, desde a graduação até o mestrado, sempre oferecendo compreensão nos momentos mais complicados. E, é claro, pela paciência ao aguentar as variações de humor semanais (às vezes diárias) típicas de um palmeirense fanático. Mãe, pai, irmã, primo, tias, Harumi: não seria nada sem vocês.

Aos amigos de São José, que garantem o desafogo da responsabilidade e pressão que envolvem uma dissertação de mestrado e fomentam diariamente minha paixão pelo futebol (e pelas discussões políticas via WhatsApp). Seguiremos juntos. Zoleta, Renan, Marcelo, Danilão Collapse, Gabira, Danilo, Fabinho, Bim, Gustavão, Dudu, Mezão, Renato, Lore e Bigas. Amo todos!

Às amigas e amigos de Goiânia, que garantiram que o desafio enorme de mudar de cidade sozinho fosse ultrapassado de forma muito mais tranquila do que imaginava. A amizade que construímos é fonte inesgotável de felicidade para mim e me dão a certeza de que a mudança foi a melhor decisão que já tomei na vida. Camila (e Theozinho!), Mychelle, Fernanda, Hugo, Jordanna, Karen, Tiago, Vini e tantas outras amizades feitas durante a graduação e mestrado. Amo vocês!

Ao meu orientador, Fernando, que acreditou neste projeto de pesquisa desde seu início e permitiu a construção de uma dissertação com generosidade e apoio. Às professoras e professores que participaram de minha graduação e mestrado, especialmente Cleito e Rubens, que participaram da banca de qualificação e contribuíram diretamente para o produto final deste percurso com dicas e conselhos valiosos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás pelo financiamento desta pesquisa.

*"Minha biografia intelectual é uma longa busca por uma explicação adequada da realidade contemporânea, para que eu e outros possamos agir sobre ela. A busca era ao mesmo tempo intelectual e política, e sempre achei que não poderia ser uma coisa sem ser ao mesmo tempo a outra – para mim ou para qualquer pessoa."*

*Immanuel Wallerstein*

# RESUMO

Esta dissertação possui como tema central o fenômeno dos coletivos de torcedores de futebol no Brasil. Em sua maioria com origem entre 2013 e 2014, atentos às transformações causadas pelo recebimento da Copa do Mundo de 2014 no país, os coletivos se formam a partir da identificação clubística e afiliação política comum entre seus integrantes. As pautas de sua atuação tratam de uma série de diferentes processos de opressão identificados no futebol brasileiro, como o machismo, a homofobia, o racismo e a elitização dos estádios. Os coletivos utilizam as redes sociais, em especial o Facebook, como principal forma de divulgação de suas ideias e ações, compartilhando características com os movimentos sociais contemporâneos em rede, abordados por Manuel Castells. A análise desta pesquisa baseia-se centralmente no conceito de campo de Pierre Bourdieu, possuindo como problema de pesquisa a investigação acerca das relações de poder e hierarquia entre os diferentes grupos de agentes localizados no campo futebolístico brasileiro. Os coletivos de torcedores, enquanto grupo *outsider*, em referência à dinâmica criada por Norbert Elias, recém-chegado ao campo, travam relações de disputa com agentes mais bem estabelecidos, como os grupos de comunicação e mídia, representantes do Estado, instituições esportivas e torcidas organizadas. A produção de dados foi baseada na observação das páginas digitais dos coletivos em pauta e em entrevistas realizadas com dois grupos específicos, sendo “Palmeiras Antifascista” e “Palmeiras Livre”. O saldo final aponta para a posição de marginalidade dos coletivos, ocupando posição de pouco poder e hierarquia entre os agentes analisados. Enquanto buscam disputar os discursos produzidos sobre futebol e militância política nos meios de comunicação, os coletivos encaram o clubismo como força reacionária e obstáculo à possibilidade de articulação nacional entre grupos de torcedores de diferentes clubes brasileiros, bem como as relações de tensão envolvendo o contato com torcidas organizadas.

**Palavras-chave:** futebol; torcedores; Brasil; política; movimentos sociais; redes sociais.

# ABSTRACT

This dissertation has as its central theme the phenomenon of soccer fan political groups in Brazil. Most of them originated between 2013 and 2014, due to the changes brought to Brazil by the reception of the 2014 World Cup, the groups were formed from the club identification and common political affiliation among its members. The guidelines to their performances deal with a series of different oppression processes identified in Brazilian soccer, such as sexism, homophobia, racism and the elitization of stadiums. These groups use social media, especially Facebook, as the main way of spreading their ideas and actions, sharing characteristics with contemporary social movements network, as described by Manuel Castells. The analysis of this research is based centrally on Pierre Bourdieu's concept of field, which had the investigation about the power and hierarchy relations between different groups of agents located in the brazilian soccer field as a research problem. The soccer team fan groups, are new social constructions and considered outsiders, in reference to the dynamic created by Norbert Elias, engaging to dispute influence with better-established agents, such as the media and communication groups, state representatives, sports institutions and the *torcidas organizadas*, which hold similarities with *ultras* in Europe and the *barras* in Latin America. The production of data was based on the observation of the digital pages of all the collectives and on interviews with two specific groups, "Palmeiras Antifascista" and "Palmeiras Livre". The results show these groups occupying a position of little influence and hierarchy among the analyzed agents. While trying to influence the discourses produced about soccer and politics in the media, the collectives will face a certain type of regionalism as a reactionary force and obstacle to the possibility of national articulation between them, the groups of fans from different brazilian clubs, as well as the tense relations involving contact with *torcidas organizadas* of football.

Keywords: soccer; fans; Brazil; politics; social movements; social networks.

# LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Manifesto contra o futebol moderno, parte 1 ..... 27

Quadro 2: Manifesto contra o futebol moderno, parte 2 ..... 28

Quadro 3: Coletivos de torcedores em São Paulo ..... 80

Quadro 4: Coletivos de torcedores no Rio de Janeiro ..... 83

Quadro 5: Coletivos de torcedores em Minas Gerais ..... 87

Quadro 6: Coletivos de torcedores no Rio Grande do Sul ..... 88

Quadro 7: Coletivos de torcedores na região Nordeste ..... 90

Quadro 8: Coletivos de torcedores nas regiões Centro-Oeste e Sul ..... 94

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Torcida do St. Pauli em manifestação contra a homofobia em jogo contra o Paderborn, abril de 2013 ..... 37

Figura 2: Torcida do Eintracht Frankfurt protesta contra jogos às segundas-feiras atirando bolinhas de tênis no campo de jogo ..... 38

Figura 3: Adesivo do grupo "Rude Boys & Girls", formado por torcedoras e torcedores da Sampdoria. Em italiano, a mensagem diz "Ama a Samp, odeia o racismo" ..... 38

Figura 4: Protesto da torcida do San Lorenzo em 2012 nas ruas de Buenos Aires, reivindicando o retorno a Boedo ..... 39

Figura 5: Protesto do Bom Senso F.C. na partida entre Flamengo x Palmeiras pela última rodada do Campeonato Brasileiro de 2015 ..... 68

Figura 6: Bom Senso F.C. em reunião com a então presidente Dilma Rousseff para apresentação de propostas para o futebol brasileiro ..... 69

Figura 7: Identidade visual do Bom Senso Futebol Clube ..... 69

Figura 8: Identidade visual da ANATORG ..... 70

Figura 9: Coligay presente em jogo do Grêmio na década de 1970 ..... 98

Figura 10: Capa do Jornal dos Sports com a declaração do então presidente do Flamengo, Márcio Braga, após uma derrota para o Fluminense, "responsabilizando" a Fla-Gay ..... 99

Figura 11: Identidade visual da Palmeiras Livre, simbolizando sua associação com diversos movimentos sociais ..... 122

Figura 12: Identidade visual da Palmeiras Antifascista ..... 122

Figura 13: Ação conjunta da P16, Palmeiras Livre e Porcomunas em 31 de outubro de 2019, homenageando Marielle Franco ..... 123

Figura 14: Bandeiras da P16 e Palmeiras Livre expostas durante uma partida da Copa dos Refugiados, disputada no Pacaembu em outubro de 2019 ..... 124

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO ..... 11**

**1. A LUTA TORCEDORA EM ESCALA GLOBAL: UM PANORAMA DE DISPUTAS POLÍTICAS INTERNACIONAIS NO CAMPO FUTEBOLÍSTICO ..... 15**

1.1 O futebol inglês pós-Hillsborough: estádios para quem? ..... 15

1.2 Entre os *fanprojekt* e o caso St. Pauli na Alemanha ..... 20

1.3 A luta contra o "futebol moderno" na Itália ..... 25

1.4 O futebol europeu como ideal imposto à América Latina ..... 32

**2. O CAMPO FUTEBOLÍSITICO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE SUA HIERARQUIA INTERNA ..... 40**

2.1 Fundamentos do conceito de campo em Bourdieu ..... 40

2.2 Grupos de comunicação e o capital econômico como meio de dominação ..... 43

2.3 Representantes do Estado: transição entre campos e autoridade ..... 47

2.4 CBF: entre o domínio institucional e econômico ..... 51

2.5 Clubes de futebol: dominantes e dominados ..... 54

2.6 Jogadores de futebol e mobilizações de classe ..... 59

2.7 Torcidas organizadas de futebol e o potencial desestabilizador da ordem ..... 63

**3. A MILITÂNCIA POLÍTICO-TORCEDORA NO BRASIL ..... 71**

3.1 Pioneirismo em meio à ditadura brasileira ..... 71

3.2 Movimentos sociais e novas configurações a partir da internet ..... 74

3.3 Movimentos contemporâneos de torcedores no Brasil ..... 77

3.4 Uma proposta de mapeamento dos coletivos de torcedores ..... 79

3.4.1 São Paulo ..... 80

3.4.2 Rio de Janeiro ..... 83

3.4.3 Minas Gerais ..... 87

3.4.4 Rio Grande do Sul ..... 88

3.4.5 Região Nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco ..... 90
3.4.6 Regiões Centro-Oeste e Sul ..... 94
3.5 Os coletivos contemporâneos e a tentativa de mobilização nacional ..... 96

**4. A LUTA NA PRÁTICA: OS COLETIVOS PALMEIRAS ANTIFASCISTA E PALMEIRAS LIVRE ..... 100**
4.1 Contexto de origem, organização interna e principais ações ..... 101
4.2 O antifascismo, estratégias de ação e a associação entre Jair Bolsonaro e o Palmeiras .... 106
4.3 A relação com as torcidas organizadas e outros agentes do campo ..... 112
4.4 Possibilidades e limites de uma mobilização nacional e internacional de torcedores ..... 118

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 125**

**REFERÊNCIAS ..... 130**

# INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação começou a ser pensado e construído ainda em 2016, durante minha graduação em Ciências Sociais. A disciplina "Identidades Coletivas e Esporte", ministrada pelo professor Fernando Segura, que se tornaria meu orientador posteriormente, me abriu as portas da sociologia do esporte. Simultaneamente, "tropecei" em meu tema de pesquisa no Facebook, através do descobrimento da página "Palmeiras Antifascista", que propunha a organização coletiva de torcedores palmeirenses em nome de transformações que consideravam necessárias ao futebol brasileiro. Muito mais por curiosidade e identificação pessoal – com o clube e a afiliação política do grupo –, passei a seguir a página e perceber que o contexto em que o coletivo estava inserido, no Brasil, era muito mais amplo, com associações de torcedores espalhadas pelo país todo. Neste sentido, o que será considerado como "coletivo de torcedores" neste trabalho é a junção entre a torcida por um clube e algum tipo de projeto político (aqui o escopo é propositadamente amplo, permitindo tanto a consideração dos grupos antifascistas, como já citado, mas também coletivos focados especificamente em outras pautas, como à oposição ao machismo, à homofobia, ao racismo, etc.), ideal e/ou resistência declarada às estruturas de poder que dominam o futebol brasileiro atualmente.

A partir de então, o desafio foi o de tornar a aproximação inicial em um projeto, construindo um problema de pesquisa e definindo sua metodologia. Considerando que a maioria dos coletivos de torcedores atuais surgiu a partir de 2013 no Brasil, um fenômeno social relativamente recente, era esperado que não existissem muitos estudos acerca de sua existência, especialmente na área específica da sociologia, sendo o esporte um campo marginal de pesquisa no Brasil. O levantamento inicial da bibliografia que já analisava o futebol criticamente passou, então, por autores e experiências estrangeiras. Seria impossível dissociar o fenômeno em pesquisa do processo de mercantilização do futebol, analisado especialmente por Richard Giulianotti (2002; 2012; 2013), que se tornou uma fonte de relevância para a construção desta dissertação. A ocorrência de uma transformação profunda do modelo de gestão do futebol e de seus estádios na Europa gerou reações por parte de torcedores que viram seu modo de torcer e até mesmo sua mera presença nas arquibancadas em perigo.

No contexto brasileiro – aqui, é bom que se diga, trato diretamente do cenário do futebol masculino brasileiro; o estudo do futebol feminino demandaria outra pesquisa –, com a construção e reformas dos estádios visando a realização da Copa do Mundo de 2014, adotando

o modelo de “arenas esportivas”, reações semelhantes puderam ser notadas, com a articulação tanto de torcidas organizadas como de torcedores “comuns” em nome da defesa de um futebol popular. O conhecimento e pesquisa acerca das torcidas organizadas no Brasil é relativamente profícuo, considerando obras clássicas de Luiz Henrique de Toledo (1996) e Bernardo Buarque de Hollanda (2009), acrescidos ainda da pesquisa de Rosana da Câmara (1998; 2016; 2018). Por outro lado, ainda são raras as pesquisas voltadas aos coletivos de torcedores independentes das torcidas organizadas. Em anos recentes, se destacam as dissertações de Irlan Santos (2017) e Mauricio Rodrigues Pinto (2017).

A brevidade da existência dos coletivos de torcedores permitiu, portanto, que esta pesquisa se baseasse em alguns aspectos básicos de sua atuação, transformando as relações que estes grupos desenvolviam com outros agentes do campo futebolístico como o problema de pesquisa a ser investigado. Ou seja, como um grupo de agentes recém-criado disputa o poder e a hierarquia do campo com outros atores sociais já estabelecidos, como os canais esportivos de comunicação, os representantes do Estado, as instituições esportivas, os clubes de futebol e as torcidas organizadas?

Alguns dos termos utilizados acima já indicam como o problema de pesquisa foi abordado metodologicamente. A noção de campo de Pierre Bourdieu (1983a), enquanto microcosmo relativamente independente de outros espaços da sociedade, se tornou central, permitindo a investigação acerca das relações de poder estabelecidas entre diferentes grupos de agentes que compõem o campo futebolístico brasileiro. Entre tais disputas, estão presentes diferentes modos de comportamento e ação, diferentes *habitus*, diferentes capitais que auxiliam na determinação do lugar ocupado por cada agente na hierarquia interna do campo. Como ferramenta auxiliar, voltada especialmente para a análise das relações entre coletivos de torcedores e torcidas organizadas, foi utilizada a dinâmica entre estabelecidos x *outsiders* proposta por Norbert Elias e John Scotson (2000), baseada em uma hierarquia construída entre grupos semelhantes – torcedores, no caso – que se diferenciam a partir de um *status* adquirido com o tempo.

Parto do princípio, considerando sua recente organização coletiva, que os grupos torcedores em questão se posicionam na base da hierarquia, propondo uma série de transformações no campo futebolístico que alterariam a ordem interna estabelecida, causando conflitos. No decorrer desta dissertação, será possível perceber que a oposição a diferentes processos de opressão, como o machismo, o racismo e a homofobia, enfrenta diretamente *habitus* historicamente estabelecidos no futebol brasileiro, praticados e reafirmados ao longo do tempo pelos agentes que tem dominado o campo por décadas. Tais elementos resultam em

dificuldades extremas para determinados grupos sociais, tornados oprimidos por estas estruturas, que ou buscam omitir aspectos de sua identidade para frequentar estádios de futebol ou sequer se arriscam nesta empreitada. Estes elementos, próprios do conservadorismo que domina o futebol brasileiro, passaram a contar com a ocorrência do processo de elitização de muitos estádios do país, especialmente a partir das reformas e construções que visavam a utilização dos mesmos durante a da Copa do Mundo 2014, afetando diretamente àqueles sem possibilidades financeiras de frequentarem as modernas arenas brasileiras. Por si só, tais conflitos já justificam a existência desta pesquisa, buscando jogar luz às dinâmicas próprias apresentadas pelo futebol brasileiro e pelas relações de poder estabelecidas em seu meio. Considerando ainda a pouca e incipiente produção da sociologia voltada ao tema, esta dissertação pretende contribuir aos estudos existentes acerca da atuação dos coletivos de torcedores, fortalecendo a subárea da sociologia do esporte no contexto mais amplo da disciplina.

Para contemplar seus objetivos, a dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro deles trata das iniciativas de organização torcedora em nível europeu, buscando demonstrar a diversidade das relações construídas entre diferentes agentes do campo futebolístico de países que ocupam lugar central no contexto contemporâneo do futebol. Em seu último tópico, há uma contextualização em torno da relação entre Europa e América Latina a partir de diferentes abordagens teóricas das ciências sociais, em vista da posição de submissão que o futebol latino-americano ocupa no cenário internacional, alvo da imposição de valores e padrões estrangeiros de gestão e experiência do futebol por uma série de atores dominantes na estrutura de decisões.

No segundo capítulo, passo a tratar diretamente do campo futebolístico brasileiro. Com o objetivo de identificar a hierarquia interna do campo em estudo, os principais agentes são identificados, bem como suas relações de poder e dominação a partir do acúmulo de tipos diferentes de capital. São analisados especificamente, enquanto agentes já estabelecidos no campo, os grupos de comunicação e mídia, representantes do Estado, instituições esportivas, clubes de futebol e torcidas organizadas.

O terceiro capítulo introduz um novo grupo de agentes ao campo e tema central desta pesquisa: os coletivos de torcedores no Brasil. Após uma reconstrução da trajetória de grupos de torcedores que praticavam alguma militância política durante o final da década de 1970 e início da de 1980, como a Coligay e a Flagay, é introduzido o papel da internet na organização e atuação dos coletivos contemporâneos a partir de autoras e autores que analisam o impacto tecnológico em movimentos sociais. A seguir, é construído um mapeamento dos coletivos de

torcedores no Brasil a partir de suas páginas em redes sociais, levando em conta os critérios estabelecidos posteriormente. Finalmente, realizo uma introdução às possibilidades de mobilização nacional entre coletivos brasileiros a partir de uma experiência etnográfica em uma plenária que reunia diferentes grupos de torcedores do país.

O quarto, e último, capítulo traz a experiência de dois coletivos específicos, sendo a "Palmeiras Antifascista" e a "Palmeiras Livre". O objetivo é o de aprofundar o conhecimento acerca da trajetória e atuação dos coletivos, bem como analisar as relações que são estabelecidas com outros agentes do campo, considerando as possibilidades de articulação estratégica tanto entre coletivos brasileiros quanto com agentes mais bem posicionados na hierarquia interna do campo futebolístico.

Uma última, mas não menos importante, consideração antes de iniciar a leitura desta dissertação: não nutro ilusões quanto ao ideal liberal que afirma uma produção científica descompromissada com a transformação da sociedade, baseada em uma suposta neutralidade do conhecimento acadêmico. Esta dissertação foi escrita por um torcedor de futebol que, embora não pertencer a nenhum dos coletivos aqui estudados, deseja ver realizadas as mudanças propostas por eles, em nome de um futebol orientado pelas necessidades das torcedoras e torcedores e que seja capaz de receber e incluir todos àqueles que desejem participar deste mundo. Talvez o objetivo mais pretensioso deste trabalho seja o de superar os departamentos e limites acadêmicos e ser efetivamente lido por torcedores militantes de futebol no Brasil; para aqueles já organizados, que se sintam minimamente contemplados e encorajados a continuar a luta, acessando experiências torcedoras internacionais e se aprofundando na realidade dos coletivos brasileiros, utilizando esta pesquisa como ferramenta crítica; para aqueles não organizados, que possam conhecer a realidade de torcedores que abordam o futebol de forma politicamente engajada e potencialmente transformadora, conscientizando-se de que existem maneiras e iniciativas possíveis para adequar o futebol às necessidades torcedoras reais.

# 1. A LUTA TORCEDORA EM ESCALA INTERNACIONAL: um panorama de disputas políticas no campo futebolístico europeu

A intenção principal neste primeiro capítulo é a de construir um panorama com exemplos internacionais, extraídos da elite do futebol europeu (enquanto a referência principal acerca do que se é compreendido como o ideal do futebol profissional atual), sobre disputas envolvendo agentes fundamentais do campo futebolístico em diferentes localidades. Por agentes compreendo, entre outros, os clubes de futebol, torcedores e suas associações, assim como as federações locais, nacionais e continentais. Neste sentido, foram selecionados três países europeus, contando com a profícua produção acadêmica voltada ao estudo dos fenômenos sociais e futebolísticos em tais localidades, além de seu protagonismo do ponto de vista esportivo, sendo eles Inglaterra, Alemanha e Itália. Cada exemplo adiciona elementos à discussão acerca das associações político-torcedoras no futebol, que serão refletidos nos capítulos seguintes, quando o foco se volta à realidade brasileira. As leitoras e leitores poderão perceber, porém, que o debate em torno da mercantilização do esporte, em sua fase contemporânea e intensificada, está presente com destaque em todos os tópicos a seguir, tornando-se um aspecto central.

Por fim, na última seção, que encaminha a discussão para o caso brasileiro, disserto brevemente sobre o espaço que o futebol de países latino-americanos possui no contexto de um esporte globalizado, em que padrões estéticos (sejam voltados aos estádios, ao jogo em si ou a modos de torcer) e de gestão do futebol são importados a partir dos parâmetros estabelecidos pelo futebol europeu, servindo como modelos ideais que orientam o futebol brasileiro profissional (ao menos em sua elite), buscando sua reprodução.

## 1.1 O futebol inglês pós-Hillsborough: estádios para quem?

A Premier League, campeonato nacional de pontos corridos da primeira divisão de clubes da Inglaterra, inaugurada em 1992, é facilmente identificada no senso comum futebolístico como a liga mais bem desenvolvida do planeta. Aspectos como competitividade, equilíbrio técnico, intensidade do jogo, alta taxa de ocupação dos estádios e as cifras relacionadas aos direitos televisivos e salários de jogadores compõem essa avaliação.

O diagnóstico positivo e otimista quanto ao futebol inglês esconde, porém, as tensões e disputas presentes desde o início de sua transformação radical, a partir do que ficou conhecido

como a tragédia de Hillsborough em 1989 (SEGURA; MURZI, 2015). Com o cuidado necessário para não cair na armadilha de criar aqui uma ruptura total entre o que existia antes e depois de Hillsborough – ou seja, a ilusão de totalidade histórica homogênea a que se refere, criticamente, Aníbal Quijano (2010) –, o evento trágico é considerado enquanto marco histórico essencial para a compreensão do fenômeno, dado o alcance do debate e a crescente atenção que o futebol inglês passou a receber após o ocorrido.

Em 15 de abril de 1989, Liverpool e Nottingham Forest jogavam a semifinal da Taça da Inglaterra (FA Cup) no estádio de Hillsborough, em Sheffield. Com poucos minutos disputados, a partida foi interrompida pelo árbitro por orientação da polícia local. O fluxo de entrada dos torcedores saiu do controle dos responsáveis pela organização da partida e, entre pisoteados e/ou esmagados contra a estrutura física do lado de dentro do estádio, 96 torcedores morreram[1] e mais de 750 ficaram feridos, configurando-se em um dos maiores desastres da história do futebol (SEGURA; MURZI, 2015).

Ainda que não seja meu objetivo tratar da investigação policial acerca do caso, é importante notar como a narrativa construída naquele momento apontava para a culpabilidade dos torcedores ingleses[2]. Os *hooligans*, já na mira da opinião pública e governamental por conta da tragédia de Heysel[3] em 1985, ocupavam o centro da discussão. Em um apanhado geral sobre as interpretações das ciências sociais sobre o fenômeno violento no futebol inglês, explicações iniciais indicavam tanto o abuso do álcool como a cultura da hipermasculinidade como o propulsor de embates físicos entre os torcedores, como foi proposto pelos autores Eric Dunning, Patrick Murphy e John Williams (1986). Outras, inclusive anteriores, enxergavam uma reação da classe trabalhadora frente a elementos como o "aburguesamento" e internacionalização do futebol, como a pesquisa de Taylor (1971).

A partir da ordem do governo liberal inglês liderado por Margareth Thatcher, o *Lord* Peter Taylor de Gosforth, juiz de direito, passou a supervisionar um amplo relatório que deveria buscar as causas do desastre em Hillsborough, bem como indicar as medidas e transformações necessárias para que tal tragédia não se repetisse. Após uma publicação interina, sua versão

---

[1] Um destes faleceu posteriormente por conta dos traumatismos causados pelo ocorrido.

[2] A histórica capa do jornal "The Sun", que acusa torcedores de roubarem vítimas, urinarem em policiais e agredirem médicos durante o ocorrido, colaborou com a imagem negativa construída: https://www.dailyrecord.co.uk/incoming/article1322061.ece/BINARY/Hillsborough%20The%20Sun.png Acesso em 06 de outubro de 2018.

[3] A "Tragédia de Heysel" vitimou 38 pessoas durante a disputa da final da Taça dos Campeões da Europa entre Liverpool (ING) e Juventus (ITA). O time inglês foi excluído de competições europeias por cinco temporadas, em medida que contou com o apoio da Rainha Elizabeth II, demonstrando o alcance da repercussão dos incidentes (SIMÕES, 2017, p. 90).

final, que passou a ser conhecida como "Relatório Taylor", foi publicada em 1990[4] e estabeleceu algumas das bases para a construção da atual Premier League. Apesar de Taylor já apontar para a incompetência policial e péssimas estruturas do estádio como responsáveis pela tragédia em seu relatório, o caráter acidental dado ao ocorrido permaneceu até 2016, quando os resultados de uma nova investigação foram publicados, inocentando torcedores e apontando a negligência policial no caso. As novas conclusões foram resultado de anos de contestação por parte de familiares dos torcedores vitimados e apontados como responsáveis pelas mortes[5].

Retomando o contexto do final dos anos 1980, os principais alvos do "Relatório Taylor" foram os estádios ingleses. Santos (2017, p. 91) aponta para a necessidade dos clubes ingleses, de forma a atenderem às exigências e reformas estruturais de seus estádios, abrirem seu capital para atrair novos recursos e investimentos, inaugurando um novo momento do processo de mercantilização do futebol inglês. Segundo o mesmo autor, o lançamento da nova Premier League, em 1992, funcionou como o marco central dessa reestruturação, que impactou de forma direta os principais interessados, ainda que jamais tenham participado das tomadas de decisão, evidenciando seu posicionamento de pouca hierarquia dentro do campo analisado: os torcedores.

Em consonância às transformações físicas nos estádios (como, por exemplo, a exigência de cadeiras em todos os setores, interferindo diretamente no comportamento daqueles torcedores que preferem assistir ao jogo em pé), um novo tipo de torcedor passou a ser buscado (e construído), já que era necessária a exclusão daqueles considerados como fonte de episódios violentos no futebol inglês, os *hooligans*. O futebol, tomado pela racionalidade econômica muito comum ao mundo empresarial, visava expandir as possibilidades de ganhos financeiros transformando o jogo em um evento, um espetáculo de entretenimento, buscando clientes engajados no consumo dos produtos relacionados ao clube em detrimento de uma significativa parcela mais pobre de seus torcedores, que se viu impossibilitada de construir uma relação mais próxima e intensa, inclusive no que diz respeito ao básico acesso aos estádios.

Nesse sentido, referindo-se ao novo modelo ideal de estádios de futebol, Mascarenhas (2014) indica a produção de territorialidades excludentes que funcionam baseadas em alguns preceitos, como a limitação do acesso aos estádios, tanto pela redução da capacidade total de

---

[4] A versão final do relatório, em inglês, pode ser acessada aqui: https://web.archive.org/web/20140330053408/http://southyorks.police.uk/sites/default/files/hillsborough%20stadium%20disaster%20final%20report.pdf Acesso em 06 de outubro de 2018.

[5] Já citado, o jornal "The Sun", apenas após a publicação dos resultados da nova investigação, publicou nota lamentando a própria cobertura dada ao caso: https://www.thesun.co.uk/archives/news/919113/we-are-sorry-for-our-gravest-error/ Acesso em 06 de outubro de 2018.

público quanto pelo encarecimento dos ingressos; as restrições voltadas aos adereços levados aos estádios por torcedores, como faixas, bandeiras, baterias, camisetas próprias e afins; assim como pela limitação de comportamento, dado o intenso processo de vigilância colocado em prática por sistemas de segurança dotados de câmeras ao redor e dentro dos estádios (MASCARENHAS, 2014, p. 211 e 212).

A partir do que classifica como o processo de hipermercantilização do futebol mundial, Giulianotti (2012) criou quatro tipos ideais enquanto forma de identificação e classificação de torcedores. O tipo ideal, ferramenta metodológica proposta por Max Weber (COHN, 1991) e utilizada Giulianotti, permite identificar a característica elementar de diferenciação de um tipo em comparação a outros, simplificando sua essência para poder, então, identificar os desvios desse ideal construído. Na taxonomia proposta pelo autor, a manifestação mais radical do que se tornou alvo da nova política de governança do futebol no início dos anos 1990, inclusive no caso inglês, é o flâneur. Em oposição ao que classifica de torcedores tradicionais e fanáticos, com forte identificação com o clube, Giulianotti compreende o flâneur como um burguês que busca diferentes experiências relacionadas ao futebol, possuindo uma postura afastada e fria até mesmo em relação a seu clube favorito, reproduzindo o comportamento de um consumidor comum que passeia observando as vitrines das diferentes lojas à sua frente em busca do que mais lhe agrade (GIULIANOTTI, 2012, p. 26 e 27).

É evidente que um processo de elitização e exclusão sistematizada como o contextualizado acima causaria, também, reações contrárias, especialmente daqueles que viram seu modo de torcer e seu acesso aos estádios ameaçados. É importante notar que, com a intenção de afastar aqueles grupos ou indivíduos que praticavam violência, uma lógica econômica elitista acaba por impossibilitar o acesso de uma parcela de torcedores muito maior do que aquela que realmente é responsável por atos violentos. Se opor a esse tipo de processo de exclusão não significa endossar, necessariamente – ainda que seja provável a presença de todo tipo de torcedor nesse movimento contestador –, a violência enquanto parte de uma cultura futebolística ativa, que não se contenta com a passividade consumista desejada pelo novo modelo.

O estudo de Nash (2000) contribui de forma significativa para o panorama geral que busco desenvolver aqui em relação às mobilizações contestadoras de torcedores ingleses a partir dessa nova conjuntura. O objetivo do autor é o de investigar a natureza dos movimentos denominados como ISA (sigla em inglês para Associação Independente de Torcedores, em tradução livre) enquanto a principal forma de organização torcedora – mas não a única, já que a Federação Nacional de Torcedores de Clubes de Futebol (NFFSC na sigla em inglês) existe

desde 1927, segundo Nash – em oposição aos valores capitalistas cada vez mais dominantes na primeira divisão inglesa, a Premier League. O estudo se volta para os exemplos da BIFA (associação de torcedores do Sheffield United), a INUSA (associação de torcedores do Newcastle United), a LCISA (associação dos torcedores do Leicester City) e a SISA (associação de torcedores do Southampton), ainda que esses não sejam os únicos casos e se referem apenas a um recorte de pesquisa[6].

A identificação de uma cultura de contestação própria das ISA's é baseada em duas questões centrais no processo de transformação ocorrido no futebol inglês: mudanças na demografia dos estádios, ou seja, quem passou a formar o público presente nos jogos, e a mudança física na estrutura dos estádios. As ISA's dos quatro clubes pesquisados por Nash se colocaram contrárias a elementos chaves que compunham a relação entre o modelo de livre mercado adotado e os torcedores. As contestações podem ser equalizadas em algumas categorias: a precificação dos ingressos orientada por preceitos meramente mercadológicos; a pouca importância dada às consequências dessa política de preços, preocupada apenas com a possibilidade de aumentar salários de jogadores e o orçamento para transferências; e, por fim, a remodelação dos estádios.

Segundo Nash, a preocupação com a questão da política de preços das associações de torcedores diz respeito, mais até do que uma questão de classe, a uma oposição entre um tipo de torcedor considerado genuíno, que centra sua relação com o clube nas raízes emocionais e de participação ativa nas arquibancadas, e o que chama de torcedores 'corporativos', que constroem sua relação com o clube a partir de fins econômicos. Nesse sentido, a classificação anterior feita por Giulianotti (2012) ganha o reforço de um exemplo empírico que, no caso inglês, é construída pelos próprios torcedores, ainda que se refiram muito mais a comunidades imaginadas, nos termos de Anderson (2008), do que a existência real de um grupo coeso de torcedores que vivenciavam, em tempos passados, o futebol de uma mesma maneira.

Além da questão econômica, as quatro ISA's possuíam um posicionamento ativo contra o racismo e o machismo, demonstrando um escopo político mais abrangente. Segundo Nash, estas associações de torcedores acabaram contribuindo para uma cultura de inclusão baseada nos significados sociais que os clubes podem exercer e na noção de comunidade, visando o envolvimento de grupos de torcedores socialmente minoritários (NASH, 2000, p. 475).

Já em relação às remodelações dos estádios, é significativo notar, como aponta o autor, que os quatro clubes pesquisados passavam, no final dos anos 1990, ou pela procura de

[6] Há dois artigos de Brown (2007; 2008) que tratam do caso do Manchester United e um de Kennedy (2012) sobre o Everton.

realocação para seus mandos de campo (casos de Southampton, Newcastle e Leicester) ou pela expansão de seu estádio (no caso do Sheffield). Discutir um modelo ideal de estádio era, portanto, frequente entre os torcedores dos clubes. Um ponto em comum defendido pelas quatro ISA's era o retorno dos *terraces* (que podem ser entendidos como as gerais nos antigos estádios brasileiros, um espaço de arquibancadas sem cadeiras), proibidas pós-relatório Taylor, em nome daquilo que os torcedores ingleses costumam chamar simplesmente de *atmosphere*, se referindo a um ambiente mais animado e participativo nos jogos. Recusavam as formas modernas de construção centralizadora de *atmosphere*, que não permitiam as expressões tradicionais de apoio por parte dos torcedores, como a presença de mascotes, *cheerleaders* ou bandas próprias do clube.

De acordo com as conclusões de Nash, tais associações não conseguiram atingir o nível de influência necessária para redirecionar as políticas de gestão dos clubes a ponto de democratizarem suas práticas nos termos propostos pelos torcedores. Ainda assim, esses movimentos representaram, num contexto de profunda transformação do futebol inglês, uma nova forma de associação torcedora em nome da valorização de perspectivas e maneiras próprias de vivenciar o futebol, contrária à imposição de cima para baixo de um modelo por parte de clubes e federações.

Em meio à transformação global no futebol e também despertando manifestações torcedoras contrárias a essa nova ordem que se estabelecia, o exemplo alemão, tratado a seguir, oferece outras perspectivas em relação aos papéis possíveis direcionados aos torcedores enquanto agentes do campo futebolístico, bem como uma alternativa no acolhimento da lógica mercantilizada na gestão de clubes profissionais.

## 1.2 Entre os *fanprojekt* e o caso St. Pauli na Alemanha

O contexto do futebol alemão profissional, ainda que também tenha sido profundamente afetado pelo processo de mercantilização intensificado descrito no tópico anterior, oferece exemplos de outras maneiras de lidar com desafios parecidos, ou seja, a motivação inglesa central na luta contra a violência física no futebol e as consequências da adoção da razão econômica como fio condutor na gestão dos clubes. Assim, este tópico possui três frentes: os *fanprojekt* como possibilidade dialógica no trato com os torcedores; o exemplo do clube St. Pauli como outra maneira de lidar tanto com o aspecto econômico quanto com pautas identitárias progressistas no futebol; e, por fim, algumas reivindicações recentes por parte de torcedores de clubes alemães.

De acordo com Minands e Grau (2016), o fenômeno do *hooliganismo* na Alemanha, identificado pelos autores como uma importação da Inglaterra, se tornou um assunto de dimensão pública durante o final dos anos 1970 e ao longo dos anos 1980, sendo caracterizado, além da violência física, por episódios de racismo e xenofobia. Tradicionalmente, a maneira estatal, na busca do controle de torcedores violentos, se dava através da repressão. Os *fanprojekt* significam, portanto, uma nova forma de abordagem e tentativa de controle da violência no esporte para além da repressão. Tal modelo teve origem no final da década de 1980 e se formou enquanto instituição independente de clubes, torcidas e forças de segurança estatais, sendo composto por educadores e assistentes sociais visando construir um trabalho sociopedagógico com jovens torcedores. Ainda que a independência seja um elemento base na constituição dos projetos, os autores destacam que o financiamento dos mesmos se realiza da seguinte maneira: a confederação alemã de futebol e a liga alemã de futebol bancam 50% da operação, enquanto o município que abriga o *fanprojekt* e seu respectivo estado federativo completam a segunda metade, indicando o interesse público no sucesso do modelo.

Ainda de acordo com Winands e Grau (2016), o primeiro registro de um *fanprojekt* na Alemanha se deu em Bremen, mas os projetos se espalharam por Hamburgo, Dortmund e Bielefeld desde o início do processo, considerando as particularidades e funcionamento diferenciado de cada um deles. Em Bielefeld, por exemplo, havia um contato próximo entre o projeto e a Universidade de Bielefeld em nome da produção de pesquisas sobre o tema. Fora da Alemanha, Giulianotti e Millward (2013) indicam a presença de projetos semelhantes na Polônia, República Tcheca e Áustria, apontando para o potencial dos *fanprojekt* funcionarem como um modelo a ser aplicado ao redor do mundo.

Os projetos funcionam como centro de apoio, partindo de uma ideia baseada no diálogo com torcedores que, em contrapartida, cumpram com a expectativa de atuarem como interlocutores na resolução de conflitos (inclusive os violentos) dentro de associações de torcedores (TEIXEIRA, 2018, p. 117). Os *fanprojekts* atuam em nome dos interesses dos torcedores nas relações de disputa travadas contra outros agentes do campo, como poderia ser interpretado em termos de Bourdieu (1983a): como clubes, tribunais de justiça e força policial. Por outro lado, há uma obrigação de que os projetos forneçam, a partir de um pedido da polícia, informações de crimes cometidos por esses mesmos torcedores, dificultando a produção e manutenção de confiança entre profissionais socioeducativos e os torcedores alemães, sendo esse um desafio central para a eficácia e sucesso dos *fanprojekts* (MINANDS; GRAU, 2016, p. 10).

Não é difícil perceber o contraponto feito ao modelo inglês. Se, por um lado, na Inglaterra, a lógica generalizada do combate à violência se deu, durante anos, pela exclusão daqueles identificados como os causadores dos episódios, na Alemanha, a partir dos *fanprojekt*, a ideia é justamente de aproximação, apoio e diálogo, com a esperança de que através de processos sociopedagógicos seja possível alterar o contexto geral. Não deve passar despercebido o fato de que a alternativa alemã é apenas uma das formas aplicadas e não necessariamente o caminho único adotado pelo país, já que, como destacado no tópico anterior, o processo de elitização e exclusão de parcelas de torcedores também ocorreu e vem sendo contestada.

Um segundo exemplo vindo da Alemanha é o do clube St. Pauli. Com sua trajetória razoavelmente bem registrada por matérias jornalísticas[7], dado seu modo alternativo de existência no futebol profissional, abordo o caso a partir de um olhar mais crítico e menos idealizado, como costuma ocorrer entre os torcedores de futebol conhecedores do clube alemão, baseado teoricamente em conceitos propostos por Nancy Fraser (2002) e Pierre Bourdieu (2008). Fundado em 1910, localizado em um bairro operário em Hamburgo, o St. Pauli, clube tradicionalmente participante da segunda divisão do futebol alemão[8], ganhou visibilidade por assumir, em seu estatuto oficial, políticas antinazismo, antirracismo e anti-homofobia, respondendo a um crescente movimento neonazista na Alemanha dos anos 1990 que possuía ressonância entre seus torcedores. Essa nova identidade se mantém até os dias atuais e, a partir de uma postura alternativa de lidar com o profissionalismo e a mercantilização do futebol, o clube se tornou uma referência entre torcedores progressistas pelo mundo. Exemplos práticos não faltam: entre 2002 e 2010, o clube teve Corny Littman, um homossexual assumido, como presidente; o apoio dado ao FC Lampedusa, time formado por refugiados recém chegados à Alemanha; e a participação intensa dos torcedores na política interna do clube, exemplo dado por Sandra Schwedler, presidente do Conselho de Supervisão do St. Pauli, que esteve presente no III Seminário Internacional de Estudos de Futebol, ocorrido em setembro de 2018, na condição de palestrante, indicando que os grupos de torcedores autonomamente organizados são o que fazem o clube pulsar, como demonstra Totten (2016).

As práticas do clube remetem, portanto, à política de reconhecimento cultural e identitária tratada por Fraser (2002). Segundo a autora, o processo de globalização tem retirado a gramática de classe da centralidade dos movimentos sociais e suas reivindicações, sendo

---

[7] Matéria sobre o St. Pauli: https://medium.com/puntero-izquierdo/st-pauli-o-clube-que-vai-al%C3%A9m-b58c69b63cba Acesso em 08 de novembro de 2018.

[8] A última vez que o clube disputou a primeira divisão foi em 2011, quando foi rebaixado novamente.

direcionada agora para as políticas culturais de identidade. Para Fraser, que constrói um novo conceito de justiça social, as políticas de reconhecimento devem estar associadas às políticas de redistribuição, essas mais voltadas ao aspecto econômico da vida social. Segundo a autora, o caminho para o que classifica de justiça social bifocal passa, necessariamente, pela junção dos dois aspectos citados, não sendo possível alcança-la com a predominância ou existência única apenas do reconhecimento ou apenas da redistribuição.

Levando em conta a proposta de justiça bifocal de Fraser, a filosofia do clube, que pode ser valorizada por possuir uma lógica baseada na inclusão de diferentes grupos sociais, não quebra com o processo de mercantilização e racionalização profissional do esporte, apenas utiliza outros caminhos para se sustentar, de maneira consciente ou não. Ainda que preze pela independência da gestão ao negar, por exemplo, a venda dos *naming rights* de seu estádio, deixando de arrecadar mais dinheiro de forma intencional – aqui, uma postura notadamente anticapitalista em sua essência –, o clube possui um departamento de marketing, atletas assalariados, setor VIP em seu estádio e uma gestão fundamentada no profissionalismo exigido pelos valores que dominam o futebol moderno e que permitem ao St. Pauli ter um dos maiores orçamentos entre os clubes da segunda divisão alemã.

Uma pergunta surge, então: como a fama de anticapitalista pode sustentar o clube dentro do capitalismo? O exemplo dado por Bourdieu (2008) ao tratar da produção das crenças e de bens simbólicos indica um caminho de interpretação. A filosofia e prática alternativa do St. Pauli, muitas vezes reconhecida como anticapitalista, acaba por gerar um capital simbólico que se converte em capital financeiro, permitindo a existência do clube dentro da lógica hegemônica do futebol moderno mercantilizado. Segundo Bourdieu, mesmo em um cosmo econômico, que produz e gera ganhos financeiros, a denegação destes mesmos ganhos, através de posições supostamente antieconômicas, como que livres e puras das relações que produzem as riquezas, possuem uma racionalidade econômica própria e, de forma alguma, deixa de gerar ganhos a seus responsáveis (BOURDIEU, 2008, p. 19 e 20).

É neste sentido que o departamento de marketing do St. Pauli, além das receitas esperadas vindas de direitos televisivos, renda do estádio geralmente lotado e demais patrocinadores, possui elementos para alavancar o orçamento do clube. Não é raro encontrar, no Brasil, torcedores com a camisa do St. Pauli, ou a venda de camisetas, nas lojas oficiais do clube, destacando sua política inclusiva[9]. Para sobreviver sob o capitalismo de forma alternativa, ainda num contexto futebolístico profissional e de elite, sem grandes sucessos

[9] Imagem de uma camiseta oficial do clube com a inscrição "No human is ilegal": https://cdn-images-1.medium.com/max/800/1*IpaLCMUmSxXZ-hWRrbfqIQ.jpeg Acesso em 8 de novembro de 2018.

esportivos para exaltar, o clube adotou adaptações e estratégias simbólicas, o que nem sempre agrada uma parcela da torcida, evidenciando a heterogeneidade presente na realidade e as disputas entre diferentes agentes associados à vida do clube. Existem exemplos de torcedores que desejam o fechamento da loja oficial do clube, a produção própria de suas camisetas e que revelam o incômodo com o caráter turístico que o clube passou a carregar, sentindo-se traídos pelo que entendem como o abandono da real identidade do clube[10].

A mercantilização do futebol também incomoda torcedores de uma série de outros clubes alemães. Em 2018, foi possível notar um número acentuado de protestos nas arquibancadas de clubes participantes das três primeiras divisões do país. Torcidas de Werder Bremen, Bayern de Munique e Colônia permaneceram em silêncio nos 20 primeiros minutos de suas partidas no dia 25/09/2018 pela Bundesliga, a primeira divisão alemã. As razões dos protestos são diversas: alto preço dos ingressos, horários das partidas definidos a partir dos interesses televisivos, ignorando os interesses de torcedores, e o desmembramento das rodadas com jogos em diversos dias da semana, como às segundas feiras.

A torcida do Borussia Dortmund adotou outra estratégia: um boicote ao jogo da 24ª rodada do campeonato alemão, que atingiu um público de quase 25 mil torcedores a menos do que sua média no estádio. Em Frankfurt, os torcedores do Eintracht atiraram bolinhas de tênis no campo, atrasando o início do segundo tempo da 23ª rodada, também em protesto contra as partidas realizadas às segundas feiras.

Ainda que possua regras mais rígidas em relação, por exemplo, à compra dos clubes alemães por investidores estrangeiros, a federação de futebol alemã (DFB, na sigla em alemão) é geralmente o alvo destes protestos, enquanto instituição que permite que interesses financeiros de outros agentes do campo futebolístico, como os canais de televisão e patrocinadores, se sobreponham aos interesses de torcedores.

Do ponto de vista das associações de torcedores, os grupos *ultras*[11] são geralmente apontados como os responsáveis pelo engajamento e definição de pautas entre as torcidas. Segundo Hollanda e Lopes (2018), a designação *ultras* representa, tanto na Alemanha como na quase totalidade dos países europeus, a principal subcultura de torcedores. Os *ultras* possuem, como marca de distinção, o compromisso com sua cultura que ultrapassa o tempo de jogo,

---

[10] Reportagem sobre o St. Pauli destacando as diferentes visões entre torcedores: https://www.youtube.com/watch?v=9efuiQUC4dc Acesso em 8 de novembro de 2018.

[11] No senso comum, os *ultras* são geralmente comparados com as torcidas organizadas no Brasil e as barras bravas na Argentina, no sentido de indicar um grupo de torcedores que possui um nível maior de coesão interna e determinados modos de comportamento coletivo compartilhados, gerando uma espécie de modelo de organização torcedora que escapa aos limites italianos originais, espalhando-se ao redor do mundo. Grupos de torcedores italianos utilizam, também, outras nomenclaturas, como as *tifosi*.

buscando uma participação maior e efetiva nos processos políticos e decisórios internos dos clubes, também como forma de crítica e oposição à hipermercantilização do futebol (HOLLANDA & LOPES, 2018, p. 217).

De acordo com Merkel (2012), em 2010, cerca de 5 mil torcedores *ultras*, dos mais diferentes clubes da Alemanha, marcharam em Berlim contra o alto preço dos ingressos, a fragmentação das rodadas em vários dias da semana, a repressão policial e a venda dos *naming rights* dos estádios, demonstrando que as reivindicações centrais em 2018 já possuem um lastro entre os torcedores mais ativos politicamente. Há, ainda, um movimento específico denominado "12:12", que defende uma pauta mais bem definida contra a diminuição do espaço para torcedores visitantes nos estádios alemães[12].

A seguir, assim como ocorre no caso alemão, o protagonismo dos *ultras* nas manifestações e disputas políticas se verifica também na Itália. Porém, o exemplo italiano adiciona complexidade ao tema, demonstrando como grupos de torcedores podem caminhar por diferentes rumos ideológicos tendo a oposição ao "futebol moderno" como ponto de partida.

## 1.3 A luta contra o "futebol moderno" na Itália

O lema "ódio eterno ao futebol moderno" é, provavelmente, a manifestação de contestação à mercantilização do futebol mais conhecida ao redor do mundo. Por outro lado, o significado atribuído ao chamado "futebol moderno" segue em disputa. Ainda que exista, em certo nível, um consenso contra a mercantilização do esporte, outros aspectos da adesão e manifestação contra o "futebol moderno" podem gerar divergências. O exemplo da Itália, em específico, permite compreender que não há uma única disputa entre instituições, clubes e detentores do poder financeiro e associações de torcedores, mas também uma disputa entre torcedores com ideais políticos e ideológicos diferentes.

Em primeiro lugar, em busca de alguma definição mais precisa para o conceito, recorro ao artigo de Numerato (2015), que discorre acerca da ideia de "moderno" utilizada pelas manifestações torcedoras. Segundo o autor, o significado atribuído por eles em nada se relaciona com o que a sociologia se acostumou a considerar em suas produções teóricas, como em Durkheim (2004), que aponta a sociedade moderna em contraste e oposição às sociedades tradicionais. O "moderno" utilizado pelos torcedores diz respeito ao contexto globalizado em

[12] Reportagem sobre os protestos de torcedores na Alemanha em 2018: https://www.dw.com/pt-br/sil%C3%AAncio-contra-a-comercializa%C3%A7%C3%A3o-do-futebol-na-alemanha/a-45645362 Acesso em 8 de novembro de 2018.

que o futebol está inserido, altamente envolvido na complexa lógica de produção de mercadorias dentro do esporte e a superexploração midiática contemporânea voltada ao futebol (NUMERATO, 2015, p. 121).

O início do uso do lema contra o "futebol moderno" é razoavelmente bem conhecido. Em dezembro de 1999, um torcedor da Roma, clube da capital italiana, publicou um manifesto na internet[13] contendo críticas às organizações internacionais de futebol como a UEFA e a FIFA, regras que "torcedores verdadeiros" gostariam de ver sancionadas, especialmente contra as práticas e valores comerciais/capitalistas hegemônicos, e uma lista com comportamentos que os grupos *ultras* deveriam adotar. A versão atual possui tradução para o inglês, alemão e francês, além de indicar um espaço para sugestões dos leitores. A página também contém o registro de apoio de mais de 80 grupos de torcedores provenientes de 22 países (sendo 21 europeus e um grupo do Canadá), ainda que o alcance das manifestações contra o "futebol moderno" seja muito maior. Parte da torcida do Juventus, clube paulistano do bairro da Mooca, por exemplo, possui cantos com termos semelhantes utilizados no manifesto.

Em sua primeira parte, uma espécie de introdução, o manifesto chama a atenção para a associação entre UEFA, FIFA, os representantes de interesses televisivos e patrocinadores, alertando para a prioridade dada para os telespectadores e o descaso com os torcedores que frequentam os estádios. Há uma preocupação com o desaparecimento dos torcedores *ultras*, em nome da preferência para os "fãs moderados". Fica clara, assim, uma hierarquização entre tipos de torcedores, em consonância com a taxonomia mencionada nos tópicos anteriores, separando as categorias entre moderados e verdadeiros. As preocupações nesse sentido também se relacionam com as propostas contidas no Relatório Taylor, como a que indica a necessidade de assentos por todo o estádio, alterando a cultura dos torcedores mais participativos durante as partidas. O manifesto aponta que essa nova cultura, com torcedores sentados assistindo passivamente ao jogo, é comparável ao ambiente de um teatro ou cinema.

Em seguida, entre normas que torcedores "verdadeiros", em classificação feita pelo autor do manifesto, gostariam de ver implementadas no futebol, o texto, em sua versão traduzida em inglês, lista 11 demandas diretas[14]. A lista de reivindicações, separadas por tópicos, pode ser observada no quadro abaixo[15]:

---

[13] O manifesto pode ser lido na íntegra, bem como o registro de apoio de grupos de torcedores: http://www.asromaultras.org/manifesto.html#against Acesso em 17 de novembro de 2018.

[14] A versão em italiano possui dois itens a mais. Um contra a abertura dos clubes enquanto empresas nas bolsas de valores e a segunda sobre um ajuste de preços no setor de visitantes.

[15] Dada a não existência de uma versão do manifesto em português, a tradução é minha.

Quadro 1: Manifesto contra o futebol moderno, parte 1

| **Manifesto contra o futebol moderno** | |
|---|---|
| **Sobre jogadores** | - Compra/venda de jogadores somente no início da temporada, não durante o campeonato;<br>- Liberdade para expressar felicidade após o gol. Agora é possível recuperar o tempo nos acréscimos;<br>- Limitação de jogadores estrangeiros (eu não os usaria nunca[16]) nas equipes porque eles ocupam o lugar de jovens jogadores nacionais;<br>- Impedir por um ano a prática de futebol do jogador que tentar sair do clube depois de ter assinado um contrato por conta de uma proposta melhor;<br>- Exclusão dos nomes dos jogadores nas camisetas de jogo. |
| **Sobre clubes e dirigentes** | - Impossibilidade de um presidente de clube de futebol ser o presidente ou acionista principal de outro clube de futebol[17]; um dono ou acionista de um clube também não deve patrocinar um outro clube que pode, possivelmente, enfrentar em campo[18];<br>- Números das camisetas na ordem de 1 a 11;<br>- Manter a camisa tradicional do clube em todas as temporadas. De qualquer forma, deixar as cores sociais dos clubes para as camisetas de jogos fora de casa; |

[16] O conteúdo em parênteses no quadro é de autoria do próprio autor do manifesto.
[17] No momento em que o manifesto foi escrito, a Roma e a Fiorentina eram presididos pelo mesmo indivíduo.
[18] Também no momento em que o manifesto foi publicado, o dono do Chelsea, Roman Abramovich, patrocinava o CSKA, da Rússia, e ambos poderiam se enfrentar na Liga dos Campeões.

| | |
|---|---|
| | - Proibição para os clubes que deem os ingressos de jogos fora de casa exclusivamente para agências de viagem. |
| **Sobre confederações e/ou federações organizativas** | - Todos os jogos devem ser disputados no mesmo dia, no mesmo horário;<br>- Retomada da velha Copa dos Campeões: é absurdo que um time que jamais tenha vencido o campeonato nacional (como o Parma na Itália) possa vencer a Liga dos Campeões. |

Entre as reivindicações expostas no manifesto, há uma em especial que aponta para o potencial polissêmico dessas contestações: a indicação de limitação do número de jogadores estrangeiros nos clubes europeus, em nome da utilização de jovens jogadores das categorias de base (o autor do manifesto ainda coloca, entre parênteses, que preferiria que não fosse permitida a presença de estrangeiros em absoluto). O que pode ser interpretado como mero posicionamento contrário à lógica mercantilizada de jogadores profissionais e a valorização de jovens criados no clube, também acaba por abrir espaço para manifestações de cunho racista e xenófobo, algo que parte dos grupos *ultras*, especialmente na Itália, adota como hábito. Nesse sentido, as associações de torcedores citadas nos casos inglês e alemão, que também se posicionam contra o processo de mercantilização do futebol, entrariam em conflito com suas propostas de inclusão social. Por outro lado, há registro de associações de grupos *ultras*, como no caso do *Progetto Ultrà*, que possui em suas pautas e reivindicações, além das contestações em torno do projeto neoliberal no futebol, a promoção de atividades de inclusão social e protestos contra o racismo (NUMERATO, 2015, p. 131).

Em sua parte final, demonstrando também a centralidade da discussão envolvendo os *ultras* no contexto, há uma série de recomendações que tais grupos deveriam seguir:

Quadro 2: Manifesto contra o futebol moderno, parte 2

| **Segundo o manifesto, os ultras deveriam[19]:** |
|---|
| - Recusar qualquer contato ou ajuda de clubes de futebol; |
| - Recusar qualquer “ajuda” da polícia: a polícia deve controlar, não ajudar; |

[19] A tradução também foi feita por mim a partir da versão em inglês do manifesto.

| |
|---|
| - Ter poucos grupos diferentes na arquibancada; |
| - Ir a jogos fora de casa por conta própria; |
| - Coordenar com *ultras* de outros clubes iniciativas para danificar o produto da televisão; |
| - Violar qualquer limitação feita pelas autoridades: por exemplo, se eles disserem "*ultras* não devem ir a jogos fora de casa", os *ultras* devem ir mesmo assim por conta própria, se posicionado no meio de outros torcedores, como nos anos 1980. |

De forma geral, todas apontam para a necessidade de independência dos torcedores, como na recusa de associação ou ajuda vindas de clubes e polícia, assim como a proposta de união entre *ultras* de diferentes clubes para causar danos ao que o manifesto classifica de "produto da TV". Tentativas de coordenação entre torcedores *ultras* ocorreram, como nos casos do *Progetto Ultrà*, citado acima, e a *Supporters in Campo*, na Itália, e a *Football Supporters Europe* e *Supporters Direct Europe*, com alcance continental (NUMERATO, 2015, p. 127).

Um documento produzido pela polícia italiana em 2004, citado por Santos (2017), aponta para a complexidade ideológica do contexto a partir da identificação de mais de 400 grupos *ultras* ativos na Itália naquele momento. Apesar de não conter informações sobre o que foi considerado como um posicionamento de esquerda ou direita (e até mesmo o que significa ser apolítico), uma classificação dos grupos *ultras* foi produzida da seguinte maneira: "apolítico (54%), esquerda (13%), extrema-esquerda (6%), direita (16%) e extrema-direita (9%)" (SANTOS, 2017, p. 242). Em outro exemplo, Mark Bray aponta para a iniciativa de torcedores italianos antifascistas, na primeira década dos anos 2000, de associarem-se a grupos *ultras* considerados "neutros" politicamente para terem alguma possibilidade de exercer sua militância no campo futebolístico, já que a presença de adeptos do fascismo na Itália era comum, tanto fora quanto dentro do futebol (BRAY, 2019, p. 239-240).

Um exemplo dos diferentes posicionamentos políticos entre os *ultras* também pode ser verificado a partir do recorte de gênero. O "Sampdoria Rude Boys & Girls" (Garotos e Garotas Rudes da Sampdoria, em tradução livre) alterou seu nome oficial, que anteriormente indicava apenas a presença de homens, após o contato com um panfleto antissexista distribuído por torcedores alemães. As manifestações machistas, porém, também estão presentes, como no caso dos torcedores do Ternana Calcio que se manifestaram contra as novas políticas de segurança

nos estádios, com uma faixa contendo os dizeres "Quem são esses *stewards*[20]? Nos deem pelo menos algumas *hostesses*[21]!" (NUMERATO, 2015, p. 131 e 132). Ainda que não esteja citado diretamente no manifesto contra o "futebol moderno", o desejo pela retomada de valores "tradicionais" nas arquibancadas também se relaciona com o ideal de masculinidade adotado por alguns grupos *ultras*, dificultando não só a união entre agrupamentos de orientações políticas e sociais diferentes na Itália, como os exemplos demonstram, mas impedindo também o apoio de torcedores progressistas de outras origens à causa geral contra a hipermercantilização do futebol. A adesão a um *slogan*, como no caso da oposição ao "futebol moderno", pode gerar, assim, o desejo pelo retorno a uma realidade idealizada (como se tornou comum no Brasil a referência ao "futebol raiz" dos anos 1990) que, na verdade, já era problemática e baseada em diferentes estruturas de opressão, e não necessariamente a adesão a um projeto, no mínimo, progressista.

Uma rápida digressão: em sentido semelhante ao do debate proposto por Fraser (2002), tratado no tópico sobre o futebol alemão, a saída mais eficiente para equalizar os diferentes interesses e gerar solidariedade entre um número cada vez maior de torcedores é a compreensão de que o desenvolvimento histórico do capitalismo se baseou, além da óbvia exploração econômica que resulta hoje no processo de mercantilização do futebol, em estruturas de opressão como o racismo e o machismo[22]. O desconhecimento de tal processo é o que permite, por exemplo, um grupo *ultra* fascista se posicionar contra o futebol mercantilizado, mas ignorar pautas feministas e antirracistas, resultando em uma enorme contradição. Em termos acadêmicos, a principal abordagem do momento talvez seja a da interseccionalidade[23], proposta inicialmente por Kimberlé Crenshaw (2004), que busca justamente trabalhar com os diferentes marcadores sociais para alcançar uma compreensão mais ampla nos desafios vividos pela classe trabalhadora.

O desafio, no caso dos *ultras* antifascistas na Itália e como também será mostrado na relação entre torcidas organizadas e coletivos de torcedores no Brasil, é o de justamente

---

[20] Em geral, formam a segurança privada nos estádios "modernos", identificados com coletes de cores chamativas. Facilmente observáveis em qualquer transmissão pela TV de jogos internacionais.

[21] Optei por manter o termo na língua original do artigo, inclusive por seu frequente uso entre falantes de português. A tradução indicaria algo como "recepcionistas", talvez não acentuando suficientemente o cunho machista da frase proferida pelos torcedores.

[22] O documentário "Rotas da Escravidão", que pode ser facilmente encontrado na internet, demonstra como a ideia de raça foi construída a partir de necessidades econômicas de exploração, especialmente para justificar o processo de escravidão que europeus impunham a outros povos.

[23] O conceito de consubstancialidade proposto por Kergoat (2010) caminha no mesmo sentido geral, apesar de críticas que a autora direciona à ideia de interseccionalidade de Crenshaw. Longe de querer entrar nesse debate, minha intenção é a de indicar a necessidade de não hierarquizar diferentes processos de opressão e a importância de pensá-los em conjunto.

conseguir levar em conta, ao mesmo tempo, todos os processos de dominação produzidos pelo capitalismo, baseados nos diferentes marcadores sociais (como raça e gênero, categorias criadas historicamente) carregados por torcedores. A crítica à lógica neoliberal pelo viés exclusivamente econômico, que ignora outros processos de opressão, não dá conta de solucionar as problemáticas levantadas pela pluralidade de identidades existentes no meio do futebol, sendo o caso das mulheres, citado dois parágrafos acima, apenas um dos recortes possíveis[24].

O artigo de Numerato (2015) busca, ainda, indicar mais elementos que compõem a heterogeneidade de significados e ações de torcedores no contexto italiano. Os diferentes avanços, retrocessos, negociações e enfrentamentos entre os diferentes agentes são tratados pelo autor a partir do conceito de reflexividade, central na obra de Anthony Giddens. Para Giddens, "a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter" (GIDDENS, 1991, p. 49). Numerato interpreta as iniciativas dos torcedores contra as práticas neoliberais no futebol como expressão dessa reflexividade, enquanto potencial para uma mudança social, bem como as respostas dadas pelos agentes que trabalham no sentido de promover e lucrar com essas políticas, como clubes, federações, canais de televisão, patrocinadores e afins, de forma que as mobilizações críticas por parte de torcedores não possuem um fim único em direção ao progresso e transformação social, mas que podem gerar reações que reafirmam os valores que são os alvos dos protestos.

Pelo lado das iniciativas torcedoras, os exemplos são variados. Numerato cita o manifesto contra o "futebol moderno", além de ações como a "greve" dos torcedores, deixando o estádio vazio durante as partidas, assim como ocorreu entre torcidas da Alemanha. O autor cita o exemplo da torcida do Parma, em um jogo pela Copa da Itália de 2005, que esvaziou as arquibancadas, deixando apenas uma faixa com os dizeres "Vocês preferem dinheiro ao invés de torcedores? Essa é a arquibancada que vocês merecem" (NUMERATO, 2015, p. 126). As motivações para esses protestos são variadas. Um segundo exemplo diz respeito à manifestação de torcedores da Roma, em 2010, contra uma espécie de carteira de identidade para os torcedores, que desconfiavam que tal dispositivo seria usado de maneira comercial e para controle de suas ações.

[24] Apenas a indicação do grupo de "mulheres" já esconde uma série de outros marcadores sociais possíveis, como raça, classe e sexualidade, por exemplo, que implicam em experiências diferentes dentro de um contexto tão conservador como o do futebol.

Como exemplo de reflexividade envolvendo os agentes que lucram com as práticas neoliberais no futebol, o autor destaca a apropriação dos dizeres contestadores por parte dos torcedores, transformando-os em mercadoria. O paralelo com o caso do St. Pauli, citado anteriormente, é imediato. Frases de protesto são reproduzidas em camisetas, faixas, adesivos e qualquer outro tipo de produto, adotando a mesma lógica mercantil que é criticada. No exemplo trazido por Numerato, consta que a produção dessas camisetas é feita por uma multinacional do ramo de roupas esportivas (NUMERATO, 2015, p. 121). É preciso refletir até que ponto, portanto, as estruturas capitalistas estão realmente sendo incomodadas neste processo e se o potencial de transformação social está sendo alcançado.

Uma segunda forma de possível cooptação das manifestações contestatórias de torcedores por parte dos agentes que possuem a capacidade de definir as direções do campo futebolístico vem a partir do exemplo dos SLO (sigla em inglês para Supporter Liaison Officer, uma espécie de representação oficial das vozes torcedoras, atuando enquanto órgão mediador entre clube e torcida). A exigência de um SLO passou a existir na temporada de 2012-2013 para todos os clubes participantes de competições europeias. O que poderia ser considerada uma vitória por parte das associações torcedoras, possuindo a partir de então um reconhecimento público de sua existência e de seus interesses, pouco alterou o contexto geral. Para Numerato, "o reconhecimento formal dos torcedores pode representar uma resposta a agendas mais gerais de torcedores de futebol ao invés de uma resposta direta à luta contra o futebol 'moderno'" (NUMERATO, 2015, p. 129). Ainda segundo o autor, apesar de tal legitimidade alcançada, os torcedores na Itália continuaram a ser vistos através das lentes da criminalização e consumismo, ainda longe da participação direta nos processos de tomada de decisão.

## 1.4 O futebol europeu como ideal dos grupos estabelecidos no campo futebolístico da América Latina

Ao longo dos próximos capítulos, ao abordar especificamente o caso brasileiro, aponto como vários dos temas discutidos anteriormente sobre o futebol em países europeus se reproduzem, em maior ou menor medida, no Brasil e, de forma mais abrangente, na América Latina, apesar das particularidades de cada contexto. A busca pela reprodução não ocorre por coincidência ou mero acaso. O futebol se adequa e se torna parte de um processo de globalização que envolve muito mais do que o esporte. As ciências sociais já trataram das relações de dominação econômica, social e política entre Europa e América Latina. A seguir,

trato de algumas vertentes teóricas que trabalharam a partir deste tema e servem de base para a construção desta pesquisa.

No caso da sociologia brasileira, são tradicionalmente citados os trabalhos de Fernandes (2005) e de Cardoso e Faletto (2000), que teorizaram a relação entre as regiões europeia e latino-americana em termos de desenvolvimento/subdesenvolvimento, centro/periferia e do conceito de dependência, que busca expor a vinculação direta entre sistema econômico e sistema político, tanto internamente quanto nas relações com países estrangeiros de capitalismo central (CARDOSO & FALETTO, 2000, p. 508). Os autores buscam realizar um duplo movimento: em primeiro lugar, rejeitam a interpretação evolucionista da história, que guarda à América Latina uma posição natural de atraso em relação à Europa, como se estivéssemos caminhando na mesma direção, com um único ponto de chegada possível e atravessando os mesmos estágios de desenvolvimento; por outro lado, recusam adotar uma interpretação isolada da América Latina, enquanto uma região independente do contexto global. O que buscam é justamente perceber a relação entre os continentes sob o capitalismo, a partir de heranças da colonização, compreendendo o contexto social e político local e global, que permitiram determinadas transformações com determinadas características.

Como pensar, por exemplo, o processo recente de transformação dos estádios brasileiros sem levar em conta a subordinação tanto de instituições esportivas nacionais, agentes públicos, a imprensa esportiva e parte dos torcedores em relação a padrões e modelos estrangeiros? Santos (2017) analisa o recebimento dos megaeventos esportivos em território brasileiro, um tema frequente entre a bibliografia voltada à análise sobre o esporte no Brasil, como o grande vetor da chamada arenização dos estádios brasileiros. O conceito de arena esportiva se baseia em modelos que possuem influência tanto da Europa como dos Estados Unidos e se configuram em grandes complexos que são projetados para receber uma série de eventos, como shows musicais, e não só o futebol. Se o recorte for ainda mais específico e o olhar se voltar para a Copa do Mundo de 2014, o que ficou conhecido como “Padrão FIFA” para a construção ou reforma dos estádios brasileiros ignorou as culturas locais e formas de torcer próprias do nosso futebol, em uma imposição evidente de valores que não nos pertencem em nome da “modernização”, “evolução”, “desenvolvimento” não só do futebol nacional, mas também do país, utilizando termos tão próprios de uma relação pautada pelos preceitos evolucionistas citados anteriormente.

A aceitação passiva por parte de clubes e instituições esportivas que comandam o futebol brasileiro, como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – que projetavam lucros financeiros a partir de tais transformações –, das exigências contidas no “Padrão FIFA” geraram

consequências diretas para grande parte dos torcedores brasileiros que frequentavam tais estádios, tanto daqueles clubes que receberam partidas por competições da entidade internacional como outros que, por conta própria, também remodelaram ou construíram novos estádios a partir destes mesmos parâmetros. Dois exemplos que apontam para essa direção: o Maracanã, maior estádio do Brasil, possuía, antes da primeira reforma visando o recebimento dos Jogos Panamericanos de 2007, um setor conhecido como "Geral", sendo o espaço com ingressos mais baratos do estádio, possibilitando um acesso maior de torcedores de baixa renda. A identificação com o espaço era tal que os torcedores eram chamados de "geraldinos". A "Geral" foi substituída por mais um setor repleto de cadeiras, seguindo o modelo proposto pelo Relatório Taylor na Inglaterra, acarretando no aumento dos preços dos ingressos e na exclusão de torcedores que não reuniam mais condições de comparecer ao estádio; a torcida do Grêmio possuía uma maneira característica de comemorar os gols do time quando mandante das partidas: a avalanche. Marcado o gol, os torcedores corriam arquibancada abaixo gerando o efeito visual que justificava o apelido. Ao construir seu novo estádio, que não foi utilizado para a Copa do Mundo, mas que também seguiu os preceitos "modernos" recomendados pela FIFA, barras de ferro foram colocadas nas arquibancadas, passando a impedir a realização da avalanche. Um aspecto próprio de um modo de torcer gremista foi excluído em nome de valores como "segurança" e "conforto", sempre citados como trunfos das arenas esportivas[25].

Uma segunda abordagem teórica, agora pelo viés da análise crítica do processo de globalização, é produzida por Milton Santos, geógrafo brasileiro. Uma síntese de seu pensamento pode ser acessada através do documentário "Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá"[26], dirigido por Silvio Tendler (2006), em que expõe alguns de seus conceitos centrais, como o de globalitarismo, compreendendo a globalização enquanto um movimento autoritário de dominação dos países centrais, envolvendo Europa e Estados Unidos, em relação aos países periféricos, especialmente na América Latina.

Como caracterizar, se não pela caricatura, a existência de *cheerleaders* e/ou a "câmera do beijo" em arenas esportivas brasileiras? Ambos os fenômenos, nesse caso com clara inspiração em práticas encontradas em complexos esportivos estadunidenses, ocorrem, por exemplo, no Allianz Parque, estádio reformado do Palmeiras, e indicam outros elementos da

---

[25] Em 2010, por iniciativa do Ministério do Esporte, o "Manual de recomendações para a segurança e conforto nos estádios de futebol" foi elaborado para orientar a construção de novos estádios no Brasil. O manual pode ser acessado em sua integra no link: https://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/esporte/manual_de_recomendacoes_para_a_seguranca_e_conforto_nos_estadios_de_futebol.pdf Acesso em 15 de janeiro de 2019.

[26] O documentário pode ser assistido na íntegra: https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM Acesso em 24 de novembro de 2018.

dominação cultural em marcha. O globalitarismo nos reserva, assim, também no contexto do esporte como entretenimento, um papel de reprodução e negação da possibilidade de pensar maneiras de ser próprias, que façam sentido para a nossa realidade.

Outra manifestação do globaritatismo é a hegemonia da razão econômica como meio de gerir o futebol, enquanto característica central do processo de mercantilização do futebol, que também atinge a América Latina. Os exemplos existem tanto na administração interna dos clubes, voltados a uma gestão dita profissional do futebol, com uma política de preços que elitiza seu público, também colocando em pauta a preferência por outro perfil de torcedor como discutido no caso da Inglaterra, mas também nos modelos de negócios envolvendo as reformas e construções de novos estádios, como a venda dos *naming rights* para empresas estrangeiras.

Um caso de relativo sucesso de mobilização torcedora contrária à tal lógica comercial no futebol vem da torcida do San Lorenzo, da Argentina. Em 1979, a ditadura no país forçou a venda do estádio do clube, localizado no bairro Boedo na capital argentina, por uma quantia praticamente simbólica, e acabou repassando o terreno para uma rede de supermercados francesa. Mesmo após ter construído um novo estádio em outro bairro, inaugurado em 1994, a relação de identificação da torcida com seu espaço original, e o consequente desejo de retorno, continuava presente. Em 2012, favorecidos por uma lei de restituição histórica, fortemente apoiada nas ruas por torcedores do San Lorenzo, que obrigava a rede de supermercados a entrar em um acordo de revenda do terreno com o clube argentino, a torcida se mobilizou e até arrecadou dinheiro para concretizar seu retorno. O desfecho só se deu em 2015, com a recompra do terreno original pelo clube[27].

A relação sentimental de identificação com um espaço específico no futebol, ocorrido tanto no caso dos "geraldinos" com a Geral do Maracanã e a torcida do San Lorenzo com Boedo, é teorizada através do conceito de topofilia, já trabalhado por Tuan (1974), mas levado à análise do futebol por Giulianotti (2002). Segundo o autor, os estádios de futebol, mesmo o campo de jogo, evocam determinadas memórias e criam determinadas expectativas. As características próprias de alguns estádios, seus locais vizinhos, a arquitetura específica de uma arquibancada, passam a ser idealizadas pelos torcedores, gerando um sentimento específico, possibilitando a criação de um *status* especial de um estádio em relação a outros. Por consequência, é construído um caráter sociogeográfico que representa a comunidade local e os torcedores (GIULIANOTTI, 2002, p. 97). O que os exemplos citados acima demonstram é que

[27] Um relato jornalístico sobre o caso e a cultura da torcida de valorização de seu bairro: http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/latinoamerica-futbol-club/post/toda-espera-tem-seu-fim.html Acesso em 27 de novembro de 2018.

a adoção de padrões e modelos construídos a partir de outras realidades não levam em conta e acabam com relações sociais próprias das localidades em que são aplicados.

Uma terceira possibilidade teórica de análise do futebol latino-americano é a abordagem decolonial, representada aqui por Aníbal Quijano (2005; 2010), sociólogo peruano, que propõe a investigação da relação Europa-EUA/América Latina a partir do conceito de colonialidade. Em primeiro lugar, é preciso estabelecer a diferença entre colonialismo e colonialidade. O primeiro se refere a uma estrutura específica de dominação e exploração de uma população, em que suas instituições políticas e decisões relacionadas a recursos de produção e trabalho são controladas por um povo estrangeiro a partir de outro território, baseado, frequentemente, em relações raciais de poder. Neste sentido, o colonialismo é um fenômeno mais antigo, ainda que a colonialidade, como seu resquício direto, esteja se provando mais profunda e duradoura, sendo identificada além das estruturas político-econômicas de exploração que permanecem e se reproduzem agora de maneira também interna. (QUIJANO, 2010, p. 73). Expressões gerais de colonialidade podem ser encontradas no campo da cultura, das relações raciais, da produção de conhecimento e, como proponho neste tópico, também no futebol, contando com a anuência de suas elites e grupos estabelecidos. A questão da discriminação racial, por exemplo, é latente. Dificilmente um ano se passa sem casos declarados de racismo em competições sul-americanas como a Libertadores e a Copa Sul-americana. Os dados reunidos pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul apontam que, no ano de 2017, 43 casos de racismo foram registrados durante a temporada do futebol brasileiro, 72% de aumento em relação ao ano de 2016[28].

Quijano localiza assertivamente a origem das estruturas raciais, enquanto modo de hierarquização e dominação de povos, como produto direto do processo de colonização do continente americano. Segundo o autor, a noção de raça em seu sentido contemporâneo não possui história prévia à "América". Baseando-se em supostas estruturas biológicas que diferenciam os grupos, novas identidades sociais foram produzidas no continente a partir de sua colonização, como os índios, negros e mestiços (QUIJANO, 2005, p. 107).

A contribuição do autor peruano ainda permite a inclusão, além dos aspectos econômicos e raciais levantados, da discussão em torno das estruturas de dominação em relação ao gênero. Segundo Quijano (2010), os três elementos – trabalho, raça e gênero – estão articulados em uma mesma estrutura global colocada em prática através da colonialidade do

[28] O relatório completo pode ser lido aqui: http://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2017/RELATORIO_DISCRIMINCACAO_RACIAL_2017.pdf Acesso em 15 de janeiro de 2019.

poder, aproximando a produção do autor das discussões sobre interseccionalidade tratadas anteriormente. Talvez o trabalho com maior repercussão discutindo a questão de gênero no futebol, especificamente a produção e reafirmação da masculinidade, seja o de Archetti (2003). O autor, antropólogo argentino, articula futebol, tango e pólo para dissertar acerca não só de uma identidade nacional, mas uma identidade masculina na Argentina. No que se refere ao futebol, o exemplo de Maradona enquanto representante de um tipo de futebol livre, baseado no talento e no drible, em oposição ao estilo inglês, mais duro e disciplinado, é o que simboliza o ideal masculino argentino.

O estudo do futebol através da posição subalternizada ocupada pela América Latina no processo de globalização e na relação com outras regiões do mundo, definida ainda nos processos de colonização, permite um alcance abrangente de temas. Porém, para que abandonemos a função reprodutiva de modos de vida que não são nossos, simbolizado pela analogia da caricatura, é preciso que as soluções para os problemas impostos também não sejam importadas acriticamente. Para tanto, é necessário compreender primeiramente como está estruturada a realidade futebolística brasileira em específico, alvo do próximo capítulo.

FIGURA 1 – Torcida do St. Pauli em manifestação contra a homofobia em jogo contra o Paderborn, abril de 2013.

Fonte: Trivela[29]

[29] Reportagem completa: https://trivela.com.br/torcedores-do-st-pauli-fazem-manifestacao-contra-homofobia/ Acesso em 04 de outubro de 2019.

FIGURA 2 – Torcida do Eintracht Frankfurt protesta contra jogos às segundas-feiras atirando bolinhas de tênis no campo de jogo.

Fonte: Globo Esporte[30]

FIGURA 3 – Adesivo do grupo “Rude Boys & Girls”, formado por torcedoras e torcedores da Sampdoria. Em italiano, a mensagem diz “Ama a Samp, odeia o racismo”.

Fonte: footballstickers_ontheroad (Instagram)[31]

[30] Reportagem completa em: https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-alemao/noticia/torcedores-do-eintracht-atiram-bolinhas-de-tenis-no-campo-contra-jogo-na-2-feira.ghtml Acesso em 04 de outubro de 2019.

[31] Ver em: http://hotsta.org/media/2094380842953656447_15183991363 Acesso em 04 de outubro de 2019.

FIGURA 4 – Protesto da torcida do San Lorenzo em 2012 nas ruas de Buenos Aires, reivindicando o retorno a Boedo.

Fonte: Medium[32]

[32] Ver texto completo em: https://medium.com/@guiegydio/um-retorno-para-a-sua-ra%C3%ADzes-92b161f3669a Acesso em 04 de outubro de 2019.

# 2. O CAMPO FUTEBOLÍSTICO BRASILEIRO: uma análise de sua hierarquia interna

Realizado o balanço sobre as mobilizações políticas de torcedores em alguns clubes europeus no primeiro capítulo, é necessário voltar o olhar para a realidade brasileira e suas características particulares. Interpretando o contexto nacional do esporte como um campo específico, a partir da proposta de Pierre Bourdieu (1983a), num primeiro momento, o conceito será mais bem trabalhado para compreender suas características e o que implica considerar o futebol brasileiro desta forma, bem como compreender os conceitos de capital e *habitus*, que compõem a interpretação geral. Na sequência, o esforço será o de identificar a hierarquia presente no campo futebolístico brasileiro, identificando quais são os agentes que o compõem e suas estratégias para manutenção e/ou transformação da ordem hierárquica interna, estabelecendo o terreno para tratar diretamente dos coletivos de torcedores no capítulo seguinte.

## 2.1 Fundamentos do conceito de campo em Bourdieu

O campo, conceito elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, pode ser definido como um espaço simbólico e social de disputa entre agentes, um microcosmo que possui maior ou menor grau de autonomia (jamais independente, porém) em relação a espaços sociais mais amplos, possuindo regras específicas de relação entre tais agentes. Os agentes, que podem ser grupos sociais diversos e/ou instituições, travam relações de disputa e poder através da acumulação de diferentes tipos de capitais, resultando em uma hierarquia própria de cada campo, indicando quem possui a autoridade necessária, reconhecida pelos outros agentes, para determinar o sentido do campo e direcionar as tomadas de decisão (BOURDIEU, 2004, p. 23 e 24).

Outra ferramenta teórico-metodológica proposta por Bourdieu que se torna essencial para a compreensão do campo é o conceito de capital. O autor aponta para a existência de outros tipos de capitais além do que indica o senso comum e outras análises sociológicas, geralmente preocupados exclusivamente com o capital econômico/financeiro. Bourdieu, apesar de reconhecer a centralidade do aspecto financeiro nas ações potenciais dos agentes, amplia o escopo analítico para a possibilidade de acumulação de capitais simbólicos, como os sociais e culturais. Os capitais simbólicos podem ser adquiridos pelos indivíduos ao longo da vida através de diferentes maneiras, seja pelo prestígio de possuir um diploma universitário, seja por cultivar

relações sociais próximas a pessoas influentes publicamente, por construir uma carreira em uma empresa de destaque, por adquirir determinados gostos e posturas através de tradições familiares e assim em diante. No que diz respeito às possiblidades de ganho simbólico por parte de instituições, é possível relembrar aqui o exemplo do St. Pauli, clube de futebol alemão citado no capítulo anterior. O clube se aproveita de prestígio e reconhecimento para reverter o capital simbólico acumulado em capital econômico e conseguir ser esportivamente mais competitivo.

O reconhecimento e valor dado a cada tipo de capital pode variar de acordo com as regras específicas de cada campo, legitimando ou não o capital acumulado de determinado agente ou instituição. O conceito de *habitus*, do mesmo Bourdieu (2003, p. 54), torna-se, então, importante para a compreensão do método aqui aplicado, sendo o meio analítico responsável por indicar as disposições incorporadas pelos indivíduos ao longo de suas vidas. Ou seja, os indivíduos, integrantes de um ou mais campos específicos, carregam em si, através dos processos de socialização familiar e/ou educacional formal, modos de comportamento e de ação, modos de lidar e interpretar a realidade que, consequentemente, impactam o campo a que pertencem.

A utilização do conceito de campo é relativamente frequente nas ciências sociais, a começar, obviamente, pelo próprio autor, que produziu textos clássicos sobre o campo científico (BOURDIEU, 1983) e o campo das artes e produções culturais (BOURDIEU, 2008). Por outro lado, sua utilização voltada ao esporte ainda é incipiente, mesmo que Bourdieu (1983b; 1990) já tenha se referido à análise sociológica do esporte em algumas oportunidades, muito mais voltado, porém, à prática esportiva em si do que a disputa política envolvendo outros agentes do campo.

Souza e Marchi Júnior (2009) buscam construir um balanço das pesquisas que utilizaram o método bourdieusiano na análise esportiva, bem como apontar para alguns preceitos fundamentais para sua utilização, abrindo o caminho para o uso da teoria reflexiva de Bourdieu para a análise sociológica dos esportes. Os autores reconstroem o passo a passo sugerido por Bourdieu para a análise de um campo específico. Em primeiro lugar, é preciso compreender como tal campo se posiciona diante do campo do poder, ou seja, qual o grau de autonomia este microcosmo possui em relação ao macrocosmo. Em segundo lugar, é preciso identificar a estrutura interna do campo em referência às relações sociais objetivas travadas pelos agentes que o compõem, possibilitando compreender sua hierarquia própria e as possibilidades de ação de cada grupo de agentes e instituições. Por fim, leva-se em conta os *habitus* próprios dos agentes, indicando as disposições incorporadas por eles e que podem

influenciar e ser influenciados pela ordem interna do campo (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2009, p. 300).

Uma das vantagens da utilização do conceito para a análise sociológica diz respeito ao pressuposto de disputa, de relações entre agentes que possuem interesses diferentes e buscam colocar em prática estratégias que os façam atingir seus objetivos. Como indica Bourdieu (1983a) acerca do campo científico, a noção de campo acaba quebrando com a ideia de comunidade, de um campo homogêneo, de interesses semelhantes e parceria entre seus integrantes. Os agentes localizados em cada campo específico, dotados de seus *habitus* próprios, lutam pela permanência ou para a transformação da ordem interna, de acordo com suas posições na hierarquia. Como será destacado à frente, na análise do campo futebolístico brasileiro, os agentes não estão necessariamente sempre em disputa, havendo espaço para parcerias e interesses em comum. Para relacionar mais uma vez com o capítulo anterior, é importante lembrar como os torcedores, de maneira geral, sempre estão na parte de baixo da hierarquia dos campos futebolísticos, com pouca capacidade de influência nas principais decisões e transformações em que são os mais afetados.

Em consequência ao pressuposto de disputa, Elaine Pereira (2015) indica que "pensar a partir do conceito de campo é pensar de forma relacional. É conceber o objeto ou fenômeno em constante relação e movimento" (PEREIRA, 2015, p. 341). Desta forma, é possível superar a dicotomia entre indivíduo/sociedade, debate comum na sociologia que se refere ou à imposição das estruturas sociais sobre os indivíduos ou com a análise individualista que aponta para a total liberdade de ação independente das estruturas, abrindo possibilidades para observação da relação entre os dois polos e a influência mútua e dialética entre eles.

A aplicação do conceito de campo para a análise do futebol brasileiro não é necessariamente inédita, ainda que pouco utilizada até este momento. Pinto (2017), por exemplo, se refere ao campo futebolístico brasileiro em sua pesquisa, porém não é seu objetivo identificar quais são os agentes formadores deste e qual a hierarquia estabelecida entre eles. E é justamente este o objetivo neste capítulo: apontar para as instituições e grupos de agentes mais relevantes e que estão em disputa direta, entre relações de dominação e parceria, seja para a manutenção da ordem interna vigente, seja para a transformação da mesma. O esforço será o de identificar como se dão as relações de poder entre os agentes, que tipo de capital é essencial para determinar essas relações e que tipo de *habitus* cada agente, grupos de agentes e instituições trazem ao campo. É importante notar como a análise se limita ao recorte desta pesquisa, focando especialmente na elite do futebol brasileiro profissional, entre suas divisões nacionais de topo, em que os clubes foram afetados pelas transformações estruturais recentes

de forma mais intensa. É possível que, em outras realidades futebolísticas contidas no Brasil, a hierarquia interna composta pelos agentes seja diferente e/ou outros grupos surjam como mais ou menos influentes.

Os agentes identificados, a partir destes critérios, são os seguintes: grupos de comunicação e mídia, representantes do Estado, confederações e federações de clubes, clubes de futebol, jogadores de futebol e torcedores organizados. Certamente, não se pretende esgotar os estudos voltados a cada um dos agentes citados, sendo a intenção principal produzir uma visão geral sobre cada um deles para poder, nos capítulos seguintes, voltar o foco para os coletivos de torcedores.

## 2.2 Grupos de comunicação e o capital econômico como meio de dominação

O Brasil certamente não escapou ao processo de mercantilização do futebol, descrito especialmente a partir do caso inglês no capítulo anterior. Se o contexto brasileiro não deve ser visto como mera reprodução do processo europeu, pelo menos no protagonismo de grupos de comunicação e mídia, especialmente os televisivos, há muitas semelhanças. Com o foco em transformar o futebol em mais um produto de entretenimento, os canais televisivos rapidamente se tornaram agentes importantes do campo futebolístico, disputando os direitos de transmissão das partidas - que englobam, no Brasil, transmissões para a TV aberta, TV fechada e o chamado *pay-per-view*, serviço de assinatura que garante ao cliente o acesso a todas as partidas dos campeonatos que contrata. No Brasil, há uma série de canais televisivos na TV fechada voltados exclusivamente ao esporte, a maioria deles possuindo capital financeiro de origem estrangeira. Entre os canais estão a ESPN Brasil (pertencente à Walt Disney Company), a Fox Sports (pertencente à Fox Network Group), o Esporte Interativo (que pertence à Turner Broadcasting System) e o BandSports (do Grupo Bandeirantes de Comunicação), o único canal pertencente a um grupo de comunicação nacional entre os citados.

Porém, para a análise do caso brasileiro, não há como escapar de um olhar mais cuidadoso voltado à Rede Globo, principal grupo de comunicação no país e que possuiu, por décadas, a hegemonia das transmissões do futebol brasileiro, seja por seu canal na TV aberta, seja por seu canal esportivo na TV fechada, o SporTV, seja pelo serviço de *pay-per-view*, o Premiere Futebol Clube (PFC). É bem verdade que o capital financeiro acumulado pela Globo possui outras raízes e vertentes, sendo o futebol apenas um de seus produtos. Ainda assim, é justamente através de seu capital financeiro acumulado que a empresa exerce seu poder e

autoridade no campo futebolístico brasileiro, construindo relações de dependência e dominação com boa parte dos outros agentes do campo, especialmente com os clubes de futebol.

Com contratos que envolvem cada vez mais dinheiro, a venda dos direitos de transmissão é parte considerável do orçamento dos clubes brasileiros[33]. Raramente com sua economia saudável, é prática comum entre os clubes o adiantamento de cotas relativas aos contratos de concessão da imagem de seus jogos com a Globo. Nesta lógica de dependência financeira, é improvável que um clube, caso assim deseje, consiga se relacionar de maneira equilibrada e ter a possibilidade de fazer valer seus interesses frente à Globo.

Há, porém, no ano de 2019, um exemplo de como a relação entre clubes e redes de televisão pode ser diferente. Durante as cinco rodadas iniciais do Campeonato Brasileiro de 2019, o Palmeiras ainda era o único clube, entre os 20 que compõem a primeira divisão nacional, a não ter fechado o contrato que garantiria à Globo o direito e exclusividade de transmissão das partidas do time no campeonato[34]. Pela lei brasileira, uma partida só pode ser transmitida caso o canal de televisão possua contrato com os dois clubes envolvidos no jogo. A falta de acerto com a Globo gerou um fato que não ocorria com o clube desde 2003, quando teve partidas não televisionadas pela última vez. Mas é preciso compreender que o Palmeiras, apesar de ser um dos clubes mais tradicionais do país (o que lhe confere capital simbólico acumulado no campo), só conseguiu planejar financeiramente seu ano de 2019 sem o aporte financeiro oriundo da venda de seus direitos de transmissão após anos de reestruturação econômica[35], fortemente baseada nos preceitos que orientam o futebol profissional de elite contemporâneo, como a elitização de seu estádio. Ou seja, na relação específica entre grupos televisivos e clubes de futebol, o capital determinante, o que garante autoridade e reconhecimento, é o financeiro[36].

No que diz respeito aos contratos de transmissões da TV fechada e *pay-per-view*, que são negociados de maneira independente e com montantes financeiros menores do que para a TV aberta, o Palmeiras não esteve sozinho. Contou com a companhia de Internacional, Santos,

---

[33] Para ilustrar, em 2017, a parcela correspondente aos direitos de transmissão significava cerca de 70% do orçamento do Goiás para o ano todo. Ver mais em: http://cassiozirpoli.com.br/a-participacao-das-cotas-de-tv-em-2017-nas-receitas-de-20-clubes-brasileiros/ Acesso em 07 de maio de 2019.

[34] Por outro lado, a transmissão de outros campeonatos em que o time paulista esteve envolvido seguia normalmente, já que envolvem negociações diferentes. É o caso do Campeonato Paulista, da Copa do Brasil e da Copa Libertadores.

[35] A não dependência da venda dos direitos de transmissão vem sendo percebida nas contas palmeirenses desde 2016, como indica a matéria: http://www.espn.com.br/noticia/692698_estudo-palmeiras-e-o-time-da-serie-a-que-menos-depende-de-direitos-de-tv-no-orcamento Acesso em 7 de maio de 2019.

[36] Uma segunda possibilidade seria a negociação coletiva por parte dos clubes, se apresentando enquanto grupo frente a Globo em nome de um interesse em comum. Movimento semelhante ocorreu durante o chamado Clube dos 13, que será abordado no tópico sobre os clubes neste mesmo capítulo.

Fortaleza, Athletico Paranaense e Bahia no contrato com o Grupo Turner (que utiliza o canal Esporte Interativo para as transmissões) para a TV fechada. No caso do *pay-per-view*, porém, apenas o Athletico Paranaense seguiu sem acerto.

A negociação entre Palmeiras e Globo teve fim entre a 5ª e a 6ª rodada do campeonato e foi considerada exitosa pelo clube[37]. O Palmeiras possuía três objetivos principais: diminuir a distância entre o que recebia e os valores destinados a Corinthians e Flamengo, que lideram o ranking de arrecadação com os direitos de transmissão; a exclusão da multa imposta pela Globo aos clubes que fecharam com o Grupo Turner – demonstrando mais uma faceta da hegemonia da Globo no campo, punindo aqueles que seguiram por outro caminho; e, por fim, um contrato de validade mais curta. O Palmeiras atingiu os dois objetivos iniciais, porém assinou um contrato de validade igual aos demais clubes, cedendo os direitos de suas partidas por seis anos.

Se é possível apontar um *habitus* próprio dos agentes de comunicação e mídia, é através da reflexão sobre o papel que cumprem no que classifico de despolitização do campo futebolístico, que nada mais é do que considerar o futebol como mera mercadoria a ser consumida acriticamente pelos torcedores. Como visto anteriormente, o perfil de torcedor que passou a ser buscado e construído a partir da intensificação do processo de mercantilização do futebol foi o do cliente, o indivíduo que consome os produtos futebolísticos (que surgem das mais variadas formas: camisas e mercadorias referentes aos clubes, os jogos na televisão, a audiência dada a programas de debate esportivo e afins) sem grande emoção ou comprometimento. Uma abordagem crítica em relação ao futebol se torna um inconveniente para a lógica de mercado que o orienta, carregando o potencial de conflitos dos mais variados tipos, incompatível com a postura de um simples cliente.

Uma manifestação neste sentido partiu de Tiago Leifert, jornalista da TV Globo e por alguns anos apresentador do 'Globo Esporte', diário esportivo tradicional da rede. Leifert é considerado um símbolo da transformação do jornalismo esportivo da Globo (OSELAME, 2010; MELO e OLIVEIRA, 2011) – que impacta e dita novas tendências na imprensa esportiva como um todo, dado o protagonismo da emissora –, adotando um estilo menos formal, quase humorístico, no trato diário das notícias e acontecimentos relacionados ao esporte nacional. Em um texto de opinião publicado pelo site da Revista GQ em 2018, intitulado "Evento esportivo não é lugar de manifestação política", Leifert afirma sua compreensão do futebol enquanto

---

[37] Nota oficial do Palmeiras quando do acerto final com a Globo: http://www.palmeiras.com.br/news/2019/05/23/nota-oficial-sobre-transmissao-do-campeonato-brasileiro.shtml Acesso em 27 de maio de 2019.

espaço separado do restante da sociedade, mostrando-se incapaz de notar as relações econômicas e de poder (políticas, portanto) intrínsecas ao esporte e às relações sociais necessárias para produzi-lo. Segundo o jornalista, o futebol deve ser consumido como "um desligamento da realidade" (LEIFERT, 2018).

O processo de despolitização é, evidentemente, mais generalizado e pode ser observado em outros contextos de nossa sociedade. Fernandes (2017) aplica tal interpretação ao analisar, utilizando-se do conceito de pós-política, os desafios e possibilidades do campo da esquerda a partir das manifestações ocorridas em junho de 2013 e os governos petistas, que ocuparam o poder político-institucional de 2003 a 2016. De acordo com Žižek (1999), a pós-política enfatiza uma suposta necessidade de abandonar velhas divisões ideológicas em nome da razão tecnocrata, encontrando novas soluções a partir da deliberação e senso comum, ignorando os conflitos básicos impostos pelo capitalismo. A função do futebol neste contexto, como expõe Leifert, é a de suspender a realidade, ignorando as relações de disputa que o produzem. Só é possível aproveitar o futebol, a partir desta interpretação, se a alienação for completa, com o consumo de um produto dito inofensivo. A dominação econômica, sendo apenas um dos exemplos, é fundamental para determinar os rumos do campo futebolístico brasileiro, sendo impossível a dissociação de atividades de entretenimento e temas políticos.

A manifestação de Leifert gerou grande repercussão – em boa parte negativa[38] –, demonstrando, enquanto uma propriedade importante do conceito de campo, como um *habitus* dominante e generalizado não é necessariamente totalitário, permitindo posturas e atitudes diferentes dentro de um mesmo grupo de agentes. Um exemplo de dissonância é o da ESPN Brasil, que conta em seu quadro com alguns jornalistas que apresentam diferenças fundamentais em seus *habitus* em relação ao que vem sendo apontado como processo de despolitização. Se não é possível apontar a emissora, pertencente ao Walt Disney Company, como revolucionária dentro de seu campo de atuação – especialmente após demissões e saídas de jornalistas e diretores que carregavam um modo de ser crítico em relação ao futebol –, já que age a partir dos mesmos preceitos mercadológicos de seus pares, a produção de matérias jornalísticas que apontam para a impossibilidade de separação entre esporte e temas político-sociais surge como alternativa e potencial de parceria com outros agentes do campo que partilham do mesmo *habitus*, como é o caso dos coletivos de torcedores. Como exemplo, a emissora produziu em

[38] Reportagem que aponta uma série de opiniões contrárias de outros jornalistas em relação ao texto de Leifert: https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/02/a-melhor-resposta-ao-texto-de-tiago-leifert-veio-do-jornalista-jamil-chade.html Acesso em 7 de maio de 2019.

2017 uma série de reportagens, de autoria da jornalista Gabriela Moreira[39], denominada "Futebol fora do armário: a homofobia e a dificuldade de assumir a sexualidade no esporte"[40], que promove o debate sobre sexualidade e homofobia no futebol brasileiro a partir da experiência pessoal dos entrevistados.

Por mais que a Rede Globo domine as relações hierárquicas dentro do campo a partir de seu capital financeiro, gerando não só dependência econômica, mas impondo seu *habitus* que despolitiza o campo, o olhar mais cuidadoso aponta para possibilidades de quebra tanto a partir dos clubes – quando estes conseguem se estabilizar financeiramente e equilibrar as negociações – quanto por agentes jornalísticos, ainda minoritários, que possuem outros *habitus* e abrem portas para agentes dominados no campo, visando a transformação de sua ordem interna.

### 2.2.1 Representantes do Estado: transição entre campos e autoridade

De maneira geral, seria desnecessário dissertar acerca da capacidade do Estado para se impor enquanto autoridade reconhecida em qualquer campo específico em estudo – e o futebolístico não foge à regra. Principal instituição reguladora das possibilidades de ação de indivíduos e coletivos na modernidade, parte fundamental para a permanência do capitalismo enquanto sistema econômico vigente, o Estado assume hierarquia quase "natural" e incontestável em um senso comum pouco crítico e despolitizado. Por outro lado, é preciso voltar o olhar para as particularidades que representantes estatais específicos colocam em jogo no campo futebolístico brasileiro.

Em primeiro lugar, há uma relação econômica entre governos, enquanto gestores do Estado sob o modelo democrático liberal representativo, e os clubes de futebol. Em abril de 2019, dados sobre as dívidas dos clubes com a União foram divulgados pela Procuradoria Geral da Fazenda Nacional[41]. As dívidas somam R$ 1,8 bilhão com o governo federal, tendo o Atlético-MG como o maior devedor, somando mais de 350 milhões de reais em débito. Os

---

[39] A mesma jornalista gerou repercussão quando repreendeu, ao vivo, um torcedor que reproduzia xingamentos homofóbicos. Ver mais em: https://www.terra.com.br/esportes/futebol/estaduais/campeonato-paulista/reporter-da-bronca-em-palmeirense-por-provocacao-homofobica,1b1f95422535c410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html Acesso em 7 de maio de 2019.

[40] A primeira reportagem da série está disponível aqui: http://www.espn.com.br/video/706248_o-futebol-saiu-do-armario-a-homofobia-e-a-dificuldade-de-assumir-a-sexualidade-no-esporte-veja-a-1-reportagem-da-serie?fbclid=IwAR2P8ht1bMQCT2BmjRQMHF98A2MfAHVh_OutyECq7BXtXs50kVVW_fiIqCQ Acesso em 7 de maio de 2019.

[41] Mais informações em: https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/04/clubes-da-serie-a-devem-r-18-bilhao-para-a-uniao-veja-ranking.shtml Acesso em 23 de maio de 2019.

valores são referentes ao não pagamento de uma série de impostos, formados por débitos considerados regulares e irregulares.

Para lidar com o montante que devem, um grupo de clubes conseguiu, em 2015, articular um acordo de refinanciamento de tais dívidas públicas, através do Programa de Modernização da Gestão de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (Profut). O programa envolve o perdão de parte dos juros/multas e o alongamento dos prazos de vencimento das dívidas, incluindo uma série de contrapartidas exigidas aos clubes – que em boa parte foram conquistadas pelo movimento de jogadores denominado Bom Senso F.C., a ser explorado ainda neste capítulo – como, por exemplo, o compromisso de cumprir com o pagamento em dia de suas obrigações com os atletas. Após o Profut, porém, os clubes já acumularam mais dívidas públicas na casa de 100 milhões de reais, apontando para a pouca eficiência da iniciativa enquanto resolução da questão.

A relação aparentemente "amigável" entre agentes estabelecidos no campo, que indica os programas de refinanciamento de dívidas[42] sem ganho visível para o Estado, pode ser interpretada a partir da passagem e mútua acumulação de capital entre agentes do campo futebolístico e do campo político-institucional. Não são raros os casos de indivíduos que construíram uma carreira no esporte (como jogadores, dirigentes e jornalistas) e acumularam capital simbólico suficiente para adentrarem o campo da política partidária. Entre os casos mais conhecidos na contemporaneidade está o do presidente da Argentina até 2019, Mauricio Macri, ex-presidente do Boca Juniors, um dos times mais populares do país, e de Silvio Berlusconi, ex-primeiro-ministro italiano que comandou o A.C. Milan, um dos clubes mais tradicionais do mundo, por 31 anos.

No Brasil, além de dirigentes de clubes que já assumiram cargos públicos através de eleições, o caso de Romário, histórico jogador brasileiro, chama a atenção, sendo eleito em 2018 para o Senado Federal. A capacidade do campo futebolístico de produzir representantes de seus interesses – é claro, dos interesses dos agentes bem posicionados na hierarquia interna – através das eleições é tanta que os eleitos acabaram ficando conhecidos, especialmente entre o jornalismo esportivo mais crítico, como a "Bancada da Bola"[43]. Este grupo, formado por

---

[42] Em 2006, o Governo Lula criou a Timemania, loteria elaborada para contribuir com o pagamento da dívida pública dos clubes. Ver mais em: https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,lula-assina-criacao-da-timemania-e-pede-incentivo-aos-clubes,34741 Acesso em 30 de maio de 2019.

[43] O jornalista José Cruz aponta para os integrantes da "bancada da bola" em 2014: https://josecruz.blogosfera.uol.com.br/2014/05/quem-e-quem-na-bancada-da-bola-2/ Acesso em 28 de maio de 2019.

políticos eleitos em parceria com dirigentes de clubes, federações e CBF, age no sentido de proteger os interesses desses grupos de agentes do campo futebolístico.

Considerando a popularidade do esporte no Brasil, o futebol também se torna um meio de acumulação de capital simbólico para agentes próprios do campo político-partidário, tornando arriscada qualquer ação que seja considerada "antipática" voltada aos clubes. A relação direta entre o governo brasileiro e o futebol vem de longa data, seja durante o período de ditadura civil-militar (OLIVEIRA, 2012), com estádios sendo levantados em todo o território nacional como demonstração de força, unidade e pujança financeira do país, seja no retorno do período democrático, em que praticamente todos os presidentes se relacionaram diretamente com o futebol de alguma maneira: Fernando Henrique Cardoso recebeu os campeões do mundo de 2002 no Palácio do Planalto; Luiz Inácio Lula da Silva interferiu para que o Corinthians obtivesse um estádio próprio[44]; Dilma Rousseff também usou do expediente de investir dinheiro público para a construção de estádios para a Copa do Mundo de 2014; e Jair Bolsonaro, ainda antes de assumir o cargo, em 2018, participou da festa em campo do campeão brasileiro Palmeiras, levantando a taça, dando volta olímpica e tirando fotos com os jogadores.

No caso dos atores político-partidários e do futebol brasileiro, a relação aparenta, portanto, fornecer ganho para os dois lados, ainda que uma série de outros agentes do campo não se beneficie ou sequer se veja representado por tais associações, como será abordado no caso dos coletivos de torcedores do Palmeiras e a presença de Jair Bolsonaro na festa do título de 2018. Se há uma característica do *habitus* estatal no campo futebolístico é justamente a do conservadorismo, na promoção de ações que caminham no sentido da manutenção da ordem do campo a partir de sua reconhecida autoridade.

Uma segunda relação direta entre instituições estatais e outros agentes do campo futebolístico diz respeito à participação da Polícia Militar (PM). Responsabilidade de governos estaduais, não é esperada uma homogeneidade completa no comportamento e maneira de abordar o futebol entre as diferentes PM's do país, podendo variar, por exemplo, entre maior e menor possibilidade de diálogo com outros agentes, especialmente os torcedores organizados.

A PM se torna um agente relevante no campo a partir de sua participação na gestão da segurança dos estádios durante os jogos[45], quando se coloca em relação direta com os torcedores organizados, comumente apontados, como no caso dos *hooligans* tratados no capítulo anterior,

---

[44] Ver mais em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/10/1825398-arena-do-corinthians-foi-presente-para-lula-diz-patriarca-da-odebrecht.shtml Acesso em 25 de maio de 2019.

[45] Ao contrário do que acontece em uma série de países pelo mundo, como no caso da Inglaterra, a segurança nos estádios de futebol possui a Polícia Militar como principal responsável, apesar de contar também com funcionários de segurança privada.

como os principais responsáveis pelos casos de violência no esporte. Uma das principais formas de negociação é o uso de elementos importantes para a forma de torcer própria das organizadas – como bandeiras, uniformes, instrumentos e outros adereços – enquanto forma de punição ou gratificação. Ou seja, se há bom comportamento, de acordo com os padrões definidos pela PM, ocorre a liberação de tais elementos. Se, por outro lado, a torcida organizada participa de algum evento violento e seja considerada responsável, a punição ocorre e pelo menos um desses elementos é suspenso. É verificável, portanto, a relação de autoridade e dominação entre tais agentes estatais e as torcidas organizadas, que dependem das liberações para colocarem em prática sua forma específica de torcer nos estádios brasileiros.

De forma a expor a complexidade da questão, ainda é preciso apontar para a superficialidade da interpretação que indica as torcidas organizadas como as únicas responsáveis pela violência no futebol. Como aponta o artigo de Segura, Murzi e Nassar (2018), há uma série de outros atores que engajam no jogo simbólico e prático da violência no esporte, sendo as forças de segurança um deles. Em trabalho de campo para uma pesquisa paralela, pude presenciar uma demonstração simbólica de força – e o consequente preparo para o combate – por parte da PM de Goiás, que possui um batalhão específico para a segurança de eventos esportivos e culturais[46], antes de um clássico entre Vila Nova x Goiás, no estádio Serra Dourada em agosto de 2018, disputado com a determinação de torcida única[47]. Os clássicos municipais envolvem, em geral, uma tensão adicional e particular, onde os ânimos entre os torcedores estão recorrentemente mais exaltados que o normal e episódios violentos são registrados com frequência. Momentos antes do início da partida, um grupo de policiais ocupou um espaço entre as arquibancadas e o campo de jogo, posicionando-se em lugar de destaque, facilmente visível entre todos os presentes e entoou uma espécie de grito de guerra, com o líder do grupo em evidência vestindo um tipo de capacete com adornos que remetiam aos utilizados por gladiadores romanos. É preciso refletir se tais performances não acabam exaltando ainda mais os ânimos, caminhando no sentido contrário do propósito da segurança pública.

Outra consequência da hierarquia estabelecida entre agentes estatais e torcedores de futebol é o recorrente abuso de autoridade envolvendo humilhação e por vezes agressões aos torcedores. Demonstrando o comportamento generalizado entre diferentes estados do país, há

[46] O fato de contar com um batalhão especial para a segurança das partidas acaba incluindo um aspecto específico à relação entre os policiais e as torcidas organizadas de Goiás: a relação entre lideranças, seja das torcidas ou da PM, se torna mais próxima e pessoal, sendo comum o reconhecimento entre eles antes, durante e depois dos jogos, tratando-se a partir do primeiro nome. Se, por um lado, pode facilitar negociações, uma atitude ou decisão desfavorável de uma das partes, pode ser encarada como algo pessoal, tornando a relação mais complexa e instável.
[47] Naquela oportunidade, apenas a torcida do Vila Nova estava presente.

dois casos recentes que se tornaram públicos e expõem a relação: o primeiro envolvendo a torcida do Corinthians, após um jogo no Maracanã, quando os torcedores relataram a obrigação de passarem por um 'corredor polonês', sendo agredidos por policiais militares[48]; e, mais uma vez no estado de Goiás, quando a PM obrigou, durante uma revista após um jogo do Goiás, torcedores do clube a gritarem "Vila", em referência ao principal rival, o Vila Nova[49].

Se, por um lado, o Estado compartilha de sua distinção enquanto agente estabelecido e age de maneira amigável com outros agentes bem posicionados na hierarquia – como no caso dos clubes –, a relação é, em geral, de dominação em relação a agentes marginalizados, como os torcedores organizados. Os ganhos mútuos partilhados por dirigentes de futebol e políticos não se verifica na análise da relação com as torcidas organizadas, em que a ordem é reforçada, por vezes, com ações violentas.

### 2.2.2 CBF: entre o domínio institucional e econômico

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), com seu nome e estrutura atuais, foi fundada em setembro de 1979, quando a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), responsável por todos os esportes olímpicos brasileiros, foi dissolvida. A CBD, por sua vez, foi precedida pela Federação Brasileira de Sports (FBS), originalmente fundada em junho de 1914. Apesar de utilizar de símbolos nacionais, como a bandeira brasileira e tocar o hino nacional em jogos da Seleção, a CBF é uma empresa privada comum, possuindo o lucro como fim[50].

Enquanto instituição máxima do futebol brasileiro, a CBF é responsável pela organização de torneios nacionais (entre eles o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil), bem como pela Seleção Brasileira. A CBF é filiada tanto à Conmebol quanto à FIFA, entidades sul-americana e mundial, respectivamente. Por sua vez, a CBF possui como filiadas todas as federações estaduais, responsáveis pelo futebol profissional de cada estado brasileiro. A autoridade da CBF no campo futebolístico se assemelha à regulação imposta pelo Estado, no sentido de que não existe futebol profissional no país sem sua tutela. Clubes profissionais que pretendem praticar a atividade no país precisam estar filiados a ela e seguir suas regras, assim como às federações estaduais, indicando as instituições regulatórias do esporte no Brasil. Sua

---

[48] Relato completo em: https://www.terra.com.br/esportes/lance/relato-a-torcida-do-corinthians-foi-humilhada-pela-pm-do-rio-de-janeiro,81df44e06ac7a1391c005ceef68c13e3dpfl1xpx.html Acesso em 27 de maio de 2019.

[49] Ver mais em: https://globoesporte.globo.com/go/futebol/noticia/durante-abordagem-torcida-do-goias-e-forcada-a-gritar-vila-pm-investiga.ghtml Acesso em 27 de maio de 2019.

[50] Em 2019, possuía uma lista de patrocínios com grandes empresas, entre estrangeiras e nacionais: Nike, Itaú, Vivo, Guaraná Antarctica, Mastercard, Gol, Cimed, Semp TCL, Fiat, Ultrafarma e English Live, além de possuir parcerias com Technogym e Statsports.

autoridade é reforçada pelo acúmulo de capital financeiro através dos patrocínios realizados por grandes empresas brasileiras e estrangeiras.

Se a formalidade do campo indicaria a CBF enquanto um centro evidente de poder e dominação, sendo responsável por conservar a ordem interna vigente, há uma série de fatores que desestabilizam o reconhecimento da entidade. O primeiro deles diz respeito à relação da instituição com a Rede Globo. Alex, ex-jogador com passagens por tradicionais clubes brasileiros e pela Seleção, deu uma declaração, ainda enquanto atleta profissional, que indica a percepção dos jogadores em relação à CBF. Segundo ele,

> [...] a CBF não tem uma interferência dentro do futebol tão grande. A CBF cuida apenas da seleção. Quem cuida do futebol brasileiro é a Globo. A gente sabe que a Globo trabalha na dependência da novela. A gente brinca aqui que os jogos de quarta à noite só rolam depois do último beijo da novela.[51]

Ou seja, para Alex, a autoridade da CBF enquanto entidade organizadora do futebol profissional no Brasil não se realiza, estando subordinada aos interesses comerciais da Globo que, a partir do exemplo relacionado às novelas, compreende o futebol apenas como mais um produto de entretenimento de sua programação. A determinação dos horários das partidas, longe de ser mero detalhe, possui influência direta na possibilidade de comparecimento dos torcedores nos estádios. Até 2016, o horário de transmissão dos jogos na Globo, às quartas feiras, era 22h, o que impossibilitava o uso de transportes públicos na volta para a casa, obrigando o torcedor comum a deixar de frequentar os jogos nesse horário ou sair mais cedo da partida. Assim, no choque entre interesses de agentes posicionados hierarquicamente em desequilíbrio, no caso da Globo e dos torcedores, a CBF se alinha, recorrentemente, ao agente estabelecido e mais poderoso[52]. A mudança no horário das transmissões no meio de semana ocorreu, também, pela organização e pressão de grupos de torcedores, entre eles o movimento "Jogo 10 da noite não!", que incluía torcedores de diversos times. Em um primeiro momento, em 2016, as partidas passaram para o horário das 21h45, e avançando, em 2019, para às 21h30.

Ações da CBF também contribuem para a despolitização do campo, em consonância ao *habitus* das empresas de mídia e comunicação, atingindo diretamente os torcedores. O exemplo mais relevante neste sentido diz respeito à proibição, por parte da confederação, de faixas e/ou cartazes de protestos em partidas de futebol no Brasil, inclusive nos jogos da Seleção. Os jogadores profissionais também são alvos de medidas do tipo. Utilizando a justificativa de que

---

[51] Trecho de entrevista concedida por Alex ao Diário Lance! e republicada pelo site da ESPN Brasil, pode ser conferida em: http://www.espn.com.br/noticia/347843_alex-quem-cuida-do-futebol-ea-globo-ea-cbf-e-so-uma-sala-de-reunioes Acesso em 30 de maio de 2019.

[52] Brigar de frente com a Globo poderia, inclusive, prejudicar seus acordos comerciais com as empresas associadas por patrocínio, correndo o risco de menor exposição de suas marcas.

segue orientações da FIFA, a CBF proíbe manifestações políticas dos jogadores dentro de campo. Um procurador do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), órgão associado à CBF, declarou, em entrevista[53], que os jogadores não devem se manifestar levando em conta o caráter mercadológico do esporte, bem como o ambiente de trabalho em que estão inseridos naquele momento, que deve ser respeitado. De tal forma, agentes em posição hierárquica de submissão no campo, como jogadores profissionais e torcedores, veem atacados direitos básicos como a liberdade de expressão e qualquer possibilidade de construção de uma consciência crítica – e, no caso dos jogadores, de classe profissional – em relação às suas atividades comuns em nome da bolha que se busca criar em torno daquilo que se interpreta como mero entretenimento e em defesa do lucro privado.

O processo de perda de autoridade da CBF em anos recentes também possui raízes no envolvimento de seus presidentes em casos de corrupção. Desde que se tornou a responsável pelo futebol brasileiro, em 1979, a entidade possuiu oito presidentes. Entre eles, Ricardo Teixeira, José Maria Marin e Marco Polo Del Nero respondem por processos criminais e/ou estão proibidos de envolvimento com o futebol profissional. A ausência de investigações e possíveis punições à CBF em território brasileiro[54] sugere relação condescendente também com o Estado, através de seus governos. A criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do futebol, em 2015, que visava investigar contratos e dirigentes da CBF, terminou sem nenhum indiciamento[55].

As federações estaduais, que elegem os presidentes da CBF, também podem ser indicadas como responsáveis pela inexistência de ações mais contundentes contra as decisões da confederação nacional. Ricardo Teixeira, por exemplo, só conseguiu presidir a CBF ininterruptamente por mais de 20 anos com a anuência das federações. Marco Polo Del Nero é ex-presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), sugerindo o vínculo direto e ascensão política entre as instituições. Além de possuírem patrocínios próprios, são as federações que recebem os valores referentes à venda dos direitos de transmissão dos campeonatos estaduais, comprados pela Rede Globo. Assim, estabelecem relação parecida da emissora com os clubes de menor expressão dos estados, geralmente em más condições financeiras: adiantam cotas de

---

[53] Ver mais em: https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,futebol-e-politica-nao-devem-se-misturar-em-campo-defende-stjd,70002566736 Acesso em 28 de maio de 2019.

[54] Ricardo Teixeira responde a processos nos EUA e na Espanha; Marin está preso nos EUA; Marco Polo Del Nero foi punido pela FIFA.

[55] Ver mais em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/20/cpi-do-futebol-termina-com-dois-relatorios-e-nenhum-indiciamento Acesso em 28 de maio de 2019.

patrocínio e venda de direitos televisivos aos clubes, gerando a dependência financeira e a garantia de pouca resistência às suas decisões.

O que a análise das instituições esportivas como a CBF e federações indica, portanto, é a aproximação e ação de acordo com os interesses da Rede Globo, o que garante a exposição de seus patrocinadores e seu lucro. A relação destes agentes com o Estado e seus representantes também parece equilibrada, dado que os ex-presidentes da CBF, investigados e condenados em países estrangeiros, passaram ilesos no Brasil. Com a fragilidade financeira dos clubes e a falta de articulação política, a CBF se vê pouco pressionada a mudar ou a responder aos interesses dos torcedores, potencialmente representados pelos clubes. Assim, seu *habitus* é essencialmente conservador, utilizando de sua força e autoridade legal no campo e do capital financeiro acumulado para frear as possibilidades de contestação, garantindo a conservação da ordem interna do futebol brasileiro.

### 2.2.3 Clubes de futebol: dominantes e dominados

A participação dos clubes no campo futebolístico brasileiro possui a ambiguidade de serem dominados por outros agentes – no caso de grupos de comunicação, Estado e instituições esportivas –, mas também de praticarem a dominação quando se trata da relação com os jogadores e torcedores, os mais prejudicados pelas relações de poder aqui analisadas.

No caso da relação com os outros agentes estabelecidos no campo, o potencial de transformação de tal ordem passa pela capacidade de, em primeiro lugar, uma organização econômica interna dos clubes em nome de uma maior independência nas tomadas de decisão e, em segundo lugar, na criação de uma consciência de objetivos comuns entre clubes e da consequente organização coletiva em nome desses objetivos e interesses. Tratando-se da articulação coletiva entre eles, há um caso histórico de criação de uma entidade representativa que merece mais atenção, utilizando um estudo de caso produzido por Christofoletti (2015). O Clube dos 13 foi fundado em julho de 1987 justamente com a intenção de representar os interesses políticos e comerciais dos principais clubes do país. Entre seus membros fundadores estavam Corinthians-SP, São Paulo-SP, Palmeiras-SP, Santos-SP, Flamengo-RJ, Fluminense-RJ, Botafogo-RJ, Vasco-RJ, Internacional-RS, Grêmio-RS, Cruzeiro-MG, Atlético-MG e Bahia-BA. Até o final de sua existência, em 2011, ainda foram adicionados Portuguesa-SP, Guarani-SP, Sport-PE, Goiás-GO, Juventude-RS, Vitória-BA, Athletico-PR e Coritiba-PR.

A primeira missão do Clube dos 13, em 1987, foi organizar o Campeonato Brasileiro, dada a alegação inicial da CBF de incapacidade financeira para bancar o campeonato. A Copa

União, como ficou conhecida, obteve sucesso em relação à média de público nas arquibancadas, atingindo 20.877 pagantes por jogo – média não superada nos campeonatos subsequentes até o momento. A CBF, porém, voltou atrás e resolveu organizar um campeonato paralelo, com os clubes que não participaram da Copa União, gerando um imbróglio acerca da definição do campeão nacional daquele ano, sendo a primeira crise que o Clube dos 13 precisou lidar. Flamengo e Internacional, campeão e vice da Copa União, se recusaram a participar de um quadrangular final proposto pela CBF unindo o campeão, Sport, e o vice, Guarani, do que ficou conhecido como 'módulo amarelo', organizado pela entidade. A função assumida pelo Clube dos 13 na organização de campeonatos foi encerrada já no ano seguinte, com a volta da CBF ao comando[56]. A partir deste momento, a organização representativa dos clubes passou a gerenciar a negociação acerca dos direitos de transmissão dos jogos por rádios e canais de televisão. A Copa União de 1987, porém, já era transmitida pela Globo, prática que se repete desde então.

Em 1996, com o ex-presidente do Grêmio, Fabio Koff, assumindo a presidência do Clube dos 13 – cargo que ocupou ininterruptamente até o fim da entidade –, mudanças nos acordos de transmissão foram efetuados, como a proibição da exibição dos jogos nas cidades em que os mesmos estavam ocorrendo, com a intenção de aumentar a média de público presente nos estádios. Mais uma vez assinando contrato com a Rede Globo, outras cláusulas foram descobertas no futuro, como a que garantia à Globo a renovação automática caso a emissora oferecesse 10% a menos que qualquer outra proposta apresentada, funcionando como instrumento de monopólio da Globo com a anuência do Clube dos 13. A cláusula era ilegal, já que desrespeitava as leis voltadas às licitações públicas, maneira pela qual o Clube dos 13 negociava os direitos de transmissão dos campeonatos, e foram investigadas. O processo se desenrolou a partir de 1997 e só teve seu desfecho em 2010, quando o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e o Ministério Público Federal cassaram o contrato vigente entre Clube dos 13 e Globo, eliminando a cláusula citada e exigindo a negociação fragmentada dos direitos, ou seja, dividindo os direitos entre TV aberta, TV fechada, *pay-per-view* e internet. Era o início da crise que levaria ao fim do Clube dos 13.

---

[56] O Clube dos 13 ainda organizou a Copa Havelange de 2000, campeonato nacional que não contou com a organização da CBF por conta da disputa na justiça comum – fora dos âmbitos esportivos, portanto – colocada em prática pelo Gama-DF, que não concordou com seu rebaixamento no ano anterior. A disputa judicial, que se encerrou no fim de 2000, quando o Gama retirou a ação, impediu a CBF de organizar o campeonato aquele ano, passando a responsabilidade ao Clube dos 13, que juntou 116 clubes na disputa do maior campeonato nacional já realizado. A Copa Havelange teve o Vasco como campeão, em final que também contou com uma série de polêmicas e disputas em torno de seu jogo final, quando parte das grades das arquibancadas do estádio São Januário cedeu e muitos torcedores ficaram feridos, forçando a remarcação da partida.

Em dezembro de 2010, pouco antes de renovar o contrato com a Globo, Fabio Koff, presidente do Clube dos 13, encomendou uma pesquisa para averiguar quais eram os horários preferidos dos torcedores para a transmissão das partidas, algo que desagradou Globo e CBF. O contra-ataque veio através do apoio da Globo e da CBF à oposição na futura eleição no Clube dos 13, que seria disputada em 2011, indicando a chapa que possuía Kleber Leite, ex-presidente do Flamengo, e Andrés Sanchez, presidente do Corinthians à época e que possuía relações diretas com o Partido dos Trabalhadores (PT) - que ocupava a presidência da República naquele ano - inclusive se tornando deputado federal pelo partido em 2014.

Ciente do movimento da Globo, Koff antecipou a eleição do Clube dos 13, impedindo maior articulação da oposição e venceu a disputa, de forma apertada, por 12 votos a 8. A eleição rachou a entidade e, durante a negociação para a venda dos direitos de transmissão dos campeonato entre 2012-2014, ocorrida em 2011, o motim foi iniciado, com clubes se desfiliando da entidade e seguindo negociação individual. Por parte das emissoras, a Globo se retirou da negociação e, ignorando as regras impostas pela licitação pública, passou a negociar individualmente com os clubes dissidentes. A TV Record, após a atitude da Globo, adotou a mesma postura. A RedeTV!, única a permanecer na licitação, levou a disputa e chegou a assinar um contrato com o Clube dos 13, que já se encontrava absolutamente rachado e à beira da dissolução.

Flamengo e Corinthians, que protagonizaram a rebelião entre os clubes, foram atraídos pela Globo por conta do valor destinado a cada um deles nos novos contratos, estabelecendo uma diferença econômica considerável entre eles e os demais clubes[57]. Percebendo o estabelecimento de uma nova ordem nas relações, os clubes restantes, mesmo sem garantir ganhos financeiros significativos e com a certeza da dominação de Flamengo e Corinthians, aderiram ao movimento.

O que se conclui da trajetória do Clube dos 13 é que tudo mudou para que tudo permanecesse da mesma forma, ou seja, Globo e CBF, a partir do momento que viram seus interesses em perigo, agiram no sentido de destruir a principal forma de articulação e mobilização dos clubes. Contando com a participação de agremiações dissidentes, atraídos pelo potencial financeiro da emissora de televisão e por brigas políticas internas, os dois agentes permaneceram em destaque na hierarquia do campo em nome do enfraquecimento dos clubes.

---

[57] Flamengo, com R$ 110 milhões, e Corinthians, com R$ 100 milhões, ganhavam uma quantia considerável a mais do que o terceiro no ranking dos direitos em transmissão naquela oportunidade, que era o Palmeiras, recebendo R$ 76 milhões. O Santos, em último lugar, recebia apenas R$ 43.5 milhões. Estes valores são referentes apenas à TV Aberta. (Christofoletti, 2015)

Já em relação aos agentes marginalizados das tomadas de decisão no campo, os torcedores, a postura dos clubes pode ser vista a partir de dois aspectos: a adequação para se manterem esportivamente competitivos em meio ao processo de mercantilização do futebol e a pouca abertura para a participação dos torcedores em sua política interna. Competir no mais alto nível do futebol profissional exige cada vez mais dinheiro num contexto global de hipermercantilização do esporte. Assim, muitos clubes de futebol adotaram práticas semelhantes à do mercado em suas gestões, orientados pelo retorno financeiro e potencial de investimento. Neste contexto, pouca atenção se dá aos torcedores de baixo poder aquisitivo, agora excluídos pela lógica de gestão estabelecida, ignorando o papel social que clubes de futebol podem exercer na sociedade. Acompanhar as partidas entre clubes da elite do futebol brasileiro tem se tornado um luxo acessível a poucos, com ingressos custando mais do que o cobrado por clubes europeus de ponta[58], reconhecidamente detentores dos principais jogadores do mundo.

Um rápido exemplo representativo da atual conjuntura: a partir da demanda da Mancha Alviverde, principal torcida organizada do Palmeiras, o clube disponibilizou o que foi chamado de "ingresso popular", com o valor de R$ 50,00 e uma carga de 420 entradas a cada partida[59]. Tais lugares possuem o valor mais baixo em relação ao restante do estádio por não terem a visão completa do campo de jogo, com obstruções, e seus compradores precisam, inclusive, assinar um termo de consentimento com as condições oferecidas[60]. É este o espaço "popular" que o campeão brasileiro de 2018 destina à parcela de sua torcida que não pode adquirir o *ticket* médio mais caro do Brasil[61].

Se atualmente os clubes não funcionam de forma a representar o interesse da maioria de seus torcedores, uma alternativa seria a participação torcedora na política interna das agremiações, de forma a ganhar representação a partir de processos eleitorais. Porém, ainda que não existam estudos voltados para a análise da política clubística interna, é possível apontar para uma tendência de participação restrita aos torcedores. Grosso modo, os clubes organizam sua política de três formas diferentes: aqueles que possuem um conselho deliberativo que escolhe diretamente um presidente; aqueles que possuem um quadro de sócios do clube social (modalidade comum no Brasil, quando o futebol se torna apenas mais um setor do clube como

---

[58] Ver mais em: https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-internacional/tabelas-precos-ingressos/ Acesso em 23 de junho de 2019.
[59] A capacidade total do estádio é de cerca de 42 mil lugares.
[60] Ver mais em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/5303015/palmeiras-ingresso-popular-tem-visao-parcial-do-gramado-do-allianz-parque Acesso em 05 de junho de 2019.
[61] Ranking de ocupação média dos estádios brasileiros em 2019, bem como sobre os tickets médios em: http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/index.html Acesso em 05 de junho de 2019.

um todo) que elege o presidente do clube; e aqueles que proporcionam poder de voto aos sócios-torcedores a partir da adesão a planos oferecidos pelo clube. Em todos os casos, a relação é mediada pela capacidade financeira dos torcedores, que precisam pagar para serem sócios do clube ou sócios-torcedores.

O pioneirismo em relação à maior participação torcedora nas eleições, através do programa de sócio-torcedor, é do Internacional-RS, que passou a permitir o poder de voto em 2005. Para as eleições referentes ao biênio 2019/2020, mais de 64 mil sócios-torcedores estavam aptos a votar no candidato de sua escolha[62]. Para breve comparação em relação ao Palmeiras: no mesmo ano, em 2018, apenas 8.140 sócios do clube social puderam escolher o novo presidente do clube[63]. Em um universo de milhões de torcedores espalhados pelo Brasil, mesmo a ampliação do poder de voto para os sócios-torcedores parece pouco, mas indica um caminho para a mobilização e participação popular.

Indo além da pauta econômica, os clubes ainda cumprem um papel no que diz respeito a outras possibilidades de representação política, ainda que isso ocorra de forma tímida e pouco recorrente. Entre temas que perpassam o campo futebolístico, como racismo, homofobia e machismo, não há dúvida de que os clubes lidam de maneira mais assertiva no combate ao racismo. A ocorrência de manifestação de cunho racista em sua torcida ou na de seus adversários rapidamente é tratada publicamente em notas oficiais, publicadas com o devido repúdio e possibilidade de processo judicial. Por outro lado, a abordagem acerca da homofobia ainda é incipiente. Apenas em 2019, no dia mundial do combate à homofobia, 17 de maio, houve o registro de um movimento dos clubes em suas redes sociais fazendo referência à questão. Neste sentido, o Bahia tem se destacado entre os clubes brasileiros a partir de campanhas públicas tratando de diversos assuntos, do combate à homofobia à conscientização quanto a questão ambiental brasileira. A atuação do clube acabou gerando até repercussão na imprensa internacional, sendo identificado como "o clube mais progressista do Brasil"[64]. O assunto, ainda tratado com muita sensibilidade pelas agremiações brasileiras, será mais abordado nos capítulos seguintes, enquanto um dos principais aspectos reivindicados pelos coletivos de torcedores.

---

[62] Mais informações sobre a eleição no Internacional-RS em 2018: https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/eleicao-do-inter-sera-com-voto-em-cedula-por-aplicativo-ou-e-mail-saiba-como-sera.ghtml Acesso em 05 de junho de 2019.

[63] Sobre a eleição presidencial do Palmeiras em 2018: https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/mauricio-galiotte-e-reeleito-presidente-do-palmeiras.ghtml Acesso em 05 de junho de 2019.

[64] A classificação foi feita pelo The Guardian, jornal britânico, e seu conteúdo pode ser acessado aqui: https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/11/14/jornal-ingles-aponta-bahia-como-o-clube-mais-progressista-do-brasil.htm Acesso em 18 de março de 2020.

De maneira geral, apesar de não estarem no topo da hierarquia no campo futebolístico – e possuírem, a partir disso, o potencial de transformação do mesmo – os clubes se veem, dada sua necessidade de competir futebolisticamente em alto nível, com poucas possibilidades de escapar das determinações econômicas que a lógica mercantilizada impõe, recorrentemente transferindo o ônus de tal processo a seus torcedores – que só são notados a partir de uma relação entre empresa/cliente e não como agentes da construção e manutenção de uma identidade institucional. Mesmo as iniciativas e posicionamentos contra o racismo e, ainda timidamente, contra a homofobia e o machismo no futebol, que poderiam sugerir um *habitus* mais politizado, o que marca a atuação dos clubes brasileiros é também o conservadorismo, com pouca intenção de causar grandes transformações no campo.

### 2.2.4 Jogadores de futebol e mobilizações de classe

É fato que os jogadores de futebol, por estarem vinculados profissionalmente aos clubes, acabam ficando expostos às condições determinadas pelos agentes dominadores do campo, já descritos acima. Por outro lado, a elite dos jogadores também consegue usufruir dos ganhos econômicos a partir do processo de mercantilização do esporte, com fartos contratos de patrocínio pessoal e contratos milionários com seus empregadores. Do ponto de vista do posicionamento político dos jogadores, já que, enquanto grupo dominado, possui potencial de transformação da ordem do campo, há pelo menos dois eventos históricos que devem ser levados em consideração: a Democracia Corintiana e o Bom Senso F.C.

O que ficou conhecido como "Democracia Corintiana" (FLORENZANO, 2003) foi uma iniciativa de jogadores do Corinthians, durante a década de 1980, que encontraram condições favoráveis – como a má fase do clube dentro de campo, que se abre para novas possibilidades, bem como diretores com maior abertura para diálogo[65] e jogadores que traziam um *habitus* mais politizado do que o comum para o contexto – para proporem e colocar em prática uma série de transformações no dia a dia do clube. Durante o movimento, liderado por jogadores como Sócrates, Wladimir, Casagrande e Zenon, o que se promoveu foi uma maior horizontalidade nas tomadas de decisão que envolviam o departamento de futebol do clube, em que diretoria, comissão técnica, funcionários e jogadores participavam de reuniões e definiam o que o clube faria em assuntos relacionados a concentração antes dos jogos, contratação de novos jogadores e outros temas voltados à administração do futebol do clube.

[65] O direto de futebol do Corinthians à época era Adilson Monteiro Alves, um sociólogo, fato incomum entre clubes brasileiros.

A iniciativa dos jogadores do Corinthians também marcou uma intensa participação daqueles mais envolvidos no processo político interno nas discussões que envolviam a política nacional, com a participação dos mesmos nas manifestações das "Diretas Já", no contexto político-social de reabertura democrática no Brasil, um comportamento engajado com raros registros, tanto pré quanto pós "Democracia Corinthiana". Por outro lado, o movimento corintiano, apesar de marcante, não conseguiu se articular no sentido de garantir uma continuidade e nem a propagação da iniciativa em outros clubes. O Bom Senso F.C., que será abordado mais longamente, possuiu um caráter mais generalizado, conseguindo, enquanto existiu, criar uma consciência de classe mais destacada entre os jogadores.

No segundo semestre de 2013, o futebol brasileiro presenciou o início de um movimento inédito em sua história: a partir da iniciativa de jogadores profissionais, o Bom Senso Futebol Clube foi criado para organizar e defender pautas em busca de melhorias nas condições de trabalho no futebol brasileiro. O relato oficial[66] informa que o movimento teve início após uma conversa entre os jogadores Juan, do Internacional, e Alex, do Coritiba, ao término da partida entre as duas equipes pela rodada de número 17 do Campeonato Brasileiro de 2013, ano em que as ruas brasileiras ferviam com manifestações políticas envolvendo os mais diferentes tópicos. As viagens constantes e o pouco tempo para recuperação física e treinamento eram as principais reclamações dos dois ex-jogadores da Seleção Brasileira. A partir de então, uma constante troca de mensagens entre jogadores dos principais clubes do país deu início ao movimento que se tornaria o Bom Senso Futebol Clube.

Um dos principais desafios de início era o de confrontar a imagem de celebridade que jogadores profissionais no Brasil possuem. Os altos salários e estilo de vida confortável de parte desses jogadores são identificados no senso comum como fatores impeditivos a demandas trabalhistas. Em fevereiro de 2016, a CBF publicou um levantamento[67] fornecendo uma série de dados que ajudam a compreender melhor o cenário geral. No momento de tal levantamento, em 2015, eram 28.203 jogadores profissionais registrados no país. Desses, 23.238 recebiam menos de 1 mil reais por mês, correspondendo a 82,40% dos trabalhadores do setor. Dos 28.203 contratos profissionais identificados em 2015, apenas 11.571 permaneceram ativos em janeiro de 2016, o que significa dizer que 16.632 atletas profissionais precisaram encontrar outro clube para trabalhar no início do ano seguinte.

---

[66] Entrevista com o diretor executivo do Bom Senso FC sobre o início do movimento: http://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/02/o-calendario-do-futebol-gera-desemprego-sistemico-diz-ricardo-borges-martins.html Acesso em 06 de junho de 2019.

[67] Para acessar os dados completos: http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numero-de-clubes-e-jogadores#.WCkvSfkrLIU Acesso em 06 de junho de 2019.

Ao contrário do que é comum ocorrer com outras categorias de trabalho – Brites (2013) informa que, no caso das empregadas domésticas, a procura pelo sindicato se dá apenas nos momentos de ruptura contratual. Guiraldelli (2012), por outro lado, destaca a participação sindical, no caso específico das mulheres em seu processo histórico de inserção no campo do trabalho, como uma das conquistas a serem comemoradas –, os jogadores que definiram pelo engajamento na luta política e trabalhista não contaram com o suporte dos sindicatos já existentes na época[68]. Essa possibilidade só é possível dado o capital social e financeiro acumulado por estes jogadores que, como já destacado, possuíram carreiras consolidadas na elite do futebol brasileiro e mundial.

A pauta do Bom Senso F.C. possuía duas demandas específicas que englobavam uma série de ramificações: modificações no calendário do futebol brasileiro e a adoção do *fair play* financeiro[69] por parte dos clubes profissionais. O calendário do futebol brasileiro é classificado pelo movimento, em seu site oficial, como desequilibrado, injusto e irracional. Uma série de consequências foram levantadas, entre elas: jogos de sobra para times de ponta e jogos de menos para clubes menores; o massacre físico imposto aos jogadores que compõem equipes vitoriosas ao longo do ano, que acabam disputando mais jogos; o desemprego sistêmico em relação às equipes e jogadores que não possuem compromissos durante todo o ano, fato comprovado pelos dados disponibilizados pela CBF; a incompatibilidade com o calendário internacional, que força a Seleção Brasileira a "disputar" datas com os clubes, desfalcando-os em jogos durante o ano. Todas as demandas envolveriam negociações com dois dos principais agentes do campo: CBF e Rede Globo.

A primeira ação do grupo, em outubro de 2013, foi a entrega de um dossiê em reunião com a CBF, constituído por um diagnóstico geral do futebol brasileiro, apresentando os problemas identificados pelo grupo. Compreendendo que o produto final de suas atividades é justamente o momento da partida, em que interesses de clubes, CBF e Rede Globo estão diretamente envolvidos, os atletas partiram para sua primeira ação direta: nos dias 19 e 20 de outubro de 2013, durante a 30ª rodada do Campeonato Brasileiro, jogadores dos times envolvidos se intercalaram e se abraçaram no meio de campo, retardando o início do jogo em

---

[68] No momento em que começavam a se organizar, os jogadores foram informados que a Fenapaf (Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol) estava negociando com a CBF a diluição das férias dos atletas, em adaptação para o ano seguinte, 2014, com a disputa da Copa do Mundo, em que os demais campeonatos em disputa são suspensos. É possível apontar, mais uma vez, a participação da CBF no sentido contrário dos interesses dos agentes dominados no campo futebolístico.

[69] O *fair play* financeiro, sistema já implementado pela UEFA (entidade responsável pela organização do futebol europeu), significa, basicamente, a exigência de que os clubes não gastem mais do que arrecadam e que compitam de acordo com suas próprias capacidades e limites financeiros.

alguns minutos. Na 34ª rodada, jogadores cruzaram os braços por um minuto após o início da partida, outros resolveram tocar a bola entre si, sem nenhum tipo de disputa, também por um minuto. As 36ª e 37ª rodadas foram marcadas pelos últimos atos de protesto no ano de 2013: mais uma vez após o apito inicial, os jogadores se sentaram em campo em protesto.

A visibilidade proporcionada pelo futebol traz consigo "privilégios" que outras categorias de trabalho não possuem, abrindo espaço para relação direta de articulação e negociação com o poder público. Jogadores do movimento conseguiram, em março de 2014, uma reunião com o então ministro do Esporte, Aldo Rebelo, utilizada para a apresentação de suas propostas de um novo calendário e implementação do *fair play* financeiro. Os meses seguintes continuaram movimentados: em abril, o Bom Senso apresentou suas demandas na Tribuna da Câmara dos Deputados; ainda em abril, novas manifestações em campo, com faixas de protestos denunciando as mais de 15 mil demissões ocorridas após o término dos campeonatos estaduais; em maio, um encontro com a presidente da República, Dilma Roussef.

A mobilização e encontro com agentes do cenário político-partidário fez com que o Bom Senso passasse a operar no sentido de garantir respaldo legal para suas demandas. Em janeiro de 2015, o movimento foi convidado a integrar o Grupo Interministerial que elaborava a Medida Provisória do Profut; em março, o movimento discursou no Palácio do Planalto em busca da aprovação da Medida Provisória 671 (Profut); em julho, a MP é aprovada no Congresso Nacional, contemplando boa parte das demandas do Bom Senso F.C.; em agosto, a MP é sancionada pela presidente Dilma Roussef, tornando-se a Lei 13.155/2015. O êxito na votação do Profut é considerado a principal vitória do movimento, ainda que não tenha conseguido aprovar todas as suas demandas e que dependa da supervisão e cumprimento das contrapartidas impostas aos clubes. Ao longo do período descrito, o Bom Senso F.C. também se pronunciou em nome de mudanças estruturais na CBF e pela saída de seu presidente, Marco Polo Del Nero[70], além de criar uma campanha contra a proibição de faixas de protestos levadas por torcedores nos estádios[71]. A participação de jogadores bem-sucedidos profissionalmente, em âmbito nacional e internacional, abriu espaço para uma série de entrevistas e reportagens jornalísticas, algumas já destacadas aqui. O apoio de agentes dissidentes nos meios de comunicação aponta para as possibilidades de parceria em nome da desestabilização da hierarquia do campo.

---

[70] Notícia completa em: http://oglobo.globo.com/esportes/bom-senso-fc-pede-renuncia-imediata-de-del-nero-mudancas-no-estatuto-da-cbf-16381003 Acesso em 06 de junho de 2019.

[71] Notícia completa em: http://jovempan.uol.com.br/esportes/futebol/bom-senso-fc-cria-campanha-online-contra-censura-de-faixas-em-estadios.html Acesso em 06 de junho de 2019.

Após a formação do grupo em 2013, manifestações em campo em 2014 e intensa atuação juntamente aos poderes Legislativo e Executivo do país em 2015, buscando e atingindo o objetivo de aprovar a MP do Profut e até projetar o lançamento de um candidato à presidência da CBF[72], o movimento Bom Senso Futebol Clube passou por uma crise em 2016, gerando desmobilização entre os jogadores e a transformação do movimento em um *think tank*, responsável por produzir estudos e informações voltados ao tema.

Apesar de sua curta duração, o Bom Senso adicionou um *habitus* diferente ao campo, em oposição direta à despolitização colocada em prática pela Rede Globo e os demais agentes dominadores identificados anteriormente. Os jogadores demonstraram capacidade de construir uma visão mais ampla da realidade da classe, expandindo o que geralmente é mostrado nas redes de televisão, aproveitando o reconhecimento e distinção que recebem do campo, contando com acumulação de capital financeiro e simbólico ao longo de suas carreiras, para articular um movimento capaz de negociar diretamente com Rede Globo, CBF e representantes do Estado, proporcionando um legado de mobilização política para o futuro.

### 2.2.5 Torcidas organizadas de futebol e o potencial desestabilizador da ordem

As torcidas organizadas de futebol, dentre os agentes já explorados até agora, são possuidoras do maior potencial de transformação do campo, justamente por se encontrarem dominadas e se posicionarem na base da hierarquia. Apesar de ser impossível tratar das torcidas organizadas brasileiras sem citar sem envolvimento nos episódios de violência no futebol nacional. Por si só, este subtema[73] já revela algumas relações entre agentes do campo, como a perigosa relação entre alguns clubes e suas respectivas torcidas organizadas, em que dirigentes permitem o acesso de torcedores às dependências profissionais e de treinamento para que cobranças sejam feitas em relação aos atletas, além de acertos extra oficias em relação à compra e revenda de ingressos para partidas por parte destes grupos de torcedores. Outro ponto diz respeito à espetacularização da violência por parte dos canais de comunicação especializados no futebol, que aproveitam a ocorrência de episódios de violência para gerar audiência e, consequentemente, lucro. Por outro lado, considerando os interesses contidos neste trabalho, pretendo abordar alguns pontos menos frequentes no que diz respeito ao estudo de tais grupos:

---

[72] Nota oficial do movimento sobre candidato à presidência da CBF: http://www.bomsensofc.org.br/blog/presidenciacbf Acesso em 06 de junho de 2019.

[73] O estudo da violência no futebol possui profícua produtividade, especialmente em nível internacional, já citado no capítulo anterior.

as organizadas, por características básicas que carregam, se colocam frontalmente em oposição ao tipo de torcedores desejado no processo de mercantilização do esporte; em segundo lugar, é preciso abordar as tentativas de articulação das torcidas organizadas no Brasil, como a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG); por fim, o papel de dominação que as organizadas cumprem em relação aos coletivos de torcedores também será destacado.

Em estudo acerca das Torcidas Jovens (nomenclatura comum utilizada entre torcidas organizadas no Brasil) do Rio de Janeiro, que surgiram entre o final dos anos 1960 e início dos 1970, Teixeira (2016) aponta algumas características que diferenciam as organizadas de outros grupos de torcedores, que englobam os compromissos de acompanhar e apoiar o time irrestritamente, bem como estilos próprios da vivenciar os jogos nas arquibancadas, com bandeiras, baterias e coreografias (TEIXEIRA, 2016, p. 22). Ainda que a autora esteja se referindo especificamente à agrupamentos de torcedores localizados no Rio de Janeiro, é seguro afirmar que tais aspectos e características possuem ressonância nacional, sendo possível identificá-los em torcidas organizadas espalhadas por todo o Brasil, em menor ou maior grau. Este comportamento ativo e intenso na maneira de torcer e viver o futebol, configura uma oposição clara à passividade e comportamento clientelista buscado a partir da mercantilização do futebol em nível mundial.

A forma específica de vivenciar o esporte por parte das torcidas organizadas se vê atacada de diferentes maneiras no futebol contemporâneo. Ao longo do final dos anos 1980 e início dos 1990 (TEIXEIRA, 2016), episódios violentos envolvendo diferentes torcidas organizadas e forças policiais chamaram a atenção pública para a questão. Se tornou prática comum associar diretamente a conduta das torcidas organizadas e a existência da violência no futebol. Este movimento, endossado especialmente pelos discursos dos meios de comunicação que cobrem o esporte, configura um processo de estigmatização do grupo, ignorando sua heterogeneidade tanto do ponto de vista interno, ou seja, dos diversos tipos de indivíduos e comportamentos encontrados dentro de uma mesma torcida, quanto do ponto de vista externo, em que as atitudes violentas, que de fato ocorrem, são retratadas como a única prática oferecida pelas organizadas ao futebol. Tal processo também ignora, como já foi anteriormente tratado neste capítulo, a participação de outros agentes nas disputas físicas e de violência no campo futebolístico, como a Polícia Militar.

A criação de um estigma social, evidentemente, não possui só consequências nos discursos que se constroem acerca das organizadas. Se tornou comum, através da ação de agentes como o Ministério Público e Polícia Militar, a proibição de camisas oficiais (muito utilizadas pelas torcidas organizadas como forma de padronização de cores, gerando efeito

visual no estádio), instrumentos musicais, bandeiras com mastros e até a presença oficial das torcidas nos estádios. Como abordado no tópico acerca dos representantes estatais no campo futebolístico, tais proibições acabam funcionando como meio de dominação e negociação entre eles e as torcidas organizadas. Uma mudança legal, do ponto de vista da punição, também ocorreu: a partir da lei 12.299, que alterou o Estatuto de Defesa do Torcedor, passou a se responsabilizar as torcidas organizadas como um todo por atos de seus membros, ou seja, atribuindo culpa ao coletivo a partir de ações individuais, o que gerou descontentamento por parte das organizadas, que alegam não ter a capacidade de controlar todas as ações de seus associados (TEIXEIRA, 2016, p. 24).

Uma segunda forma de restrição às torcidas organizadas diz respeito ao advento das chamadas "arenas esportivas", construídas a partir do Padrão FIFA, que se tornaram comum no Brasil a partir da recepção dos grandes eventos esportivos, como o Pan-americano de 2007, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, resultando não só na construção de novos estádios no país, mas em muitas reformas e adequações dos já existentes. O principal exemplo neste sentido diz respeito à exigência de cadeiras em todos os setores das "arenas", em nome de maior conforto e segurança dos torcedores, que não foram consultados no processo. A participação intensa das organizadas durante as partidas, com instrumentos, coreografias e movimentação constante foi ignorada na adoção do Padrão FIFA no Brasil, interferindo diretamente na experiência futebolística destes grupos.

Identificando sua forma de torcer e vivenciar o futebol em perigo, as torcidas organizadas passaram a buscar maneiras de articulação coletiva, de modo a garantir uma maior capacidade e força de representação nos debates públicos. A primeira iniciativa do tipo é abordada por Teixeira (2016), ocorrendo entre as Torcidas Jovens dos clubes cariocas, resultando na criação da Federação das Torcidas Organizadas de Futebol do Rio de Janeiro (FTORJ). A existência da FTORJ, que buscava o diálogo direto com outros agentes do campo em nome da desconstrução do estigma violento atribuído a eles, permitiu também o surgimento da Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG), em 2014. Com caráter mais abrangente[74], buscando envolver torcidas organizadas de todo o país, a ANATORG se notabilizou pelo fomento de fóruns de debate e da busca por maior participação nas decisões públicas que envolviam as organizadas. Houve, além disso, a participação de representantes da

[74] A associação informa em seu site oficial, que conta com mais de 100 agrupamentos no Brasil. Ver mais em: https://anatorg.com.br/x/ Acesso em 12 de junho de 2019.

associação em uma viagem para a Alemanha em nome de uma aproximação e maior conhecimento acerca dos *fanprojekts*, citados no capítulo anterior[75].

As torcidas organizadas também se engajam politicamente, especialmente em pautas econômicas, como em protestos contra os altos preços de ingressos e a reivindicação de setores com precificação mais acessível, como foi discutido no tópico anterior, quando a Mancha Alviverde, principal organizada do Palmeiras, obteve sucesso relativo em sua demanda. Tornou-se comum, em 2016, a Gaviões da Fiel, organizada do Corinthians, levar faixas de protestos nas partidas relacionadas ao deputado Fernando Capez, que era investigado pelo desvio de verba direcionada à merenda das escolas públicas do estado de São Paulo. Capez possui longa relação com o tema das torcidas organizadas, desde quando ocupava cargo de promotor público e chegou a pedir a extinção da Gaviões, sendo reconhecido publicamente – garantindo sua eleição para a Assembleia Legislativa de São Paulo – como o principal combatente das torcidas organizadas no estado.

Se as reivindicações de cunho econômico abrem possibilidades de parceria entre torcidas organizadas e coletivos de torcedores, quando outros temas entram em debate a relação se complica, em disputa semelhante no caso citado dos *ultras* na Itália, no primeiro capítulo. As manifestações homofóbicas nos estádios brasileiros talvez se configurem no principal exemplo neste sentido. Se tornou uma prática comum em estádios brasileiros, com especial adesão de torcidas paulistanas, após a Copa do Mundo de 2014, o grito de "bicha" quando o goleiro adversário recoloca a bola em jogo após o tiro de meta. Um trecho de uma música relativamente bem conhecida em estádios brasileiros diz que "todo veado que eu conheço é tricolor" e é entoado com frequência em partidas envolvendo o São Paulo em todo o país. Tais preconceitos e manifestações de ódio também extrapolam o campo de jogo: em 2012, a Mancha Alviverde, ao se opor à contratação do jogador Richarlyson, exibiu uma faixa no centro de treinamento do Palmeiras com os dizeres "A homofobia veste verde"[76].

A dificuldade em lidar com temas como homofobia e machismo, ainda que existam tentativas entre torcidas organizadas de combater este tipo de comportamento[77], pode ser interpretada a partir de uma das características centrais identificadas por Teixeira (2016) acerca das torcidas organizadas: "a disposição para a luta na defesa do agrupamento apoia-se em certos

---

[75] Um artigo foi produzido a partir da viagem, que reuniu representantes da ANATORG e pesquisadores do tema (TEIXEIRA, 2018)

[76] Mais informações sobre o caso em: https://veja.abril.com.br/esporte/em-faixa-censurada-mancha-avisa-a-homofobia-veste-verde/ Acesso em 12 de novembro de 2019.

[77] Matéria que trata da iniciativa de organizadas de Sport e Náutico: https://www.folhape.com.br/esportes/mais-esportes/geral/2019/08/27/NWS,114690,68,441,ESPORTES,2191-HOMOFOBIA-TORCIDAS-APOIAM-PUNICAO-MAS-CITAM-RESISTENCIA.aspx Acesso em 12 de novembro de 2019.

padrões de masculinidade, difundidos neste meio, que valorizam a honra, a coragem, a virilidade como qualidades fundamentais" (TEIXEIRA, 2016, p. 23), como também já foi destacado nas interpretações em torno da questão da violência no futebol inglês. A avaliação da autora corrobora com a de Moura (2019), que identifica o futebol como "um desses ritos de iniciação do pertencimento ao masculino" (MOURA, 2019, p. 37), em que os elementos constituidores do que se entende por masculinidade são frequentemente reforçados tanto pelo discurso quanto pela prática futebolística. O ambiente masculinizado produz um ambiente essencialmente contraditório, especialmente para torcedores homossexuais, que se veem excluídos e incluídos ao mesmo tempo, gerando uma espécie de não-pertencimento: isso ocorre dada à chamada forçosa, através de discursos de ódio e xingamentos preconceituosos, à participação no ambiente futebolístico por conta da necessidade de existência de uma oposição ao masculino, ou seja, para que se afirme e reafirme a masculinidade através daquilo do que ela não é. Assim, quanto mais se inferioriza aquilo que não é próprio da masculinidade, mais se valoriza, criando uma hierarquia, o que é considerado masculino. Esse não-pertencimento se completa já que, ao mesmo tempo em que são compelidos à participação simbólica e discursiva, torcedores identificados como homossexuais não se veem permitidos a existirem efetivamente do futebol, sendo constrangidos a permanecerem no "armário", tornando invisíveis comportamentos que podem ser vistos como ofensas à masculinidade (MOURA, 2019, p. 49, 53 e 54).

Se as organizadas ocupam o papel de agentes dominados em relação a todos os outros agentes já descritos até aqui, por outro lado, em relação aos coletivos de torcedores, é justamente a torcida organizada que se encontra já estabelecida no campo, especialmente na capacidade de ocupar os estádios e manifestar sua forma de torcer, possibilidade negada aos grupos que escapam do padrão masculinizado. O resultado é uma relação de disputa com os coletivos, possuindo como elemento central a legitimidade de falar pelos torcedores, assumindo o discurso hegemônico que recebe maior repercussão pública. A hierarquização de pautas, assumida pelas organizadas e negada pelos coletivos, demonstra a face mais exposta deste conflito, ainda longe de solução.

As torcidas organizadas, de maneira geral, adicionam um *habitus* contestador ao campo futebolístico brasileiro, que pode ser identificado em relação a todos os outros agentes estabelecidos do campo, construindo disputas tanto em relação ao acesso básico aos estádios, mas também em relação ao seu modo específico de torcer, muito mais participativo e emotivo do que pretende o ideal do futebol contemporâneo mercantilizado. As organizadas também lutam, na esfera pública, pela desconstrução do estigma criado sobre eles, resumindo-os ao

comportamento violento. As possibilidades de transformação, por parte das organizadas, passa também pela organização coletiva, pressupondo a superação de conflitos internos e do clubismo, como apontam as iniciativas da FTORJ e ANATORG. Ainda pode ser mais bem explorada a possibilidade de criação de solidariedade com os coletivos de torcedores, que possuem pautas políticas mais abrangentes, mas que lutam pela conscientização da classe torcedora, envolvendo os torcedores como um todo, independentemente de suas identidades de gênero e sexual. A atuação específica dos coletivos, enquanto novo grupo de agentes no campo, será abordada a partir de agora, no terceiro capítulo.

FIGURA 5 – Protesto do Bom Senso FC na partida entre Flamengo x Palmeiras pela última rodada do Campeonato Brasileiro de 2015.

Fonte: Lance![78]

[78] Esta e outras imagens dos protestos em: https://www.lance.com.br/futebol-nacional/grupo-bom-senso-chega-fim-jogadores-nao-darao-mais-cara.html Acesso em 04 de outubro de 2019.

FIGURA 6 – Bom Senso FC em reunião com a então presidente Dilma Rousseff para apresentação de propostas para o futebol brasileiro.

Fonte: Correio do Povo[79]

FIGURA 7 – Identidade visual do Bom Senso Futebol Clube.

Fonte: página oficial do movimento no Facebook[80].

[79] Reportagem completa em: https://www.correiodopovo.com.br/esportes/dilma-se-compromete-a-ajudar-bom-senso-em-quatro-frentes-1.144768 Acesso em 04 de outubro de 2019.
[80] Pode ser vista em: https://www.facebook.com/bomsensofc/ Acesso em 26 de novembro de 2019.

FIGURA 8 – Identidade visual da ANATORG.

Fonte: página oficial do movimento no Facebook[81]

[81] Pode ser vista em: https://www.facebook.com/anatorgoficial/ Acesso em 26 de novembro de 2019.

# 3. A MILITÂNCIA POLÍTICO-TORCEDORA NO BRASIL

A análise sobre o campo futebolístico brasileiro contemporâneo só se completa com a inclusão de um novo grupo de agentes: os coletivos de torcedores. Serão considerados coletivos de torcedores os grupos que se encaixarem na simples composição de dois elementos: o pertencimento clubístico (DAMO, 1998) em comum e a militância que busca relacionar temas políticos com o cotidiano do clube e do futebol brasileiro, compondo a classificação de militância político-torcedora. Tais critérios são necessários para que se diferenciem os coletivos de torcedores de outras iniciativas[82] que não possuem o clubismo como desafio a ser superado, sendo um elemento que altera as relações construídas entre coletivos pertencentes a torcidas de clubes diferentes.

Os coletivos carregam um *habitus* essencialmente politizador ao campo, apontando para a necessidade de superação de uma série de aspectos hierarquizantes que geram relações de dominação entre agentes – sejam eles de ordem econômica, racial, de gênero e afins. Gera-se, assim, uma diferenciação em relação às torcidas organizadas que, com raras exceções, se mostram pouco abertas para a inclusão de temas que ultrapassam o aspecto econômico da experiência torcedora. Neste sentido, os coletivos acabam também propondo e praticando outra forma de viver o futebol.

Em primeiro lugar, será necessária uma reconstrução histórica acerca das raízes de tais movimentos, identificando a trajetória de grupos de torcedores ainda nas décadas de 1970 e 1980. Em seguida, um olhar para o elemento diferenciador e marcante dos coletivos de torcedores contemporâneos: a centralidade da internet nos processos de comunicação, mobilização e ação. Por fim, proponho um mapeamento dos coletivos de torcedores no Brasil a partir de suas páginas em redes sociais, permitindo observar a generalidade do fenômeno em questão, bem como as possibilidades e tentativas de mobilização nacional entre eles.

## 3.1 Pioneirismo em meio à ditadura brasileira

Em 1977, ainda convivendo com a ditadura civil-militar que comandava o país, o futebol brasileiro presenciou um movimento até então inédito em sua história: a primeira torcida

[82] É possível citar, por exemplo, grupos de torcedores de futebol, como o “Natus”, que se juntam e promovem “peladas” com especial incentivo ao público LGBT+, que frequentemente encontra barreiras tanto para estar presente nos estádios quanto para praticar o jogo de maneira informal. Tais grupos também acabam por politizar o campo, colocando à vista a exclusão baseada em preconceitos bem como a necessidade de conscientização enquanto grupos subalternos.

declaradamente gay a frequentar as arquibancadas dos estádios no país. A Coligay, composta por torcedores do Grêmio-RS, por sua própria essência, enfrentava ao mesmo tempo dois dos elementos mais característicos do futebol brasileiro: o machismo e a homofobia. A reconstrução de sua trajetória será realizada aqui a partir da dissertação de Pinto (2017). Segundo o autor, a Coligay surgiu a partir da iniciativa do gremista Volmar Santos, dono da boate gay Coliseu, em Porto Alegre. A boate, que apresentava atrações artísticas protagonizadas especialmente por travestis e transformistas, recebia, além do público gay, os chamados "simpatizantes" e os adeptos da boemia porto-alegrense (PINTO, 2017, p. 47).

As informações iniciais sobre o grupo já indicam um aspecto importante acerca de sua criação e organização interna, sendo a presença de uma liderança, uma iniciativa individual que cresceu e ganhou adeptos. Outra característica é a formação de um grupo a partir de um espaço específico e fora do futebol, no caso a boate gay Coliseu, sendo transportado e servindo de base para atuação em outro campo. Tais elementos servirão de base de comparação com os principais aspectos formadores dos coletivos de torcedores contemporâneos.

A relevância da Coligay também se verifica a partir do momento em que o grupo apresentou uma forma própria de torcer, diferenciando-se dos grupos torcedores já existentes – como as torcidas organizadas –, adicionando diversidade à experiência nos estádios. A presença de grupos de torcedores com diferentes comportamentos e características possibilita maior adesão a indivíduos que, até então, não enxergavam no futebol um espaço habitável. Em sua estreia nas arquibancadas, em um jogo no interior gaúcho, a torcida chamou a atenção do público por suas vestimentas com as cores gremistas e pela presença da tradicional charanga, tipo de banda que também existe em diversos estádios do Brasil e no restante da América Latina (PINTO, 2017, p. 48).

Como destaca Pinto (2017), a criação da Coligay não deve ser notada e interpretada fora do contexto político da época, em que movimentos sociais em busca de direitos básicos aos grupos LGBT+ no Brasil se consolidava. Uma vez mais, fica evidente como o futebol brasileiro não se produz em um vácuo histórico e social, como agentes despolitizadores do campo querem fazer crer, amparados em uma ideia de entretenimento esportivo enquanto suspensão da realidade. Para existir, o futebol se relaciona tanto com estruturas de poder já estabelecidas quanto com grupos dissidentes, que almejam sua transformação. No capítulo anterior, foi destacada a trajetória da "Democracia Corintiana", ocorrida em período semelhante à Coligay, de modo que o futebol vivenciava, então, o auge de sua politização, tanto por parte de jogadores quanto de torcedores. Eventos de conteúdo semelhante só viriam a ocorrer novamente em anos

recentes, especialmente a partir da segunda década dos anos 2000, com o Bom Senso F.C. e a insurgência de novos coletivos de torcedores.

O sucesso da Coligay também se deveu à capacidade de articulação e criação de solidariedade com outros agentes, tanto do campo político quanto do futebolístico, recebendo apoio financeiro de movimentos sociais mais estabelecidos e do presidente do clube à época. A estabilidade do grupo era garantida a partir dos fundos direcionados pelo movimento gay de Porto Alegre, que realizava jantares beneficentes para angariar recursos. Em pouco tempo, a Coligay conseguiu adquirir uma Kombi e o dinheiro necessário para investir tanto em suas vestimentas típicas como na charanga. Havia, ainda, dado o sucesso do agrupamento em reunir novos adeptos, o plano de comprar um micro-ônibus para transportar os torcedores nas partidas realizadas no interior gaúcho (GERCHMANN, 2014, p. 97)

O grupo também recebeu atenção dos meios de comunicação, agentes no alto da hierarquia do campo futebolístico, como nos casos do jornal Zero Hora e da revista Veja, que destacavam tanto a fama de "pé quente" da Coligay quanto o crescente número de adeptos, o que contribuiu extensamente para o reconhecimento de seus integrantes como torcedores legítimos (PINTO, 2017, p. 51). Além da imprensa esportiva, a Coligay possuía uma autorização oficial do clube, através de seu presidente, para guardar materiais no próprio estádio, em um símbolo da boa relação.

A simpatia e aceitação, por outro lado, não vêm de graça. Até que ponto é necessário se adequar às regras não ditas de um espaço, como as arquibancadas, para ser aceito e/ou tolerado? Pinto (2017) indica comportamentos que podem ser classificados como incoerentes à conquista de reconhecimento de torcedores gays em um ambiente notadamente machista e homofóbico. Há o relato, a partir da fala de Volmar, em relação aos xingamentos de cunho homofóbico que integrantes da Coligay direcionavam à arbitragem da partida quando discordavam de determinadas marcações em campo. O autor indica a busca pelo enquadramento no campo futebolístico para explicar, também, a recusa da Coligay em relação à presença de travestis em sua torcida (PINTO, 2017, p. 51 e 52). Ou seja, ainda que se identificassem enquanto torcida gay e possuírem então o caráter inovador de sua atuação, o uso da homofobia, aspecto frequente na experiência nos estádios de futebol até os dias atuais, não foi quebrado. Nem mesmo o princípio da inclusão social enquanto consequência da existência do grupo foi levado ao limite, com a proibição da participação de travestis no movimento em nome da má reputação que tal iniciativa supostamente imputaria.

A breve existência da Coligay, que foi encerrada em 1983, talvez tenha limitado sua capacidade de autocrítica e construção de um movimento mais radical e coerente com suas

propostas. A centralização das atividades de um movimento político em uma liderança bem definida, como no caso de Volmar na Coligay, tende a abreviar sua trajetória, já que depende do engajamento e participação de uma única pessoa. Assim, a Coligay se desmanchou a partir do momento em que Volmar se retirou das atividades. Por outro lado, é impossível não considerar o impacto inovador e pioneiro da iniciativa, responsável por enfrentar estruturas tão sólidas no futebol brasileiro como as dominações de gênero e sexualidade.

No Rio de Janeiro, em 1979, houve uma tentativa semelhante à Coligay entre torcedores do Flamengo, que chegaram a anunciar a presença da Flagay em um clássico contra o Fluminense. Porém, tal empreendimento jamais foi registrado nos estádios, ficando resumido a discursos contrários à sua existência nos jornais que se dedicavam a cobrir o futebol carioca. Diferentemente da Coligay, a Flagay, mesmo sem marcar presença nos estádios, lidou com a repulsa de dirigentes do Flamengo, assim como a de torcedores do clube que enviavam mensagens odiosas para os jornais (PINTO, 2017, p. 61).

Se a experiência da Coligay, mesmo com limites e contradições, possui relevância histórica, é notável como os movimentos não obtiveram continuidade. De forma semelhante aos movimentos de jogadores, como ocorreu durante a “Democracia Corintiana”, as ondas de mobilização vêm e vão sem aparente legado de politização entre as diferentes gerações. Movimentos dissidentes com o protagonismo torcedor só voltaram a ganhar força na segunda década dos anos 2000, especialmente após as confirmações e as consequências do recebimento dos Jogos Pan-americanos, Copa do Mundo e Olimpíadas. Antes de tratar dos coletivos em si, porém, é preciso levar em conta um novo elemento que se tornou central na atuação política contemporânea: a internet.

## 3.2 Movimentos sociais e novas configurações a partir da internet

A revolução tecnológica ocorrida em escala global desde meados dos anos 1970 provocou impactos e transformações profundas em relações sociais e econômicas ao redor do mundo, com intensidades diferentes considerando a diversidade entre as realidades locais. Benkler (2006) identifica aspectos mais gerais dessas mudanças, observando transformações na prática democrática, na construção da esfera pública, no funcionamento do mercado e, de forma otimista, na crescente possibilidade de ação por parte de indivíduos a partir do intenso fluxo informacional proporcionado por tais avanços tecnológicos.

De modo mais específico, autores que se dedicam ao estudo dos movimentos sociais também identificaram mudanças nas dinâmicas de organização e ação no setor, cada vez mais

inserido em um contexto de comunicação digitalizada. Movimentos como a mobilização que impediu uma reunião da OMC em Seattle no fim dos anos 1990, as ocupações e protestos na Tunísia, em 2011, e a participação popular na construção de uma nova constituição na Islândia, em 2012, são alguns dos exemplos analisados a partir da noção de rede em um contexto de avanço tecnológico e uso constante de redes sociais digitais na construção de tais movimentos. Autores como Castells (2003; 2013) e Della Porta (2007) se dedicaram a elencar as novas características identificadas neste contexto, permitindo a comparação com dinâmicas de movimentos sociais considerados tradicionais.

O papel desempenhado pela internet é um dos pontos abordados por Castells (2003) na análise dos movimentos sociais em rede. Para o autor, a internet tem mais do que uma função instrumental no processo, possuindo a capacidade de adaptação de acordo com as necessidades e objetivos de cada movimento, configurando-se na infraestrutura necessária para que a rede, enquanto forma de organização, possa ter efetividade.

Castells aponta três características dos movimentos sociais contemporâneos que ajudam a entender a importância da internet no processo: em primeiro lugar, os movimentos sociais da chamada "Era da Informação" são centrados e buscam mobilizar participantes a partir de valores culturais compartilhados. Nas palavras de Castells, "a luta para mudar os códigos de significação nas instituições e na prática da sociedade é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico" (CASTELLS, 2003, p.116). A internet, com enorme capacidade de proliferação de informações, se torna, portanto, a principal forma de atingir uma maior escala de adesão popular a esses movimentos culturais, que visam defender ou propor novos modos de vida.

Uma segunda característica indicada pelo autor é a responsabilidade desses novos movimentos de ocupar o espaço deixado por organizações clássicas da "Era Industrial". Castells se refere aqui, principalmente, aos partidos políticos e sindicatos, cada vez mais alvos de descrença por parte da sociedade[83]. Essas organizações perderam espaço para mobilizações espontâneas com coalizões menos estruturadas e até com organização a partir de preceitos anarquistas – é possível constatar a relação com a horizontalidade propostas por coletivos de torcedores no trabalho de Santos (2017) em contraste com a organização interna da Coligay. Neste sentido, a internet se torna essencial para canalizar manifestações de cunho emocional,

[83] É preciso, por outro lado, levar em conta a capacidade de discursos neoliberais que certamente contribuíram para a desmobilização em torno de partidos políticos à esquerda e organizações sindicais. O fatalismo do discurso capitalista, que aponta não haver soluções fora da ordem vigente, se soma aos erros de estratégia e ação de tais partidos e sindicatos na construção dessa descrença, que não acontece simplesmente de forma natural e espontânea, mas a partir de um contexto histórico-social específico.

motivadas por questões e acontecimentos pontuais, permitindo a rápida organização para a ação.

O último fator elencado por Castells diz respeito ao potencial de alcance global desses movimentos localizados na sociedade informacional. A partir de um contexto local, os movimentos encaram o desafio de alcançarem impacto global. A dinâmica se torna possível, entre outros motivos, pelo fato das redes de poder também se estruturarem de forma global, tornando uma opressão, seja ela econômica, racial, de gênero ou de qualquer outra forma facilmente compartilhada por pessoas ao redor do mundo. Em 2018, como exemplo da tentativa de internacionalizar os movimentos de torcedores, foi lançada a "Rede de Torcidas Antifascistas Latinoamericanas", com uma página no Facebook, no sentido de criar coesão, solidariedade e mobilização entre torcedores de diferentes países[84]. Sem a globalização de seus interesses e ações, Castells aponta para a dificuldade que tais movimentos teriam para influenciar instituições e fontes de poder real, tornando-se um aspecto essencial para se manterem relevantes. Evidentemente, mais uma vez, não há meio mais eficiente para difusão de informação do que a internet, reforçando seu papel no processo de construção dos movimentos sociais contemporâneos.

Donatella Della Porta (2007) indica algumas vantagens e um desafio da estruturação em rede de movimentos globais. Em relação às vantagens, são apontadas a identidade anônima mantida por grupos e participantes individuais e a recusa de uma liderança permanente. Segundo a autora, a identidade anônima incentiva uma adesão mais ampla de participantes e a busca de um acordo comum. Ou seja, sem reprimir diferenças, o movimento ganha em diversidade e garante a intenção comum da busca de um objetivo que realmente importa a todos.

Já em relação à recusa de liderança, a vantagem é a de limitar ou até evitar o surgimento de uma personalização do movimento, o que inclusive afetaria o primeiro ponto citado anteriormente. A liderança estabilizada em apenas um indivíduo certamente provocaria rejeição, em um movimento heterogêneo, daqueles que não compartilham de suas posturas e ideais. Dessa maneira, também evita-se uma estrutura burocratizada e organizada hierarquicamente, características de partidos políticos e sindicatos, que possuem pouca penetração nesses movimentos estruturados em rede que, em geral, prezam pela descentralização do poder.

Por outro lado, Della Porta indica que a descentralização e heterogeneidade dos movimentos encontram um desafio prático a partir do alto investimento de tempo necessário

[84] A página da rede pode ser acessada em: https://www.facebook.com/lavozdelsurantifascista/ Acessada em 24 de julho de 2019.

para tomada de decisões. Ou seja, lidando com os mais diferentes agentes, com orientações ideológicas variadas, é necessária ampla consulta e debate para atingir um denominador comum em relação a como alcançar o objetivo geral compartilhado e manter uma coesão de pensamento e ação. Para tanto, é necessário o constante diálogo entre os participantes, muitas vezes localizados em diferentes partes do mundo. A internet cumpre o papel de garantir a diminuição de tais custos de mobilização, contribuindo na construção de estruturas mais flexíveis e na fixação de uma identidade comum ao grupo, atingida apenas pela troca de ideias e experiências diversas.

## 3.3 Movimentos contemporâneos de torcedores no Brasil

O estudo do contexto futebolístico brasileiro contemporâneo, especialmente em relação à transformação dos estádios – diretamente conectada à ocorrência de grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas de 2016 –, tem sido realizado por alguns autores (CRUZ, 2005; MASCARENHAS, 2014a e 2014). Por outro lado, a associação entre este processo de transformação estrutural do futebol e a reação por parte dos torcedores ainda é deficiente, possuindo em Santos (2017) e Pinto (2017) alguns dos poucos trabalhos que abordam este tema[85].

Santos (2017), após reconstruir a trajetória histórica do processo de mercantilização do esporte, focando em aspectos como a transformação do jogo em uma indústria de entretenimento, volta seu olhar para dois casos específicos no Brasil, a partir da classificação da Copa do Mundo de 2014 como o vetor da chamada "arenização" dos estádios brasileiros, como abordado anteriormente no primeiro capítulo. Neste contexto, as novas "arenas" foram reformadas e construídas a partir dos parâmetros europeus e estadunidenses – popularmente conhecido como "Padrão FIFA", uma espécie de modelo e referência para a construção de modernos estádios de futebol –, em que grandes complexos esportivos são levantados para receber não apenas jogos de futebol, mas também eventos culturais, como shows musicais e reuniões corporativas. Foram esses os casos do estádio Mineirão, em Belo Horizonte, e do Beira-Rio, em Porto Alegre, definidos como o recorte de pesquisa do autor.

Entre a reforma dos estádios utilizados por Cruzeiro e Internacional, foram observados aspectos como a elitização dos espaços, o fim de setores considerados populares e, como consequência, um novo perfil de torcedor comparecendo a tais arenas. De forma a analisar as

[85] A dissertação de Mandelli (2018) contribui no sentindo de compreender como se deram as adaptações em relação às transformações estruturais e seus impactos nos modos de torcer específicos.

reações torcedores, Santos trabalhou a partir de dois movimentos: a Resistência Azul Popular, referente ao Cruzeiro, e o Povo do Clube, identificada com o Internacional. Os grupos têm procurado levantar debates e reivindicações ligadas à mercantilização do esporte, a elitização de seus estádios e da democratização de seus clubes, visando maior participação dos torcedores nas tomadas de decisão.

Os movimentos se caracterizam por diferentes formas de ação: enquanto o Povo do Clube possui membros integrados à política institucional do Internacional, ou seja, participando diretamente das disputas internas na condição de conselheiros, a Resistência Azul Popular carrega caráter independente, no sentido de que se organiza e age por fora da instituição, configurando formas distintas da luta torcedora e com diferentes desafios a ultrapassar. Ambas, porém, possuem nas redes sociais uma forte ferramenta de mobilização e comunicação, ainda que busquem não se limitar à realidade digital[86]. Outra semelhança a ser levada em conta diz respeito à organização interna, que, nos dois casos, é marcada pela ideia de horizontalidade, sem a definição clara de hierarquia e lideranças estáveis entre seus integrantes. As comparações levantadas indicam a necessidade da criação de determinados parâmetros entre os movimentos de torcedores em pesquisa, considerando que não há um único modelo homogêneo de atuação.

Pinto (2017), por sua vez, possui o foco voltado para as discussões sobre sexualidade e gênero no meio do futebol, denotando um caráter mais abrangente de temáticas abordadas pelos diferentes coletivos de torcedores. Após um breve histórico acerca da existência da Coligay e Fla-gay, como tratado no início deste capítulo, Pinto se volta para o registro da atuação dos seguintes coletivos de torcedores: Galo Queer, formado por torcedores do Atlético Mineiro; Bambi Tricolor, por torcedores do São Paulo; Palmeiras Livre, por torcedores do Palmeiras; e o Movimento Toda Poderosa Corinthiana, por torcedoras do Corinthians. As reivindicações dos coletivos giram em torno de dois temas centrais: misoginia e homofobia no campo futebolístico do país.

O futebol é classificado por Pinto (2017) como o território próprio do “macho”, ou seja, o espaço em que os aspectos formadores do ideal de masculinidade se expressam e se reafirmam de forma exacerbada. O futebol como lócus de construção e reafirmação da masculinidade também já foi trabalhado teoricamente por Archetti (2003), em estudo voltado para o futebol argentino e por Moura (2019), acerca da realidade brasileira. Por consequência destas

[86] No momento em que esta dissertação era escrita, a Resistência Azul Popular possuía cerca de 4.700 seguidores em sua página oficial no Facebook. A Povo do Clube possuía mais de 123 mil seguidores, o número destacado de seguidores pode ser explicado pela inserção direta do grupo na política do clube, atraindo a atenção de um escopo significativamente maior de torcedores, mas não necessariamente identificados com os ideais políticos do grupo.

estruturas, são frequentes as manifestações homofóbicas e machistas no futebol brasileiro. Um dado significativo é de que a prática do futebol feminino foi proibida no Brasil, por decreto presidencial de Getúlio Vargas em 1941, até o ano de 1979, numa demonstração da intenção de reafirmar que o futebol é uma prática esportiva e espaço de sociabilidade exclusivo dos homens.

A internet, assim como indicado no trabalho de Santos (2017), surge como o principal modo de existência como torcedores e de ativismo político de grupos sociais – como mulheres e LGBT+ – que encontram resistência em torno de sua simples presença nas arquibancadas de estádios brasileiros. Dada a centralidade da presença virtual de tais coletivos, as consequências muitas vezes também são direcionadas a tal ambiente. A Galo Queer, por exemplo, já lidou com a exclusão de sua página pelo Facebook sem justificativa, o que dificulta a manutenção do vínculo criado com os apoiadores do movimento e, por consequência, sua continuidade. A Palmeiras Livre também enfrentou resistência semelhante, quando os perfis virtuais de alguns de seus membros foram expostos e circularam entre integrantes da principal torcida organizada do clube, a Mancha Alviverde, que eram contrários à existência do coletivo (PINTO, 2017). O exemplo materializa a discussão realizada no capítulo anterior, identificando uma hierarquização entre as pautas políticas que são consideradas aceitáveis ou não pelas torcidas organizadas de acordo com seu próprio conceito de política, gerando conflitos diretos entre eles e os coletivos que ampliam o foco das reivindicações torcedoras.

O Movimento Toda Poderosa Corinthiana possui a especificidade de contar apenas com mulheres no grupo, característica inédita entre os grupos observados até o momento. Há a intenção de direcionar as pautas e reivindicações para os temas que envolvem diretamente as mulheres, como debates sobre a objetificação dos corpos femininos, a falta de atenção dada ao futebol feminino pela opinião pública e as barreiras e desafios encarados por elas na convivência em arquibancadas dos estádios brasileiros. A existência e atuação dos coletivos tratados por Pinto (2017) destaca, portanto, o olhar voltado para outros processos de dominação e opressão, para além do aspecto econômico como o centro do debate sobre a mercantilização do esporte. Entram em pauta temas como racismo, xenofobia, homofobia e misoginia, complexificando a disputa encontrada no campo futebolístico.

## 3.4 Uma proposta de mapeamento dos coletivos de torcedores

A partir do que já se conhece acerca dos coletivos de torcedores contemporâneos, pretendo apresentar uma espécie de mapeamento destes grupos, buscando identificar, de acordo com alguns critérios, sua generalidade e capilaridade ao longo do território nacional. Parto do

princípio já indicado por Santos (2017) e Pinto (2017), identificando o Facebook como a principal ferramenta de comunicação e existência *online* dos agrupamentos de torcedores em questão, fornecendo algumas informações relevantes que serão identificadas e listadas a seguir: em primeiro lugar, a data de criação da página com a intenção de criar hipóteses explicativas em relação ao contexto histórico específico que propulsionou a reação de torcedores, partindo principalmente das transformações dos estádios de futebol para o recebimento da Copa do Mundo de 2014; em seguida, a busca pela descrição/nota de apresentação/manifesto de cada coletivo, buscando identificar elementos importantes que orientam sua luta e existência, como pautas e reivindicações específicas; em terceiro lugar, será observado o número de seguidores de cada página para tentar apontar a capacidade de cada coletivo de gerar um impacto, no meio digital, tanto em seu estado federativo quanto no cenário geral brasileiro (o número de seguidores não deve ser compreendido, porém, como a indicação de uma hierarquia entre coletivos mais ou menos importantes, ignorando as possibilidades concretas de cada torcida em um contexto futebolístico marcado pelo fenômeno da metropolização (MASCARENHAS, 2014); por fim, a tentativa de verificar se o coletivo ainda se encontra ativo, participando e propondo debates entre seus seguidores a partir das postagens em suas páginas.

O levantamento e produção dos dados se limitam aos clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro de 2019 em nome da viabilização de sua execução, mesmo consciente de que existem outros inúmeros coletivos ligados a torcidas de clubes que compõem as demais divisões do futebol brasileiro, que podem se tornar alvos de futuras pesquisas[87]. Este recorte, envolvendo as duas principais divisões do futebol brasileiro, mais uma vez, não pretende indicar maior ou menor importância e/ou hierarquia entre os coletivos de torcedores no Brasil, limitando-se a uma escolha metodológica que, como qualquer outra, possui prós e contras. Ao mesmo tempo em que se concentra na elite do futebol nacional (e os aspectos decorrentes deste pertencimento), perde de vista a realidade de outros futebóis presentes no Brasil, que apresentam outras formas de organização e vivência do esporte. Por fim, foram desconsideradas aquelas páginas que não possuíam uma publicação sequer no ano de 2019, o que poderia indicar inatividade ou até dissolução do coletivo[88].

---

[87] Não é ignorada, inclusive, a possibilidade de existência de grupos e coletivos políticos ligados aos clubes participantes das Séries A e B em 2019 investigados e que não foram identificados neste primeiro levantamento. A ideia é que o mapeamento inicial sirva de base e seja atualizado em pesquisas futuras.

[88] A indicação de inatividade, porém, não é uma regra. Para citar um exemplo: a Vila Nova Antifascista, de Goiás, apesar de contar com um número considerável de seguidores e manter-se em atividade entre seus membros, não publica nenhum tipo de mensagem ou posicionamento oficial em sua página desde 2018.

Para melhor visualização e organização, os dados estão apresentados numa série quadros referentes aos estados dos clubes e torcidas em observação. Em caso de estados brasileiros com poucos clubes e coletivos de torcedores localizados nas duas primeiras divisões do futebol brasileiro, os quadros foram condensados em regiões (com exceção do Rio Grande do Sul que, por possuir dois clubes com grande repercussão nacional e que contam com números destacados de torcedores e de coletivos relacionados a ele, foi separado do quadro que contém a região sul do país). Importante destacar, por fim, que todos os dados foram produzidos no mês de agosto de 2019, podendo variar em curto espaço de tempo, especialmente em relação ao número de seguidores, considerando a volatilidade e instabilidade próprias das relações na internet[89].

### 3.4.1 São Paulo

Quadro 3: Coletivos de torcedores em São Paulo

| Página | Data de criação | Nº de seguidores | Última postagem |
|---|---|---|---|
| Bonde do Che | 31/01/2013 | 30.045 | Agosto/2019 |
| Botafogo-SP Antifascista | 28/04/2014 | 829 | Agosto/2019 |
| Coletivo Democracia Corinthiana | 14/03/2016 | 20.800 | Agosto/2019 |
| Corinthians Antifascista | 07/08/2011 | 18.392 | Janeiro/2019 |
| Coringão Antifa 2.0 | 15/01/2019[90] | 2.208 | Agosto/2019 |
| Guarani Antifascista | 24/12/2015 | 1.189 | Agosto/2019 |
| Macacomuna | 24/09/2018 | 68 | Maio/2019 |
| Movimento Toda Poderosa Corinthiana | 24/03/2014 | 11.550 | Agosto/2019 |
| Palmeiras Antifascista | 21/04/2014 | 27.599 | Agosto/2019 |
| Palmeiras Livre | 12/04/2013 | 10.590 | Agosto/2019 |
| Porcomunas | 18/08/2013 | 2.068 | Agosto/2019 |
| Santos Antifascista | 22/04/2014 | 14.027 | Agosto/2019 |

Fonte: páginas oficiais dos coletivos no Facebook[91].

[89] Para ilustrar: o coletivo Bambi Tricolor, pesquisado na dissertação de mestrado de Pinto (2017), já não possui mais página ativa no Facebook.
[90] O coletivo esteve presente na plenária que será abordada à frente neste capítulo, realizada em setembro/2018, o que leva a crer que a página teve de ser recriada por algum motivo, explicando o "2.0" em seu nome.
[91] Todas as informações de todos os quadros produzidos para este capítulo foram retiradas das páginas oficiais de cada coletivo pesquisado no Facebook. Para encontrá-los, basta utilizar a ferramenta de busca da rede social a partir do nome de cada um deles.

O estado de São Paulo é o que possui, junto do Rio de Janeiro, dentre os critérios utilizados na pesquisa, o maior número de coletivos de torcedores identificados, fato que pode se explicar tanto pela quantidade de clubes integrantes das primeiras divisões do futebol brasileiro quanto pela quantidade de torcedores das principais agremiações do estado. Uma hipótese adicional leva em conta o impacto que o estado e, principalmente, a cidade de São Paulo, recebeu ao hospedar jogos da Copa do Mundo. Com aporte de dinheiro público, o Corinthians construiu um novo estádio para sediar a abertura da Copa em 2014, seguindo os elementos básicos do "Padrão FIFA" e, até os dias atuais, segue entre os clubes que cobram mais caro por seus ingressos no Brasil. O estádio do Palmeiras, apesar de não receber partidas pela competição, foi profundamente reformado em nome da suposta necessidade de "modernização". O clube é, hoje, aquele cobra o ingresso mais caro do Brasil[92]. Tais transformações estruturais nos estádios, agora "arenas esportivas", como já foi demonstrado até aqui, impactam diretamente nos modos de torcer, que frequentemente ocasiona, através do processo de elitização, a exclusão do estádio enquanto espaço habitável para grande parcela da população brasileira.

A hipótese acerca da Copa do Mundo e seus impactos, impulsionando a organização dissidente por parte de torcedores contrários às mudanças estruturais promovidas, também se aplica ao período em que estes coletivos foram fundados, sendo a maioria entre os anos de 2013 e 2014. Também é importante relembrar o contexto político-social em que se encontrava o Brasil nestes anos, com intensas manifestações nas ruas do país, que ficaram lembradas como as "Jornadas de Junho". Não é improvável que a influência da participação popular nas ruas, mesmo com os significados políticos difusos criados em junho de 2013, tenha refletido nas associações torcedoras de contestação, considerando que a realização da Copa do Mundo em 2014, utilizando dinheiro público em larga escala, também fazia parte dos embates políticos à época.

Algumas observações adicionais podem ser feitas em relação aos manifestos, notas oficiais e/ou exposições gerais dos coletivos em suas páginas[93]. Todos os coletivos relacionados ao Corinthians, por exemplo, buscam associar sua posição política contestadora e à esquerda com as origens do clube, fundado por trabalhadores anarquistas. De certa forma, reivindicam um retorno às tradições, à uma realidade distante e ideal. É comum, em suas postagens,

---

[92] Ver o ranking em: http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/index.html Acesso em 30 de agosto de 2019.

[93] Os coletivos "Palmeiras Antifascista" e "Palmeiras Livre" serão explorados com mais atenção no próximo capítulo.

referências aos valores que orientam o futebol mercantilizado, como a elitização dos estádios, os torcedores-clientes e os monopólios de mídia. Os coletivos também se posicionam contra o que consideram processos de opressão encontrados no futebol brasileiro, como machismo, homofobia, racismo e xenofobia, lutando pela superação de tais estruturas. Evidentemente, também existem referências ao movimento "Democracia Corintiana", como uma representação do potencial que o clube carrega para a criação de posicionamentos contestatórios que, de certa forma, contribui para a acumulação de um capital simbólico próprio da trajetória do clube.

O coletivo "Bonde do Che", relacionado a torcedores do São Paulo Futebol Clube, adiciona elementos diferentes à discussão, apesar de também apontar para as origens populares do clube e a consequente contradição entre ser torcedor são paulino e não adotar uma postura antifascista. Identificando sua origem enquanto grupo organizado desde 2008, substancialmente mais antiga que os demais grupos, o coletivo deixa claro que possui suas raízes dentro da principal torcida organizada do clube, a Independente, reunindo torcedores de esquerda em geral. Tal relação intrínseca entre coletivos de torcedores contemporâneos e torcidas organizadas, dois grupos de agentes diferentes na hierarquia interna do campo futebolístico, não é comum, atribuindo uma face diferente ao Bonde do Che. Ainda em seu manifesto, mesmo se posicionando de maneira parecida contra elementos machistas, racistas e xenófobos no futebol brasileiro, o grupo diz não pertencer ao movimento de, em suas palavras, "torcidas antifascistas" que se popularizou na internet. A distinção, que o coletivo faz questão de enfatizar mesmo utilizando-se do termo "antifascista" em seu texto de apresentação, apesar de necessitar de um estudo específico para aprofundamento, indica um potencial de desagregação entre os movimentos de torcedores, criando obstáculos à possibilidade de construção de um movimento mais amplo.

A designação "antifascista" em seus nomes, algo que se repetirá nos coletivos de outros estados do país, se tornou comum entre os movimentos de torcedores contemporâneos. O que parece direcionar tal classificação é o posicionamento contrário a várias estruturas sociais simultâneas, como os já citados processos de opressão, seja de origem econômica, racial, de gênero ou de sexualidade. Por outro lado, existem aqueles que adotam pautas políticas específicas, como o caso do "Movimento Toda Poderosa Corinthiana", estudada em profundidade por Pinto (2017) e que destaca a participação das mulheres no futebol, a "Palmeiras Livre", que se classifica como "movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo" (sem citar especificamente uma pauta econômica), e o "Porcomunas", que adota uma linguagem mais tradicional em relação ao pensamento e organização coletiva de

esquerda, definindo-se como grupo dedicado aos palmeirenses “comunistas, socialistas e trotskistas”.

O estado de São Paulo ainda apresenta a existência de coletivos de torcedores de clubes do interior, como nos casos de Guarani e Ponte Preta, de Campinas, e o Botafogo-SP, de Ribeirão Preto. Mesmo que reúnam menos adeptos e seguidores em suas páginas, o que não surpreende dado o menor número de torcedores em geral que estes clubes possuem, este fato demonstra a capilaridade do fenômeno de contestação torcedora em questão. Tais coletivos não possuem, assim como o “Santos Antifascista”, uma elaboração maior em relação a seus valores fundantes e lutas específicas, adotando os mesmos temas já citados (a luta contra estruturas de opressão e o chamado “futebol moderno”) como ponto de partida para sua organização.

### 3.4.2 Rio de Janeiro

Quadro 4: Coletivos de torcedores no Rio de Janeiro

| **Página** | **Data de criação** | **Nº de seguidores** | **Última postagem** |
|---|---|---|---|
| BolcheVasco | 01/05/2019 | 1.314 | Agosto/2019 |
| Botafogo Antifascista | 26/08/2015 | 19.209 | Agosto/2019 |
| Comuna Rubro-Negra | 03/12/2014 | 15.956 | Agosto/2019 |
| Esquerda Alvinegra | 02/08/2016 | 562 | Agosto/2019 |
| Flamengo Antifascista | 20/04/2014 | 26.467 | Agosto/2019 |
| Flamengo Da Gente | 11/06/2017 | 1.024 | Agosto/2019 |
| Fla Marx | 25/05/2013 | 2.075 | Agosto/2019 |
| Fluminense Antifascista | 14/12/2014 | 3.724 | Agosto/2019 |
| Fluministas | 24/06/2013 | 4.547 | Agosto/2019 |
| Tricolores de Esquerda | 23/10/2014 | 3.089 | Junho/2019 |
| Vasco Antifascista | 18/04/2014 | 9.961 | Agosto/2019 |
| Vascomunistas | 27/11/2014 | 30.507 | Agosto/2019 |

O contexto do futebol carioca também foi profundamente afetado pelos grandes eventos esportivos que ocorreram no Brasil nos últimos 15 anos. Além da Copa do Mundo de 2014, a capital do estado ainda sediou o Pan-americano de 2007 e as Olimpíadas de 2016. A estrutura física das diferentes modalidades esportivas no estado foi afetada para a realização de cada um destes eventos, com estádios novos e reformas profundas. Para o Pan 2007, ocorreu a

construção do Estádio Olímpico Nilton Santos que, posteriormente, passou a ser administrado pelo Botafogo. Para o mesmo Pan, a primeira grande reforma do Maracanã foi realizada. Incrivelmente, o estádio símbolo do futebol brasileiro passou por nova reforma visando a Copa do Mundo – impactos estruturais que também afetaram o entorno do estádio, com a desocupação de áreas residenciais para atender ao Padrão FIFA[94]. Como seria utilizado para as competições futebolísticas durante as Olímpiadas, mais um período de suspensão de seu uso foi praticado, especialmente voltado para o cuidado do gramado.

Não à toa, o Rio de Janeiro possui uma série de iniciativas envolvendo a mobilização político-torcedora organizada. A primeira delas foi a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ), já abordada no capítulo anterior, e simbolizou uma espécie de embrião que permitiu a construção da Associação Nacional de Torcedores Organizados (ANATORG), ainda em atividade. Com o foco mais voltado para os impactos causados pela ocorrência da Copa do Mundo, há a experiência da Associação Nacional dos Torcedores (ANT) que, apesar de almejar alcance nacional, possuía sua origem no estado fluminense. Até chegar, então, às mobilizações contemporâneas, sendo possível especular acerca de um *habitus* politizado mais abrangente e frequente entre os torcedores cariocas.

Algumas tendências identificadas no caso do estado de São Paulo se repetem no Rio de Janeiro, como a preferência pelo uso do termo "antifascista" nos nomes da maioria dos coletivos observados. Porém, os manifestos e descrições das páginas autodenominadas antifascistas dos quatro clubes cariocas não apresentam uma elaboração maior das pautas defendidas ou de suas trajetórias, apenas indicando sua oposição ao fascismo, que também não é definido de forma clara. A "BolcheVasco" é a que dedica mais espaço para explorar seus posicionamentos. O coletivo defende "um futebol mais democrático e popular", atrelando tais lutas às origens e trajetória do clube, algo que também já foi verificado entre os coletivos paulistas, citando passagens da história vascaína, como a resistência à demanda por exclusão de seus atletas negros na década de 1920. O manifesto segue pautando seu posicionamento contra o processo de elitização dos estádios, consciente dos atuais modelos de construção e gestão das novas arenas e o protagonismo dos grupos de comunicação nos processos decisórios no futebol brasileiro como principais entraves para o que classificam de democratização do esporte. Há, ainda, a atenção dada ao cenário esportivo profissional, destacando os problemas estruturais do calendário brasileiro, que gera trabalho precário, baixos salários e a sazonalidade para a maioria dos jogadores do país.

---

[94] Mais detalhes sobre o caso em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130322_aldeia_cq_atualiza Acesso em 30 de agosto de 2019.

A presença dos integrantes dos coletivos cariocas nos estádios de seus clubes tem gerado conflitos, sendo possível apontar dois exemplos recentes em que a relação direta de disputa e poder entre diferentes agentes do campo se materializou. Em abril de 2019, um torcedor flamenguista que vestia uma camiseta com o símbolo da "Flamengo Antifascista" precisou de uma autorização especial da Polícia Militar para adentrar o Maracanã[95]. A PM, sob o argumento de zelar pela segurança, impediu a entrada do torcedor até que deliberasse internamente sobre a situação do torcedor, que só entrou no estádio após a autorização de um sargento.

Evento semelhante ocorreu com um torcedor do Botafogo integrante da "Esquerda Alvinegra". Diferentemente de outros coletivos, este não possui uma página aberta voltada para comunicação de suas pautas e chamamentos para manifestações, utilizando apenas um grupo fechado no Facebook, que depende da autorização de moderadores para ser acessado. Em agosto de 2019, Diogo Carvalho, integrante do grupo, foi contestado ao entrar no Estádio Nilton Santos para acompanhar a partida entre Botafogo x Athletico Paranaense utilizando uma camiseta com o clássico símbolo de movimentos socialistas e comunistas, representado pela foice e o martelo nas cores alvinegras. Questionado por um funcionário do estádio, o torcedor foi inicialmente proibido de entrar no estádio por um policial. Ao indagar qual lei o proibia, o policial cedeu e permitiu sua entrada. O caso não recebeu atenção da mídia tradicional, sendo destacado apenas pela Agência Sportlight, um veículo independente de jornalismo investigativo[96].

Os dois casos representam um fato comum entre os torcedores que participam dos coletivos ao redor do país. A ocupação dos espaços ainda é deficiente dado o caráter essencialmente conservador que domina o futebol brasileiro, enquanto seu *habitus* elementar, tanto em ações práticas, como as atitudes envolvendo a Polícia Militar nos estádios, como nos discursos que justificam a ordem hegemônica vigente, demonstrando o caráter de disputa e conflito entre agentes posicionados em níveis diferentes na hierarquia do campo. Romper esta barreira e ocupar os estádios identificados enquanto coletivos que lutam por transformações profundas no futebol brasileiro – tanto por roupas com símbolos "subversivos" ou por atitudes contrárias às habituais encontradas nos estádios brasileiros – ainda se configura como desafio central para estes agrupamentos de torcedores.

---

[95] Reportagem completa sobre o caso: https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/torcedor-do-flamengo-com-camisa-antifascista-precisou-de-autorizacao-da-pm-para-entrar-no-maracana.ghtml Acesso em 26 de agosto de 2019.

[96] O registro do fato pode ser acessado na página da Agência no Facebook: https://www.facebook.com/agenciasportlight/posts/2347152292189384 Acesso em 26 de agosto de 2019.

### 3.4.3 Minas Gerais

Quadro 5: Coletivos de torcedores em Minas Gerais

| Página | Data de criação | Nº de seguidores | Última postagem |
|---|---|---|---|
| Cruzeiro Pro Povo | 05/05/2014 | 3.383 | Maio/2019 |
| Galo Queer | 03/05/2015 | 2.932 | Julho/2019 |
| Galo Marx | 03/10/2012 | 5.496 | Agosto/2019 |
| Galo Ultras Antifa | 22/01/2015 | 1.143 | Junho/2019 |
| Torcida Antifascista do Galo | 25/04/2019 | 103 | Agosto/2019 |
| Resistência Azul Popular | 15/12/2014 | 4.719 | Agosto/2019 |

Saindo do chamado “eixo Rio-SP”, que possui o maior número de clubes representantes nas primeiras divisões nacionais aqui analisadas, é esperado que uma quantidade menor de coletivos surja a partir de agora, como é o caso de Minas Gerais. O estado mineiro também recebeu jogos da Copa do Mundo de 2014, inclusive o fatídico 7x1 entre Alemanha e Brasil. O principal estádio do estado, o Mineirão, passou por profunda transformação para se adequar às normas de modernização europeia do Padrão FIFA. O Atlético-MG, que tradicionalmente utilizava o Mineirão para sediar seus jogos, passou a jogar na Arena Independência, pertencente ao América-MG, também reformada sob os preceitos das arenas esportivas, mesmo que a partir de parâmetros reduzidos em relação à capacidade de público. O Mineirão, reformado, passou a ser utilizado principalmente pelo Cruzeiro, recebendo raras partidas do Atlético, apenas quando o clube entende ser possível atingir grandes públicos, justificando o alto aluguel para uso do estádio agora gerido pela iniciativa privada, denotando mais uma faceta típica do atual processo de mercantilização do esporte no país.

O “Resistência Azul Popular”, coletivo ligado à torcida do Cruzeiro e já analisado em profundidade por Santos (2017), é o que possui um manifesto mais elaborado quanto suas intenções e pautas políticas. Assim como em outros coletivos já analisados aqui, o grupo faz referência à origem operária do clube, formado à época por trabalhadores da área da construção civil, além de ressaltar momentos e atitudes de resistência em sua história, especialmente durante a segunda guerra mundial, quando foi obrigado a alterar seu nome original, Palestra Itália, por pressão do governo brasileiro, em movimento semelhante ao ocorrido com o Palmeiras, também chamado Palestra Itália originalmente. O coletivo escapa da autodenominação antifascista para se classificar de forma mais específica como anticapitalista,

adotando a interpretação da luta de classes aplicada à análise do futebol brasileiro. Assim, abre a possibilidade de construção de uma solidariedade entre torcedores de outros clubes, focando sua oposição direcionada à dirigentes, empresas privadas e políticos do Brasil. Não adotar a denominação "antifascista" em seu nome não exclui, porém, a atenção dada a outros aspectos estruturais da organização social no futebol brasileiro, fazendo oposição à homofobia, machismo, racismo e xenofobia. Sendo o Cruzeiro o clube com maior número de partidas no Mineirão reformado, o coletivo ainda se posiciona de forma contrária ao grupo privado que administra o estádio, a Minas Arena, enquanto produtor e representante de um modelo de futebol elitizado.

Do lado atleticano, a "Galo Queer", que recebeu atenção específica de Pinto (2017), possui uma pauta especialmente voltada para as questões de gênero e sexualidade, definindo-se enquanto movimento anti-homofobia e anti-sexismo. O coletivo também já teve sua página excluída sem explicações pelo Facebook, o que resulta na dificuldade de manter-se ativo e relevante no debate público dentro do campo em questão. O "Galo Marx", assim como o "FlaMarx" no Rio de Janeiro, aponta para uma direção parecida da "Resistência Azul Popular", pautando seu posicionamento a partir de uma interpretação anticapitalista do futebol, enxergando a reprodução da dominação de classes ocorrendo também no esporte. Mais uma vez partindo de um caráter originalmente popular do clube, classificado no manifesto como "time do povo", porém, o grupo constrói um argumento central com potencial desagregador, citando elementos que podem funcionar como barreiras para a construção de solidariedade entre torcedores de outros clubes, definindo-se como a torcida mais fanática do país e a primeira torcida socialista de Minas Gerais.

### 3.4.4 Rio Grande do Sul

Quadro 6: Coletivos de torcedores no Rio Grande do Sul

| **Página** | **Data de criação** | **Nº de seguidores** | **Última postagem** |
|---|---|---|---|
| Coletivo Orgulho Vermelho | 28/06/2019 | 906 | Agosto/2019 |
| Grêmio Antifascista | 29/08/2014 | 18.411 | Agosto/2019 |
| Inter Antifascista | 11/01/2015 | 19.825 | Agosto/2019 |
| O Povo do Clube | 22/10/2012 | 123.128 | Agosto/2019 |
| QUEERlorado | 11/04/2013 | 3.292 | Agosto/2019 |
| Xavantes Antifascistas | 26/01/2016 | 2.567 | Abril/2019 |

Os dois principais clubes do Rio Grande do Sul também passaram por mudanças estruturais em seus estádios nos últimos anos. O Beira Rio, estádio do Internacional, foi reformado para receber partidas da Copa do Mundo. O Grêmio deixou seu histórico estádio Olímpico para trás e se mudou para uma nova arena, em outra região da cidade de Porto Alegre, mesmo sem receber partidas da Copa, em situação parecida com a do Palmeiras em São Paulo.

Entre os coletivos identificados, algumas semelhanças entre os anteriores são notadas. Mais uma vez o termo "antifascista" surge com destaque, com coletivos ligados a Inter e Grêmio com número considerável de adeptos e atividade constante de comunicação. O "Grêmio Antifascista" não investe muito em sua descrição, enquanto o "Inter Antifascista" elabora um pouco mais suas ideias. O coletivo resgata as origens populares do clube, indicando seu "caráter plural" e relembrando a imagem de sua mascote, o saci-pererê, única mascote negra em clubes de futebol do Brasil. Entre as pautas, o coletivo ataca o racismo, machismo, homofobia e a elitização dos estádios, repetindo o padrão dos outros agrupamentos antifascistas. O coletivo enfatiza que suas ações e projetos não se limitam às áreas do Beira Rio, mas se expandem por toda a sociedade, buscando articular ações estratégicas com outros movimentos políticos, como os formados por indígenas e quilombolas, afirmando-se, porém, independente de partidos políticos. Entre os coletivos antifascistas, ainda se destaca o "Xavantes Antifascistas", relacionado à torcida do Brasil de Pelotas, demonstrando o caráter abrangente do fenômeno no Rio Grande do Sul, alcançando também cidades e clubes do interior, como observado em São Paulo, mesmo que este coletivo não esteja tão ativo, com a última postagem feita na página em abril de 2019.

O estado gaúcho também apresenta coletivos voltados especificamente para a causa LGBT+, como o "QUEERlorado" e o "Coletivo Orgulho Vermelho", ambos relacionados à torcida do Internacional. O "Orgulho Vermelho" indica a particularidade de possuir apenas torcedores LGBT+ em sua composição, enquanto o "QUEERlorado", em sua descrição, aponta para outros aspectos da opressão encontradas no futebol, adotando uma postura antirracista, anti-transfobia e anti-machista.

O número destacado de seguidores do grupo "O Povo do Clube" pode ser explicado por diferenças fundamentais em sua organização interna e atuação, já exploradas por Santos (2017), em relação aos coletivos "comuns". Como dito anteriormente, "O Povo do Clube" se inseriu com sucesso na política interna do clube, participando de eleições diretas para representantes de seus ideais no Conselho Deliberativo, proporcionando uma atenção maior por parte da torcida colorada, já que os resultados de suas propostas acabam sendo verificados mais facilmente. Considerando essa configuração, sua descrição adota objetivos mais práticos e

voltados à política do clube, destacando também as conquistas já alcançadas. Por possuir caráter mais institucional, o discurso do grupo se apresenta de forma bem menos radical do que já foi possível identificar em outros coletivos, alterando de forma significativa o tipo de relação que se estabelece com diferentes agentes do campo, indicando, por exemplo, a necessidade de uma participação torcedora nas estruturas internas do clube de maneira geral. Apesar de propor uma modalidade de sócio-torcedor voltada para os torcedores de baixa renda, não há o diagnóstico quanto às causas de tal exclusão, apontando para medidas paliativas de inclusão. Entre as pautas comuns de outros coletivos, é possível perceber, nos projetos do "O Povo do Clube", a demanda por maior participação feminina em todas as áreas do clube, desde o Conselho Deliberativo até as *stewards* no estádio, além da produção de campanhas contra a violência direcionada às mulheres e pelo incentivo ao futebol feminino.

### 3.4.5 Região Nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco

Quadro 7: Coletivos de torcedores da região Nordeste

| **Página** | **Data de criação** | **Nº de seguidores** | **Última postagem** |
|---|---|---|---|
| Antifascista Sport | 26/01/2018 | 1.183 | Agosto/2019 |
| Bahia Antifascista | 25/12/2015 | 914 | Maio/2019 |
| Brigada Marighella – EC Vitória | 22/04/2015 | 2.899 | Agosto/2019 |
| CSA_Antifa | 05/05/2018 | 623 | Agosto/2019 |
| Frente Esquadrão Popular | 13/09/2018 | 1.541 | Junho/2019 |
| Resistência Tricolor | 24/04/2017 | 2.229 | Agosto/2019 |
| Vozão Antifascista | 22/08/2015 | 1.220 | Agosto/2019 |

O "CSA_Antifa", coletivo de torcedores do CSA em Maceió, capital do estado de Alagoas, que também não recebeu jogos da Copa do Mundo e nem reformas estruturais em seus estádios, apresenta um manifesto mais elaborado acerca de seus posicionamentos. Adotando o lema anticapitalista "nem guerra entre as torcidas nem paz entre as classes", o coletivo também identifica o avanço de ideias e práticas conservadoras em nível internacional. O grupo interpreta o futebol como espaço privilegiado pelos ataques conservadores, que alteram sua origem popular para sua transformação em mais um produto no mercado a ser simplesmente consumido, apontando para a construção das novas arenas e a consequente elitização de seus públicos como sintomas de tal movimento. Sua principal motivação se torna, então, demarcar

um posicionamento contrário a tais processos, lutando lado a lado com o que classificam de classes trabalhadoras, identificando o Estado como o principal repressor em relação a movimentos populares, jovens periféricos e a população pobre. O coletivo finaliza seu manifesto apontando para o caráter popular de origem do CSA e exalta feitos históricos como o protagonismo da equipe feminina de futebol do clube durantes os anos 1970.

No estado baiano, onde ocorreram quatro jogos da Copa, a reforma se deu no estádio da Fonte Nova, casa do Bahia. O Manuel Barradas, popularmente conhecido como Barradão, casa do Vitória, não recebeu partidas. O coletivo "Bahia Antifascista", apesar de ter sido criado no mesmo ano em relação ao coletivo da torcida do Vitória, ainda possui um número significativamente pequeno de adeptos em sua página, sequer mantendo-se atualizada, com sua última postagem tendo origem em maio de 2019. O grupo também não investe em sua descrição, apenas identificando o Bahia como "a felicidade dos oprimidos" e apontando sua postura geral contra o fascismo na sociedade e no futebol. Em relação à torcida do Bahia, ainda se observa a presença da "Frente Esquadrão Popular" que, apesar de possuir alguns meses de inatividade em sua página, recebe um número considerável de adeptos e seguidores. Em sua nota oficial, o grupo indica a presença tanto de torcedores quanto de conselheiros e sócios do clube, que pretendem construir um Bahia "progressista, inclusivo, democrático e popular", uma tendência que se verifica na realidade atual do clube, como destacado no capítulo anterior. O início da frente foi marcado por um evento inaugural que contou a presença do jornalista Juca Kfouri, presente para debater o tema das relações entre futebol e política. Preocupada com a rejeição à politização do esporte, aspecto central da interpretação acerca do campo futebolístico, a frente faz questão de manifestar que não discutirá temas relacionados à política partidária, mas sim à construção de ações organizadas no sentido de alcançar os objetivos já citados em relação ao clube.

O "Brigada Marighella – EC Vitória", além de possuir números maiores de seguidores em sua página e manter-se ativo, apresenta algumas particularidades. A principal delas já surge em seu nome, escapando ao "padrão" de adotar o termo "antifascista" já observado para, ao invés disso, homenagear um personagem histórico e revolucionário da trajetória tanto do comunismo quanto da luta armada no Brasil: Carlos Marighella. O coletivo justifica tal escolha em seu manifesto lembrando de uma série de torcidas que envergam camisetas e bandeiras de Che Guevara, adotando Marighella, baiano e torcedor do Vitória, como "seu próprio Che". A trajetória do comunista e revolucionário brasileiro, que lutou contra duas ditaduras e foi assassinado em 1969, é exaltada com orgulho pelo coletivo, projetando que, se estivesse vivo, ele lutaria ao lado do grupo em nome da democratização do clube. O coletivo se posiciona

contra o que classifica como qualquer injustiça e/ou atos racistas, machistas e homofóbicos. A associação à imagem e trajetória de Marighella, é claro, também pressupõe uma postura essencialmente anticapitalista.

O principal estádio do estado cearense, conhecido popularmente como Castelão, foi amplamente reformado por conta da Copa do Mundo de 2014, mesmo após ter passado por reformas já em 2002. O estádio recebeu seis jogos da Copa do Mundo, sendo Brasil x México entre eles, apontando para o destaque que o estado recebeu durante o evento.

O estado do Ceará também abriga um dos coletivos de torcedores mais antigos considerando o período após a existência da Coligay e os agrupamentos contemporâneos observados neste capítulo. O "Ultras Resistência Coral" possui ainda mais relevância considerando sua origem na torcida do Ferroviário Atlético Clube, uma agremiação costumeiramente ausente das principais divisões do futebol brasileiro profissional – disputou a Série C do Campeonato Brasileiro em 2019, enquanto seus rivais Ceará e Fortaleza disputavam a Série A – e que, por esta razão, sofre com consequências diferentes frente ao processo de mercantilização do esporte. Para um clube tradicional regionalmente, mas que não figura entre as principais forças de seu estado – seu último título cearense foi conquistado em 1995 –, a possibilidade de sucesso esportivo é mínima, sendo praticamente impossível competir em pé de igualdade com rivais locais que contam maior capacidade de arrecadação financeira, para não citar os rivais em nível nacional. A relativa "fama" angariada pelo movimento contestador de seus torcedores pode ser vista em paralelo com a trajetória do St. Pauli, citado no capítulo inicial deste trabalho, em que o capital simbólico acumulado por uma torcida politicamente ativa disputa – e por vezes supera – o reconhecimento dado aos feitos esportivos do clube.

A trajetória do "Ultras Resistência Coral" é reconhecida e serviu de inspiração para a construção do "Resistência Tricolor", coletivo ligado à torcida do Fortaleza, como apontam em seu manifesto de apresentação. Partindo da concepção que indica o futebol como um esporte do povo, das massas, o coletivo dos torcedores do Fortaleza, que se fundou a partir da união de torcedores comunistas, socialistas e anarquistas, considera que o esporte não pode ser analisado como parte independente da sociedade. Seu manifesto aponta uma militância política prévia de seus integrantes que foi transposta para o campo futebolístico, ampliando sua atuação. Mesmo com sua fundação recente, o coletivo já apresenta bons números de adeptos e seguidores, bem como mantém uma atividade constante em sua página.

Pelo lado da torcida do Ceará, o "Vozão Antifascista" elabora de forma aprofundada seu manifesto inicial. Assim como o "Resistência Tricolor", o coletivo parte do princípio que indica o futebol como espaço próprio da classe trabalhadora, já utilizando uma linguagem

tradicional dos movimentos da esquerda anticapitalista, e se coloca como contrário a todos os tipos de opressão. Como pouco observado até o momento entre os manifestos de outros coletivos, neste há uma defesa direta e clara acerca da presença das torcidas organizadas nos estádios, portando seus elementos básicos como as bandeiras, instrumentos musicais, sinalizadores e afins. As torcidas organizadas são identificadas pelo coletivo como símbolo da presença popular nos espaços esportivos e, com este apoio, sinaliza para a tentativa de solidariedade entre agentes dominados no campo. A liberdade de acesso às arquibancadas também é defendida para outros setores específicos da população, como as mulheres, os LGBT+ e negras e negros. Há, inclusive, um elemento até então inédito nas observações produzidas aqui: o coletivo aponta para a necessidade de clubes laicos como meio de enfrentamento das intolerâncias identificadas e no combate à criminalização das religiões de matriz africana e do ateísmo. O grupo se posiciona a favor de punições a torcedores, técnicos e dirigentes que venham a cometer algum tipo de violência contra as mulheres, bem como manifestações de cunho racista e/ou homofóbico. Por fim, sob o já citado lema "nem guerra entre as torcidas nem paz entre as classes", o coletivo se abre à possibilidade de articulação entre agrupamentos torcedores de todos os clubes brasileiros, desejando e proporcionando condições para a construção de uma solidariedade torcedora real.

Em Pernambuco, para o recebimento de cinco jogos da Copa – e mesmo possuindo estádios próprios de Náutico, Santa Cruz e Sport, principais clubes do estado –, uma nova arena foi levantada na região metropolitana da capital Recife, em São Lourenço da Mata. Em um primeiro momento, tanto Sport quanto Náutico adotaram o estádio como casa em determinadas partidas, sem receber o apoio de suas respectivas torcidas. O longo trajeto, sem alternativas de transporte público, se tornou um dos principais obstáculos para os torcedores, que, apesar de serem os responsáveis pela desejada geração de riquezas para os agentes dominantes do campo, jamais foram levados em conta para a construção das modernas arenas ao redor do país. Os dois clubes retomaram suas casas originais, a Ilha do Retiro, do Sport, e o Estádio dos Aflitos, do Náutico, como mando de campo, tornando a Arena Pernambuco em mais um "elefante branco" deixado como legado da Copa.

O "Antifascista Sport" explica sua criação, em manifesto de apresentação, a partir do que considera uma ascensão do reacionarismo no Brasil, prometendo somar força à luta contra todo tipo de processos de repressão e segregação. Levando em conta o caráter popular do futebol, que muitas vezes se reflete em um "modo de vida" para os torcedores, o coletivo identifica uma crescente perseguição a grupos de torcedores fanáticos e que não se enquadram na passividade desejada pelo modelo mercantilizado de futebol, inclusive indicando a posição

elitista do próprio clube em relação à precificação dos ingressos de seus jogos. O futebol é considerado pelo grupo como ferramenta de inclusão, que não pretende se limitar à realidade esportiva, mas levar a resistência que nasce no futebol para o restante da sociedade, em interação com os demais campos sociais que a compõem.

### 3.4.6 Região Centro-Oeste e Sul: Goiás, Paraná e Santa Catarina

Quadro 8: Coletivos de torcedores nas regiões Centro-Oeste e Sul

| Página | Data de criação | Nº de seguidores | Última postagem |
|---|---|---|---|
| Atlético-PR Antifascista | 01/11/2017 | 524 | Agosto/2019 |
| Avaí Antifascista | 16/03/2018 | 441 | Julho/2019 |
| Coritiba Antifascista | 03/12/2017 | 2.229 | Agosto/2019 |
| Criciúma Antifascista | 10/10/2018 | 269 | Agosto/2019 |
| Esmeraldinos Antifas | 28/11/2018 | 191 | Agosto/2019 |
| Figueirense Antifascista | 18/04/2018 | 756 | Maio/2019 |
| Gralha Marx | 17/07/2013 | 2.457 | Agosto/2019 |
| Londrina Antifascista | 02/12/2015 | 816 | Agosto/2019 |

De certa forma, o "Esmeraldinos Antifas", coletivo relacionado à torcida do Goiás, em um estado que também não passou por grandes transformações em seus estádios de futebol por não receber partidas para a Copa, se assemelha aos coletivos catarinenses ao apresentar poucos seguidores e não elaborar longamente sua descrição, apesar da atividade constante de comunicação. Seu posicionamento indica apenas uma oposição geral a "discriminações étnicas, raciais e sociais", sendo elas manifestas de forma explícita ou velada. O coletivo, porém, busca se manter ativo nos jogos do clube, enfrentando problemas semelhantes aos identificados com alguns membros de coletivos no estado do Rio de Janeiro: em duas oportunidades, em fevereiro de 2020, o coletivo tentou levar faixas e bandeiras com identificações antifascistas aos jogos do Goiás, sendo barrados na entrada pela Polícia Militar. O coletivo destaca, em postagem[97] que denuncia a proibição, que vem tentando a liberação das faixas com a Polícia Militar do estado desde 2018, sem alcançar sucesso. A presença física nos estádios, por parte de torcedores que compõem estes coletivos, se mostra sistematicamente prejudicada, sendo possível

[97] A mensagem, com vídeo e foto do ocorrido, pode ser vista aqui: https://www.facebook.com/esmeraldinosantifascistas/posts/517632355528604 Acesso em 20 de março de 2020.

identificar o mesmo desafio em diferentes partes do país. O levantamento relativo ao estado de Goiás também poderia contar com o coletivo "Vila Nova Antifascista", que possui bons números de seguidores, porém não publica uma nova mensagem desde 2018, o que a exclui de acordo com os critérios estabelecidos anteriormente, ainda que se mantenha em atividade fora do meio digital.

No estado do Paraná, o estádio do Athletico foi reformado para receber jogos da Copa do Mundo de 2014, aumentando sua capacidade total de público e se adequando ao Padrão FIFA. O estádio possui a especificidade de ter sido o primeiro no Brasil a ter seus *naming rights* vendidos para uma empresa privada, possuindo entre 2005 e 2008 o nome oficial de Kyocera Arena. A construção do estádio, em 1999, já antecipava algumas tendências que viriam a dominar os novos estádios brasileiros pós-Copa, como cadeiras em todos os setores.

O Athletico possui um histórico recente de medidas que o aproximaram de um viés conservador na política brasileira, *habitus* comum entre os principais clubes do país, ainda que nem sempre expressado de forma tão aberta. Durante a campanha para a eleição presidencial em 2018, os jogadores do time foram obrigados a utilizar uma camisa amarela com os dizeres "Vamos todos juntos por amor ao Brasil"[98], em clara alusão ao então candidato Jair Bolsonaro, que viria a se tornar presidente do país. Ainda em 2018, o clube, que também é pouco simpático à presença da própria torcida organizada em seu estádio, determinou que não haveria mais um setor dedicado às torcidas visitantes, adotando um estranho conceito de "torcida humana". Ou seja, o torcedor visitante em si não estava proibido, mas não possuiria mais um espaço dedicado a ele, criando condições pouco propícias à sua presença[99]. Na prática, ocorreu a adoção da torcida única em todos os jogos disputados pelo clube em sua casa. Causa surpresa, portanto, a pouca adesão em relação ao coletivo "Atlético-PR Antifascista", considerando as diversas iniciativas polêmicas do próprio clube. O coletivo, apesar de se manter atualizado e postando mensagens com frequência, não possui um manifesto de apresentação.

O "Coritiba Antifascista", além de possuir mais seguidores mesmo tendo sido criado posteriormente, elabora um pouco mais seu manifesto. Utilizando-se do termo comum

---

[98] Paulo André, um dos líderes do Bom Senso F.C. e que já havia assinado um manifesto contra Bolsonaro, foi o único jogador que, apesar de vestir a camiseta amarela, utilizou uma jaqueta preta do Athletico por cima, em claro descontentamento com a ordem da direção do clube. Posteriormente, o Athletico foi multado pelo STJD em R$ 70 mil pelo ato de apoio político a um candidato. Ler mais em: https://www.terra.com.br/esportes/atletico-pr/atletico-pr-e-multado-em-r-70-mil-pelo-stjd-por-manifestacao-pro-bolsonaro,654a3dbc33c8ce83797258cec9581484hgnd6nyy.html Acesso em 28 de agosto de 2019.

[99] A disputa da semifinal da Copa do Brasil contra o Grêmio, em 2019, deu fim à iniciativa, com os clubes entrando em acordo para garantir a presença de torcedores visitantes nos jogos de ida e volta. Ver mais em: https://www.tribunapr.com.br/esportes/athletico/athletico-x-gremio-decreta-o-fim-da-torcida-humana-na-arena-da-baixada/ Acesso em 28 de agosto de 2019.

“antifascista”, o coletivo se posiciona de maneira geral contra todos os preconceitos e opressões identificados no futebol, especialmente voltado ao caráter mercadológico que passou a dominar o esporte, transformando os clubes em empresas. O grupo destaca sua independência em relação a partidos políticos e apresenta sua composição construída por torcedores de diversas vertentes políticas que possuam em comum o posicionamento em nome do resgate de um futebol popular, voltado para as massas. Indicando a impossibilidade de dissociar futebol e política, o coletivo afirma, por fim, ter estado presente em todos os jogos do Coritiba em 2018, reforçando sua identidade torcedora.

O “Londrina Antifascista”, apesar de não explorar de forma alongada sua descrição, apenas indicando de maneira geral sua oposição ao machismo, homofobia, racismo e contra a violência, aponta para o potencial do fenômeno em relação ao interior do estado, bem como observado nos casos de São Paulo e Rio Grande do Sul. O “Gralha Marx”, coletivo de torcedores do Paraná, também não elabora um manifesto de apresentação, apesar de contar, assim como o “FlaMarx” e “Galo Marx”, com uma associação teórica e prática essencialmente anticapitalista.

Em Santa Catarina, mesmo sem receber jogos da Copa e reformar ou inaugurar novos estádios, há um considerável número de coletivos, formados em período recente, em 2018, o que ajuda a explicar o número baixo de seguidores. Com todos adotando a denominação “antifascista”, as torcidas de Avaí, Criciúma e Figueirense, clubes que possuem tradição na disputa das principais divisões do futebol brasileiro, apresentam seus coletivos. O “Avaí Antifascista”, em seu manifesto, identifica sua formação a partir de várias vertentes políticas e coloca-se em defesa da característica popular do futebol e a luta contra manifestações fascistas de dominação, como a homofobia, o machismo e a xenofobia, identificando as arquibancadas dos estádios como instrumento de resistência. O manifesto do “Criciúma Antifascista” se limita a indicar sua posição contra o fascismo identificado tanto dentro quanto fora das arquibancadas em Santa Catarina. Por fim, o “Figueirense Antifascista” indica sua luta contra “o preconceito, o capitalismo e o futebol moderno”, atrelada ao seu apoio incondicional ao clube dentro de campo.

## 3.5 Os coletivos contemporâneos e a tentativa de mobilização nacional

Após a experiência da Associação Nacional dos Torcedores (ANT), que recebeu um olhar mais aprofundado de Gaffney (2013) em artigo que buscou explorar as origens, estratégias colocadas em prática, desafios encontrados e o fim da iniciativa, os coletivos de torcedores

contemporâneos aqui explorados também buscam construir uma articulação em nível nacional visando maior capacidade de ação e impacto no campo futebolístico brasileiro. Em setembro de 2018, ocorreu o 3º Simpósio Internacional de Estudos Sobre Futebol, realizado na Universidade de São Paulo. Como parte da programação oficial do evento, houve uma plenária que visava articular os diversos coletivos de torcedores espalhados ao redor do Brasil, discutir as questões mais relevantes daquele contexto e estabelecer relações de solidariedade e ações conjuntas. Foi a oportunidade para que representantes dos coletivos se apresentassem, apontando algumas informações básicas de formação e organização interna de cada agrupamento. Importante notar que, além dos coletivos ligados a torcidas de clubes específicos, estiveram presentes dois grupos que se voltam para a prática do futebol, de forma amadora, visando a participação irrestrita de interessados. Tanto o "Natus F.C." quanto o "RosaNegra Ação Direta e Futebol" enfatizaram sua abertura para o recebimento de integrantes LGBT+ que enfrentam resistência para jogar futebol em grupos de "peladas" comuns. Havia, ainda, o "Arquibancada Na Veia", grupo formado apenas por mulheres de diversas torcidas organizadas, originárias de Rio de Janeiro, São Paulo e Belém. O objetivo é de se organizar para debater acerca dos desafios específicos que mulheres enfrentam no ambiente das torcidas organizadas. A presença de grupos não identificados de forma clubística atenta para a possibilidade de criação de solidariedade política entre diferentes setores que compõem o grupo de agentes torcedores no campo em análise.

Entre os coletivos e/ou grupos de torcedores, estavam representados: Esquadrão Frente Popular; Flamengo da Gente; Palmeiras Antifascista e o Ocupa Palestra; Coringão Antifa; Macacomuna; Brigada Marighella; Vozão Antifascista; Democracia Corintiana; Feministas do Galo; e um integrante da Força Jovem do Pelotas, torcida organizada do clube do interior gaúcho.

Além de uma série de informações e contatos trocados, foram definidas uma série de encaminhamentos que serviriam de base comum para a atuação dos coletivos dali em diante, resultando em uma nota oficial, assinada por todos os grupos citados acima, divulgada em alguns veículos independentes de comunicação e grupos de pesquisa e divulgação científica sobre futebol que também estavam presentes na plenária[100]. Foram quatro as pautas definidas: "Futebol para quem? A todas e a todos: não ao fascismo!"; "#EleNão! #EleNunca!"; "Defesa intransigente da democracia"; e, por fim, "Combate a toda manifestação preconceituosa".

[100] Alguns coletivos que não estavam presentes no momento da plenária, como o "Tricolores de Esquerda" e o "Coletivo Democracia Santacruzense", também se tornaram signatários da nota oficial divulgada posteriormente.

As pautas refletem diretamente os ideais dos coletivos de torcedores descritos nos tópicos anteriores, com especial preocupação para o caráter inclusivo que se pretende construir em relação ao futebol brasileiro, possibilitando a participação irrestrita de todas e todos aqueles que se interessarem e quiserem estar presentes. Há, ainda, dado o contexto específico em que a plenária ocorreu, ou seja, durante a campanha presidencial de 2018, em um momento em que a vitória de Jair Bolsonaro já se tornava o cenário mais provável, uma manifestação direta dos coletivos contrária ao então candidato e atual presidente do Brasil.

O próximo, e último, capítulo busca explorar as experiências de dois coletivos específicos: Palmeiras Antifascista e Palmeiras Livre. Será possível observar como tais grupos colocam suas lutas em prática, como se relacionam com os outros agentes do campo identificados no segundo capítulo e qual a situação presente das mobilizações nacionais e internacionais entre coletivos de torcedores.

FIGURA 9 – Coligay presente em jogo do Grêmio na década de 1970.

Fonte: El País[101]

[101] Reportagem em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html Acesso em 04 de outubro de 2019.

FIGURA 10 – Capa do Jornal dos Sports com a declaração do então presidente do Flamengo, Márcio Braga, após uma derrota para o Fluminense, “responsabilizando” a Fla-Gay.

Fonte: Brasil de Fato[102]

[102] Reportagem em: https://www.brasildefato.com.br/2016/04/14/torcidas-gays-resistem-a-homofobia-nos-estadios-de-futebol/ Acesso em 04 de outubro de 2019.

# 4. A LUTA NA PRÁTICA: os coletivos Palmeiras Antifascista e Palmeiras Livre

Percorrida a trajetória entre o panorama internacional de mobilizações torcedoras e o contexto geral brasileiro, é hora de observar a militância de grupos específicos entre torcedores no Brasil. Foram selecionados os coletivos Palmeiras Antifascista (também conhecida como P16, denominação que adotarei a partir de agora) e Palmeiras Livre. Ambos atendem aos critérios estabelecidos no capítulo anterior e estão entre os agrupamentos que reúnem mais seguidores em suas páginas no Facebook, que observo desde 2016. Em um clube profundamente afetado pelas transformações "modernizadoras" do futebol brasileiro, com seu estádio reformado para atender ao "Padrão FIFA" – de forma voluntária e de acordo com a vontade de seus dirigentes à época, já que não recebeu partidas da Copa de 2014 –, a existência de mais de um coletivo com impacto tanto em número de seguidores quanto em longevidade chama a atenção, servindo também como um dos critérios para a escolha destes grupos.

O objetivo inicial, em termos de produção de dados, era o de realizar entrevistas individuais com representantes de cada coletivo, de acordo com alguns critérios como estar presente desde o início da trajetória do grupo e continuar ativo em suas ações cotidianas. Após estabelecido o contato com um integrante da P16, porém, me foi solicitado que, por motivos de segurança, o coletivo pudesse responder às questões de forma coletiva e por escrito, sem a identificação de nomes dos envolvidos. O pedido se justificava pelo fato de perseguições e reações negativas já terem ocorrido contra seus membros, assim como já registrado por Pinto (2017) em relação à Palmeiras Livre, quando alguns de seus integrantes tiveram seus perfis em redes sociais circulando entre membros da Mancha Alviverde, gerando um clima óbvio de apreensão. Considerando o pedido absolutamente compreensível, a proposta foi aceita e, para manter uma coerência na produção de dados, foram oferecidas as mesmas condições a uma integrante da Palmeiras Livre, que concordou. Uma série de perguntas foram, então, enviadas aos integrantes contatados para que repassassem a seus companheiros de militância e devolvessem assim que respondidas. Algumas questões foram enviadas de forma específica para cada coletivo, considerando suas particularidades. As perguntas giram em torno da formação dos coletivos, sua organização interna e as relações estabelecidas com outros grupos de agentes do campo futebolístico, além das possibilidades e desafios para a construção de uma mobilização mais abrangente entre torcedores brasileiros.

A mudança em relação ao modo de produzir dados para a pesquisa possui prós e contras: se, por um lado, perde-se o potencial de diálogo contínuo e aprofundado, proporcionado por uma entrevista realizada com um integrante específico, por outro, há a possibilidade de obter um posicionamento do coletivo como um todo, em que todos seus integrantes tiveram chance de opinar até que uma resposta fosse construída satisfatoriamente por eles. A solicitação da P16 indica, por si só, reafirmando uma das hipóteses que orientou esta pesquisa, que os coletivos de torcedores, ao proporem um *habitus* essencialmente contestador em relação ao restante do campo, ocupam um espaço marginal – ou de *outsiders*, em termos de Elias e Scotson (2000), em relação a outros setores da torcida, como será abordado ao longo deste capítulo –, lidando com as reações negativas à sua existência.

## 4.1 Contexto de origem, organização interna e principais ações

Em 22 de maio de 2010 o Palmeiras realizava seu último jogo oficial no antigo Palestra Itália, vencendo o Grêmio por 4x2 em partida válida pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro daquele ano[103]. Com uma parceria estabelecida com a construtora WTorre, o clube se preparava para uma profunda reforma em seu estádio, originalmente construído em 1933 (sendo que o campo de jogo já existia desde 1902), constituindo um marco histórico de virada em sua trajetória. Mesmo sem sediar partidas da Copa do Mundo de 2014, a reconstrução do estádio – agora "arena esportiva" – seguiu os parâmetros determinados pelo "Padrão FIFA", com seus *naming rights* vendidos para uma companhia multinacional de seguros, rebatizando o antigo Palestra de Allianz Parque.

Em meio à transformação de seu campo de jogo, o clube passou por uma reformulação interna, em nível político e de gestão. Em situação financeiramente precária, o clube foi assumido por Paulo Nobre em janeiro de 2013. Realizando empréstimos com dinheiro do próprio bolso, o novo presidente impôs uma gestão de austeridade financeira ao clube, recorrendo a uma estrutura interna profissionalizada, buscando emular o funcionamento de uma empresa. O encarecimento dos ingressos se tornou uma marca de sua gestão mesmo em 2013, enquanto o clube vivia situação *sui generis*, disputando no mesmo ano a Copa Libertadores (por ter vencido a Copa do Brasil do ano anterior) e a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. A reinauguração de seu estádio no final de 2014, quando quase foi rebaixado pela terceira vez em

[103] Haveria ainda, em 9 de julho, um amistoso contra o Boca Juniors, vencido pelos argentinos por 2x0.

sua história, marcou o início de uma época de rendas de bilheteria milionárias, atingindo a marca de quase 5 milhões reais e um público de cerca de 36 mil torcedores.

Há, ainda, um terceiro elemento a ser considerado para compreender o atual contexto palmeirense. Em 2015, o clube estabeleceu parceria com a Crefisa, uma empresa de crédito pessoal, tornando-se sua principal patrocinadora[104]. Em meio a disputas políticas envolvendo sua principal representante, Leila Pereira, e o presidente Paulo Nobre – o "racha" político envolveu, também, o sucessor de Nobre, Maurício Galliote, que se posicionou ao lado de Leila, rompendo com Nobre –, o valor aportado pela Crefisa se consolidou como o maior patrocínio de um clube de futebol na América Latina, direcionando ao Palmeiras, apenas em 2019, mais de 100 milhões de reais, considerando o valor de patrocínio anual e o bônus de assinatura pela renovação de contrato. As pretensões de Leila Pereira, porém, extrapolam as expectativas de ganho financeiro envolvidas no negócio. Em uma manobra política[105], conseguiu se enquadrar nos critérios que a permitirão concorrer à presidência do clube já em 2021, sendo este seu grande objetivo. Em 2019, angariando apoio "popular", passou a patrocinar a escola de samba da Mancha Alviverde, principal torcida organizada do clube, sendo presença frequente em eventos internos da torcida e participando das comunicações em redes sociais. Os interesses da Crefisa e, especialmente, de Leila Pereira, passaram então a direcionar a gestão do clube e se tornaram tema comum entre seus torcedores.

Foi neste contexto que surgiram os dois coletivos em estudo neste capítulo. A criação da página do grupo Palmeiras Antifascista no Facebook, que hoje reúne mais de 27 mil seguidores, data de 21 de abril de 2014. De acordo com o coletivo, hoje contam "algumas dezenas" de integrantes, entre aqueles que comparecem aos jogos e participam das atividades propostas pelo grupo, havendo, durante sua trajetória, a entrada e saída de integrantes por motivos diversos. Em seu manifesto de apresentação, e reafirmado em entrevista, o coletivo narra o episódio que gerou a motivação para sua organização: em uma partida disputada no estádio Pacaembu, notaram a presença de um torcedor vestido com um agasalho da Iriducibilli, um grupo *ultra* formado por torcedores da Lazio, da Itália, e abertamente fascista. Enxergaram, assim, a necessidade de criação de um grupo capaz de, compreendendo o caráter intrínseco entre futebol e política, contrapor os diversos processos de opressão que compõem o futebol brasileiro, bem como seu aspecto mercantilizado:

---

[104] Outras empresas associadas ao grupo, como a Faculdade das Américas, também expõem suas marcas em camisas de jogo, estádio, centro de treinamentos e outras propriedades.
[105] Mais informações sobre o caso em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pvc/2017/01/1852057-o-caso-leila-pereira-expoe-dificuldade-brasileira-de-cumprir-regras.shtml Acesso em 10 de novembro de 2019.

> Inspirado em diversas torcidas antifascistas da América Latina, Europa e também do Brasil (embora em 2014 ainda existissem poucas), o coletivo se formou também como espaço de resistência ao processo de elitização do futebol (chamado por alguns de "futebol negócio" ou simplesmente "futebol moderno"), além da luta contra todas as formas de opressão dentro e fora dos estádios. Nenhuma tolerância ao racismo, à homofobia, ao machismo e a xenofobia.

Por seu lado, a Palmeiras Livre criou sua página na rede social em 12 de abril de 2013, contabilizando mais de 10 mil seguidores atualmente. O coletivo conta com cinco pessoas em sua organização central, mas possui cerca de 60 pessoas em grupos *online* de discussão. Em sua curta nota de apresentação, o coletivo se apresenta como um movimento anti-homofobia e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo. Em sua identidade visual, estão representados os símbolos de diversos movimentos sociais como o negro, trans, feminista e LGBT+, além, é claro, de uma referência ao símbolo do Palmeiras. Ao contrário do que pôde ser notado tanto no manifesto inicial quanto na fala citada acima da P16, a Palmeiras Livre não faz referência direta aos aspectos econômicos envolvendo o futebol e as críticas comuns ao chamado "futebol moderno", ainda que se manifeste e se articule eventualmente sobre tal perspectiva.

O surgimento da Palmeiras Livre também se insere em um cenário nacional de mobilização e militância torcedora mais amplo, indicando um primeiro sinal da capacidade de articulação entre torcedores de clubes diferentes em nome de um objetivo em comum:

> A ideia foi de uma moça que não faz parte mais do coletivo, em 2013. E partiu da necessidade de aumentar o coro junto com outras páginas e coletivos, principalmente a Galo Queer, hoje menos atuante.

Chama a atenção, no caso da torcida do Palmeiras, a existência de uma série de coletivos diferentes, podendo citar, além dos dois grupos aqui em questão, o Ocupa Palestra e o Porcomunas. Santos (2016) ainda traz à tona o grupo Dissidenti, que atuava de forma interna na política do clube, porém não se considerava um grupo "político", na concepção mais abrangente do termo. A P16 reconhece a diversidade de pautas e formas de atuação diferentes entre os coletivos, mas ressalta a comunicação e tentativa de associação frequente entre eles[106]:

> Os vários coletivos progressistas que existem na torcida do Palmeiras mantêm contínua interlocução entre si. São coletivos distintos porque atuam de formas distintas, orientam-se por pautas que diferem entre si, e realizam tarefas que também são distintas. É comum que os coletivos se articulem na realização de ações conjuntas: na luta contra o cerco que ocorre no entorno do estádio em

[106] No momento em que este capítulo era escrito, houve o registro de uma ação conjunta entre P16, Palmeiras Livre e Porcomunas durante o jogo entre Palmeiras x São Paulo pelo Campeonato Brasileiro de 2019. Os coletivos levaram faixas em homenagem à vereadora Marielle Franco, do PSOL, assassinada em 2018.

> dias de jogos, realizamos ações articuladas com os coletivos Ocupa Palestra e Porcomunas, por exemplo. Em jogos do time feminino, por sua vez, já estivemos juntos do coletivo Palmeiras Livre. Estes são alguns exemplos de ações conjuntas, dentre outras, já realizadas.

Se diferenças são identificadas em termos de pautas centrais que justificam a existência de coletivos diversos, é possível elencar uma série de semelhanças entre eles. Em todos os casos, os coletivos palmeirenses se enquadram, de acordo com suas particularidades e possibilidades históricas, nas tendências apresentadas, no capítulo anterior, por Castells (2003; 2013) e Della Porta (2007) no que diz respeito aos movimentos sociais contemporâneos e em rede. Em primeiro lugar, há o papel da internet como forma de comunicação, debate e divulgação de sua existência e ações. Para a Palmeiras Livre, a internet cumpre um papel essencial, ainda que enfrente alguma resistência enquanto meio alternativo e complementar de atuação política:

> Ainda há resquícios de preconceito em relação à militância virtual, à comunicação militante, mas é o caminho mais viável para encontrarmos os iguais e debater com os diferentes.

Ao que a P16 complementa:

> A internet é uma importante ferramenta de difusão de nossas ideias e atividades, mas não pode ser a única, nem principal arena de disputa. A disputa real se dá nas arquibancadas e nas ruas, com trabalho de base e ações de agitação e propaganda. A internet é uma plataforma para expandir a divulgação entre a torcida do Palmeiras, especialmente aquela que não frequenta o estádio.

Em termos de organização interna, há total consonância não só entre os coletivos palmeirenses, mas também quando a comparação é feita entre coletivos brasileiros, como no caso da Resistência Azul Popular, da torcida do Cruzeiro, pesquisada por Santos (2017). Tanto a Palmeiras Livre quanto a P16 adotam a estrutura horizontal de organização, ou seja, sem uma hierarquia interna bem definida. As decisões, pautas e planejamento de ações passam por um processo coletivo de deliberação. Como Della Porta (2007) indica, este processo pode tomar mais tempo e trabalho (mesmo que facilitado pela comunicação digital, parte essencial das formas de sociabilidade contemporâneas), mas não só permite como incentiva o engajamento e participação de todos aqueles que integram o movimento. Nas frequentes reuniões, além de servirem para definição de tarefas que cada integrante pode assumir, os coletivos também aproveitam para realizar atividades internas de formação política e teórica, bem como praticar a autocrítica e constante reavaliação de suas pautas e atuação, para que, se assim for compreendido, redirecionar suas ações, estratégias e posicionamentos.

Como encerramento a um primeiro bloco de perguntas, pedi para que cada coletivo listasse as principais ações já realizadas em sua trajetória, de forma a observar o impacto que já conseguiram causar. A Palmeiras Livre, de forma resumida, apontou para a "disseminação da pauta LGBTQI+ dentro do futebol, nas redes sociais e mídia televisivas, através de entrevistas, documentários, palestras e artigos acadêmicos". Há, portanto, uma clara intenção de disputar os discursos produzidos em torno do futebol, a partir do estabelecimento de diálogo e relações com outros agentes do campo futebolístico, como os grupos de comunicação – ao menos àqueles que se mostram abertos a divulgarem outros *habitus* e maneiras de viver o futebol.

A P16, por outro lado, produziu uma longa lista de ações realizadas nos últimos anos. Desde 2017, o coletivo participa da "Copa de Integração dos Refugiados e Imigrantes", que possui o protagonismo organizativo de imigrantes conectados com a ONG África do Coração. O papel da P16 diz respeito tanto às reuniões que organizam o campeonato quanto na participação durante os jogos como torcedores, levando faixas, bandeiras, sinalizadores e cantos de apoio.

Em 2018, o grupo realizou uma ação durante a partida de quartas de final do Campeonato Paulista. Poucos dias após o assassinato da vereadora Marielle Franco, do PSOL, o grupo carregou faixas em sua memória. Segundo a P16, "esta ação obteve bastante projeção, e gerou intenso debate entre distintos setores da torcida palmeirense". No mesmo ano, há o registro de duas ações que contaram com a articulação entre grupos internacionais de torcedores, tema que voltará a ser abordado ao fim deste capítulo. Em decorrência do enfrentamento entre Palmeiras x Colo Colo pela Libertadores, uma ação foi realizada com a "Antifascistas de la Garra Blanca", grupo de torcedores do clube chileno, com a colagem de "lambes" no entorno do estádio que indicavam a oposição ao fascismo, à xenofobia e contra a então candidatura de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil. Segundo o coletivo:

> Realizamos ações de colagem de lambes no entorno do estádio com bastante frequência, mas esta foi particularmente especial pelos laços fortalecidos com nossos irmãos chilenos. A repercussão desta ação, às vésperas da eleição, também foi bastante ampla.

Ainda no mês de outubro de 2018, foi realizada uma ação conjunta entre coletivos de torcedores da América Latina, em frente ao estádio do Palmeiras, marcando o lançamento da "Red La Voz del Sur", rede digital construída com o intuito de aproximar e intensificar contatos entre os torcedores antifascistas de diversos clubes do continente. As faixas e bandeiras traziam dizeres como "A América não foi descoberta, foi saqueada".

Também há o registro de ações realizadas em conjunto com movimentos e coletivos que não estão focados necessariamente no futebol. Em 2018 e 2019, a P16 atuou em parceria com o coletivo anarquista/autogestionário Black Angel, em trabalho de base realizado na zona sul de São Paulo. Também em conjunto com outros coletivos antifascistas, foi realizado um café da manhã solidário no Vale do Anhangabaú em memória da militante Paula Patrícia. Em julho de 2019, a P16 participou do primeiro Festival Antifascista de Futebol, realizado pela RASH-SP (seção paulista do coletivo internacional de Skinheads Anarquistas Comunistas). Além disso, o coletivo participa anualmente da construção da Marcha Antifascista de São Paulo, rompendo, portanto, as barreiras do campo futebolístico e se inserindo em cenários mais gerais de militância política.

## 4.2 O antifascismo, estratégias de ação e a associação entre Jair Bolsonaro e o Palmeiras

A P16 se insere no grupo de coletivos que adotam a denominação "antifascista", que se tornou comum entre agrupamentos de torcedores brasileiros, como abordado no capítulo anterior. É preciso, portanto, uma contextualização acerca do movimento antifascista mais geral e do que o coletivo entende por fascismo. Mark Bray realiza em "Antifa: o manual antifascista" (2019) uma reconstrução histórica dos movimentos antifascistas na Europa e nos Estados Unidos, fornecendo alguns elementos básicos para a compreensão do fenômeno entre os torcedores brasileiros contemporâneos. De início, é importante notar que o fascismo, enquanto ideologia de extrema-direita, é plenamente capaz de ser reproduzido em seus aspectos centrais em contextos históricos diversos daquele em que foi criado, ou seja, o movimento fascista italiano liderado por Mussolini e o que pode ser classificado como nazifascismo de Hitler na Alemanha. Para rebater argumentos que indicam o fascismo como parte de um passado distante e superado, Bray recorre a Paxton (2011) em busca de uma definição mais clara do que é o fascismo, indicando:

> [...] uma forma de comportamento político marcado por uma preocupação obsessiva com o declínio, humilhação, ou vitimização da comunidade e por cultos compensatórios à unidade, energia e limpeza, nos quais um grupo de militantes nacionalistas comprometidos, trabalhando em colaboração incômoda, mas eficaz com as elites tradicionais, abandona as liberdades democráticas e persegue com violência redentora, sem restrições éticas ou legais, suas metas de limpeza interna e expansão externa. (PAXTON, 2011, p. 218)

A definição acima permite compreender como seus elementos fundamentais podem se adaptar a diferentes contextos – inclusive o futebolístico – a partir da interpretação que aponta um suposto declínio daquilo que se considera o modelo ideal de determinada comunidade, podendo se basear em aspectos raciais, de gênero, de nacionalidade, de classe e afins. O futebol, assim como o meio musical (não por acaso, dois fenômenos culturais de massa), é fartamente citado na obra de Bray (2019) como um dos espaços comuns de manifestações e disputas entre fascistas e antifascistas. Os exemplos citados pelo autor são vastos: na Holanda, um grupo antifascista militante surgiu de uma frente autonomista de autodefesa após fascistas e *hooligans* serem recrutados por donos de imóveis para atacarem a ocupação popular de seus prédios. Na Itália, no final dos anos 1980 e início dos 1990, o grupo *Azione Skinhead*, ligado à cena *skinhead white-power*, era formado por *hooligans* ligados à torcida da Inter de Milão. Na Suécia, um sueco-iraniano, fundador de uma seção dos "Fãs de Futebol Contra a Homofobia", foi atacado e acabou em coma após sair de uma manifestação feminista durante o Dia Internacional da Mulher em 2013. Ainda na Suécia, a Frente Revolucionária demonstrava preocupação com a participação de *hooligans* em seu grupo, por considerar que estes estavam interessados apenas no confronto físico, sem engajamento em relação a um projeto político revolucionário. Em dezembro de 2008, na Grécia, *hooligans* se juntaram a diversos outros grupos sociais nas manifestações populares após a morte de um jovem anarquista de apenas 15 anos pelas forças policiais. Nos Estados Unidos, grupos antifascistas surgiram a partir de torcidas organizadas de futebol, como o *Cosmopolitan Anti-Fascist Action*, formada por torcedores imigrantes do New York Cosmos, além de frentes semelhantes nas torcidas do New York Red Bulls (BRAY, 2019, p. 138, 142, 186-187, 200 e 236-237)

Bray divide a história dos movimentos antifascistas em três períodos principais: o primeiro deles diz respeito à oposição ao fascismo "histórico" como dito anteriormente, compreendendo especialmente as experiências italiana e alemã; o segundo, como classifica, o desenvolvimento da "antifa moderna", entre 1945 e 2003; por fim, o autor indica a ascensão dos nazistas "engravatados", em referência aos indivíduos participantes da política partidária e institucional, e o antifascismo contemporâneo. Cada momento histórico de manifestação fascista apresenta um tipo de organização e estrutura que impacta, por consequência, nas formas e estratégias de enfrentamento contrário. Se, durante o período de origem fascista e sua forma "moderna", táticas de enfrentamento de direto como a de "nenhum palanque" – uma tentativa de invadir manifestações declaradamente fascistas para encerrá-las, utilizando de todos os meios disponíveis, inclusive a violência – geraram uma bagagem histórica de aprendizado, o antifascismo contemporâneo precisa lidar com outros desafios, exigindo autocrítica e

autoavaliação constantes. É neste novo contexto que se inserem os coletivos contemporâneos de torcedores que se autodenominam como antifascistas.

É preciso compreender, porém, como os coletivos entendem o fascismo e suas manifestações no futebol brasileiro, que conta com suas particularidades. A P16, de certa forma, está atenta tanto à definição de fascismo citada anteriormente quanto aos diferentes momentos históricos que compõem seu desenvolvimento:

> Entendemos que as distintas formas de opressão existentes em nossa sociedade, como o racismo, a xenofobia, o machismo, a misoginia, a LGBTfobia e a opressão de classe são elementos que, hoje, são muitas vezes reunidas sob o termo genérico "fascismo". Nos posicionamos contra todas essas formas de opressão e atuamos contra suas manifestações, mas também entendemos que o fascismo enquanto ideologia consiste em algo mais complexo: há um fascismo histórico, originado na Itália na década de 1920 e que se expandiu com as práticas de governos e organizações que simpatizavam com seus ideais e princípios políticos: historicamente, portanto, há um acúmulo de experiências que foram dando maior complexidade ao termo. O mesmo ocorre, historicamente, com o antifascismo. Atualmente, existem grupos, ideais políticos, práticas e governos de extrema-direita, profundamente conservadores e com fortes traços autoritários, que por estas características são muitas vezes genericamente nomeados como "fascistas". Ao mesmo tempo, existem também fascistas organizados, isto é, indivíduos e grupos que se organizam declaradamente sob ideologias, símbolos e discursos construídos no espectro daquilo que nomeamos fascismo histórico: grupos neonazistas e integralistas, por exemplo. A Palmeiras Antifascista atua contra todas estas formas de fascismo.

Há, também, uma indicação de como o fascismo se manifesta especificamente nos ambientes futebolísticos contemporâneos:

> Nas arquibancadas, práticas fascistas de todos estes tipos estão presentes, algumas mais explícitas, outras menos. Existem fascistas organizados que frequentam as arquibancadas de todos os clubes. E também existem manifestações dos discursos de opressão, que citamos anteriormente, nas arquibancadas de todos os clubes.

Considerando, como dito acima, os três períodos do fascismo descritos por Bray, a contemporaneidade indica uma nova configuração desta ideologia, ocupando um lugar central na política institucional/partidária ou, como classifica o autor, de fascistas "engravatados". Uma das lições históricas que Bray indica para os antifascistas, neste sentido, é o de que as revoluções fascistas jamais tiveram sucesso, concluindo que o fascismo sempre chegou ao poder por meios legais. É preciso notar, portanto, que não há uma ruptura entre o que entendemos como democracia liberal e o fascismo, e muito menos entre capitalismo e fascismo – pelo contrário: o fascismo surge como uma necessidade de resposta às crises cíclicas e intrínsecas ao sistema capitalista, funcionando como um anteparo para que o sistema em si não seja superado. Não há, necessariamente, uma ruptura democrática que permite a ascensão desta ideologia. Por isso é

preciso o cuidado (e esta é mais uma das lições que Bray destaca) e atenção com o verniz legal e institucionalizado que o fascismo contemporâneo assume. A ascensão eleitoral da extrema-direita, enquanto tendência contemporânea mundial em um contexto de crise capitalista, obviamente atingiu o Brasil e se torna necessário, neste trabalho, tratar de Jair Bolsonaro e sua aproximação com o Palmeiras.

Capitão reformado do Exército Brasileiro, Bolsonaro é figura ativa da política institucional brasileira desde 1989, quando se elegeu vereador no Rio de Janeiro. Em 1991, assumiu como deputado federal pelo estado, cargo que ocupou até se tornar candidato à presidência em 2018. Ao longo de sua extensa carreira política, se tornou conhecido por declarações de cunho racista, machista e homofóbico, além de prestar constantes homenagens a Carlos Alberto Brilhante Ustra[107], conhecido torturador durante a ditadura civil-militar brasileira. A candidatura de Bolsonaro marcou sua aproximação com a ideologia liberal, especialmente a partir de sua associação com Paulo Guedes, futuro ministro da economia, tornando-se uma figura simpática às classes dominantes do país e àqueles descontentes com os rumos da política nacional, em crescente desconfiança relacionada ao que se acostumou a chamar de "velha política", mesmo que representantes da "nova política" estejam atuando desde o final dos anos 1980.

A primeira associação direta entre Bolsonaro e Palmeiras se deu no fim de 2018, não por coincidência, em um momento de alta para ambos. Bolsonaro acabava de ser eleito presidente do Brasil em uma disputa de segundo turno contra o candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad. O Palmeiras confirmava seu décimo título nacional, conquistado uma rodada anterior no Rio de Janeiro, em partida contra o Vasco. Na rodada seguinte, a de fechamento do Campeonato Brasileiro, em jogo disputado no Allianz Parque entre Palmeiras x Vitória, Bolsonaro estava presente em um camarote, entregou a taça e medalhas aos jogadores palmeirenses e, não satisfeito, participou da volta olímpica junto com a equipe. Apesar de já ter sido fotografado utilizando camisas de diversos clubes brasileiros[108], inclusive do Corinthians, o maior rival palmeirense, se tornou constante a reafirmação do carinho de Bolsonaro em relação ao clube, comparecendo em outras partidas em 2019[109].

---

[107] O 'El País' compilou algumas das mais conhecidas declarações dadas por Bolsonaro ao longo de sua vida pública: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html Acesso em 06 de novembro de 2019.

[108] O 'Terra' compilou imagens de Bolsonaro usando camisas de diversos clubes brasileiros: https://www.terra.com.br/esportes/sport/verificamos-fotos-de-bolsonaro-com-camisas-times-sao-reais,153f527389141a7d0dcc5fc823f1669752no8g1c.html Acesso em 06 de novembro de 2019.

[109] Estive presente em ao menos uma delas, contra o Vasco, pela rodada de número 23 do Campeonato Brasileiro de 2019. No intervalo da partida, Bolsonaro desceu ao setor das cadeiras centrais para tirar fotos e dar autógrafos a seus apoiadores. Esgotado o tempo do intervalo da partida, não havendo possibilidade de retornar a seu camarote

Independente da origem e da veracidade do amor repentino de Bolsonaro pelo clube, esta associação repercutiu entre os diferentes cenários do campo futebolístico, inclusive internacionalmente. O Clarín, jornal argentino, através de um texto de opinião[110], aproveitando a aproximação entre Bolsonaro e Palmeiras – além das constantes declarações de Felipe Melo, importante jogador do clube e entusiasta do bolsonarismo – apontou para uma suposta relação do clube com a história fascista italiana por conta de sua origem entre imigrantes do país europeu. Em nota oficial[111], o clube afirmou seu caráter politicamente neutro e disse não se responsabilizar e/ou apoiar manifestações de cunho político de seus jogadores e entre setores de sua torcida – ainda que, evidentemente, Bolsonaro não teria acesso à camarotes, campo de jogo e festa do título sem a anuência da diretoria do Palmeiras. A postura do clube, declarada em sua nota, não surpreende, já que apenas reafirma o *habitus* hegemônico do campo, que produz e reafirma seu caráter politicamente neutro, ignorando que sua associação direta com Bolsonaro é, em si mesma, essencialmente política.

A constante associação entre Bolsonaro e Palmeiras criou um desconforto evidente aos palmeirenses progressistas. Entre eles, é claro, os coletivos de torcedores. A Palmeiras Livre classifica o relacionamento entre Bolsonaro e Palmeiras como:

> Asqueroso. Depois da Crefisa, o Palmeiras virou negócio. O torcedor do Allianz não é o da arquibancada. é elitista, classista, racista, homofóbico, xenófobo, a cara do presidente. Estamos presentes na maioria dos jogos, junto com outros coletivos e frequentemente fazemos atos e protestos, inclusive nas redes sociais.

O coletivo, que destaca sua oposição em jogos e redes sociais, propõe uma associação direta entre o atual contexto do clube e sua aproximação com o presidente brasileiro. Ou seja, identificando a adoção de uma lógica de mercado em sua gestão, a partir do estabelecimento da parceria entre clube e sua patrocinadora, o grupo aponta para uma coerência entre valores defendidos pelas partes, o que permitiu tal associação. Há, ainda, uma distinção e hierarquização entre os ditos torcedores "de arquibancada" e os que classificam como a "cara do presidente". Este é um processo comum, como já explicitado no primeiro capítulo entre torcedores na Itália, Inglaterra e Alemanha, especialmente no que diz respeito ao contexto do chamado "futebol moderno", que cria categorias de torcedores "verdadeiros" e "falsos".

---

pelo setor onde estava, o presidente adentrou o campo, cumprimentou jogadores reservas do Palmeiras e entrou pela via de acesso aos vestiários. Seu ato atrasou o início do segundo tempo, provocando vaias, xingamentos e aplausos.

[110] Para ler o texto completo, em espanhol: https://www.clarin.com/mundo/disputa-politica-llega-futbol-palmeira-abraza-candidato-favorito_0_v1ejgY8nA.html Acesso em 06 de novembro de 2019.

[111] Para ler nota oficial completa: https://chuteirafc.cartacapital.com.br/eleicoes-2018-palmeiras-divulga-nota-oficial-em-repudio-a-jornal-argentino-que-relaciona-clube-a-bolsonaro/ Acesso em 06 de novembro de 2019.

Se há determinado consenso, já indicado ao longo deste trabalho, acerca dos efeitos do encarecimento dos ingressos a partir da construção de novas arenas esportivas, apontando para um novo perfil de torcedor que ocupa agora as arquibancadas, a interpretação da Palmeiras Livre vai além, buscando chamar a atenção para o caráter racista, homofóbico, elitista e xenófobo deste público. Demandaria uma outra pesquisa para investigar até que ponto estas afirmações estão corretas, mas cito um caso específico que pode indicar um caminho: antes e no intervalo da partida entre Palmeiras x São Paulo pela 29ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2019, disputada no Allianz Parque, o clube divulgou para todo o estádio, em seus telões, uma campanha que buscava inibir os gritos homofóbicos durante a partida, comportamento comum de torcidas brasileiras quando enfrentam o São Paulo, especialmente nos clássicos estaduais. Independentemente das intenções do clube, motivado pela preocupação real com a questão ou apenas com as possíveis sanções punitivas como perda de mando de campo e/ou pontos na tabela de classificação, a reação da torcida, em diferentes pontos do estádio, pôde ser notada: vaias. À minha volta, pude perceber apenas uma torcedora que aplaudia a iniciativa. A dificuldade em lidar com uma simples campanha de conscientização demonstra que a masculinidade, e sua necessidade de reafirmação através de xingamentos homofóbicos e/ou machistas, ainda se mantém enquanto elemento norteador da experiência torcedora, ao menos a partir deste exemplo específico.

Retomando a relação entre Bolsonaro e Palmeiras, a P16 também apresenta sua avaliação:

> Interpretamos esta aproximação como mero oportunismo, tendo em vista que Bolsonaro já vestiu e se aproximou de outros clubes, inclusive nosso maior rival. Há uma tentativa de capitalizar simbolicamente esta aproximação, e o próprio presidente atual do clube, assim como a patrocinadora, claramente tentaram aproveitar-se desta aproximação através do espetáculo ridículo que promoveram no fim do Campeonato Brasileiro de 2018. O principal papel da Palmeiras Antifascista em relação a este tema é a crítica permanente, expondo a farsa oportunista desta aproximação, e buscando amplificar o sentimento de desgosto de milhares de palmeirenses. Vale pontuar que o acolhimento a tal tentativa de aproximação tem se mostrado instável, possivelmente pela intensidade das críticas que inúmeros palmeirenses vêm expressando ao longo do ano de 2019.

Em primeiro lugar, ressaltam o caráter oportunista da relação, apontando para a já destacada prática de Bolsonaro de vestir camisas de outros clubes brasileiros. Neste sentido, Bolsonaro não deveria ser interpretado como um torcedor “legítimo” e a relação deve ser compreendida a partir dos ganhos simbólicos, políticos e midiáticos, considerando o momento de destaque esportivo vivido pelo clube e o prestígio atribuído ao cargo de presidente do país. Tratei, no segundo capítulo, da relação entre figuras políticas e o futebol brasileiro,

demonstrando a intersecção entre campos distintos (permitindo a produção de diferentes tipos de capitais, de acordo com o interesse dos envolvidos), ao que as atitudes de Bolsonaro se tornam apenas mais um exemplo de tal empreendimento. Em seguida, a P16 reforça o papel central ocupado pela patrocinadora nas direções que orientam o clube. Ou seja, a aproximação com um político não passa apenas pela diretoria do clube em si – alheia às vontades de sua torcida –, mas pode trazer ganhos, na interpretação do coletivo, mais abrangentes a todos aqueles envolvidos na questão.

A ação dos coletivos, ao protestarem tanto no estádio quanto nas redes sociais de forma contrária a esta aproximação, busca aumentar os "custos" simbólicos ao clube. Se (ainda) não é possível perceber um ganho financeiro proveniente da relação entre Palmeiras e Bolsonaro, a cobrança pública afeta seus ganhos simbólicos ao problematizar o tema, chamando atenção daqueles despercebidos e cobrando explicações públicas e oficias por parte da direção do clube, demonstrando que não considerarão aceitável a associação institucional com um político que conte com um histórico de declarações e ações como Bolsonaro. Seja por denunciar seu caráter oportunista, ao não considera-lo um torcedor "legítimo", seja por indicar o autoritarismo e preconceitos do atual presidente brasileiro, a estratégia dos coletivos, que ainda não possuem a hierarquia necessária para determinar comportamentos do clube, é a de criar instabilidade e a frequente necessidade de explicações para os meios de comunicação e sua torcida, desencorajando esta e outras possíveis aproximações com agentes políticos que não correspondam com seus objetivos.

## 4.3 A relação com as torcidas organizadas e outros agentes do campo

A análise específica das relações entre coletivos e os diferentes agentes localizados no campo futebolístico brasileiro abre a possibilidade para interpretações teóricas, a partir de novos conceitos, que buscam complementar a interpretação já em curso. É o caso da relação entre coletivos de torcedores e torcidas organizadas, que será explorada a seguir, a partir da dinâmica entre estabelecidos x *outsiders* proposta por Norbert Elias e John Scotson (2000).

Publicada originalmente em 1965, "Estabelecidos x *outsiders*" pode ser considerada uma das obras de maior repercussão e relevância do sociólogo Norbert Elias. O estudo se volta a uma comunidade periférica da cidade de nome fictício Winston Parva, no sul da Inglaterra, na década de 1950. Inicialmente objetivando tratar da delinquência juvenil neste espaço, Elias acaba por dar origem a essa dinâmica relacional entre dois grupos que se dividiam entre

diferentes bairros da mesma região. Estabelecidos há mais tempo em sua zona, os moradores construíram um modo de vida em grupo que se fortaleceu e criou coesão coletiva através de práticas repetidas e reforçadas no cotidiano. A chegada recente de moradores "de fora" é percebida pelos estabelecidos como uma ameaça a seu modo de vida. Essa é a fonte da disputa e criação dos estigmas sociais voltados aos recém chegados em nome da preservação de uma identidade há muito tempo adquirida e legitimada, permitindo a criação de um "modelo explicativo, em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal — um modelo pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto através da investigação de figurações correlatas em maior escala" (ELIAS & SCOTSON, p. 20, 2000). Apesar de destacado o processo social necessário para a construção de tais diferenças, a superioridade de um grupo ganha, a partir de sua visão de si mesmo, caráter praticamente natural – ou seja, enquanto elemento que não deve ser contestado – e é ratificada, com o passar do tempo, através de generalizações voltadas aos dois extremos. Se, por um lado, os estabelecidos criam explicações e valorações positivas relacionadas à sua cultura e modo de vida, por outro lado, as generalizações e valorações negativas são direcionadas aos *outsiders*, criando totalidades homogêneas que não se encontram na realidade observada. Assim, exemplos de comportamento negativo existentes entre os estabelecidos são ocultados ou relativizados por eles mesmos, enquanto exemplos negativos entre os *outsiders* são vistos como a prova necessária para a estigmatização do grupo como um todo.

A tentativa, aqui, é a de observar as compatibilidades entre o modelo proposto por Elias e a relação entre torcidas organizadas e coletivos de torcedores. Ou seja, até que ponto é possível definir, levando em conta a convivência muito próxima nos mesmos setores de um estádio, mas também através do debate público na internet, o conjunto de torcedores organizados como agentes estabelecidos e os coletivos de torcedores como *outsiders*?

De início, é importante notar como as próprias torcidas organizadas, tratadas aqui como um grupo de torcedores estabelecidos, também ocupam o lugar de *outsiders* e estigmatizados quando em relação com outros grupos de agentes de uma figuração mais abrangente, como foi observado no segundo capítulo. No senso comum futebolístico, fortemente influenciado por imprensa esportiva, instituições, clubes e dirigentes, as torcidas organizadas são apontadas como as grandes responsáveis por episódios de violência no esporte, ainda que dados apontem a participação de diferentes grupos na produção de violência em contextos esportivos (SEGURA et al., 2018). Assim, carregando o estigma de indesejáveis, os torcedores organizados participam da figuração geral na condição de *outsiders*.

Há, porém, uma diferença fundamental quando o olhar se volta para a relação entre torcedores. Na figuração torcedora, os organizados possuem um papel de estabelecidos por terem conseguido, através do tempo – a Mancha Alviverde, por exemplo, existe desde 1983 –, colocar em prática um modo específico de torcer, com elementos que envolvem muito mais do que a prática da violência. Aspectos chave que compõem o modo de torcer dos organizados, sempre em oposição aos torcedores "comuns", podem ser indicados, como o canto incessante durante as partidas, a utilização de instrumentos musicais, assistir ao jogo em pé, coreografias e movimentos específicos de uma música e, é claro, a cobrança em caso de resultados negativos do time.

Além de um modo de torcer característico e reforçado ao longo do tempo, é possível apontar uma segunda comparação na análise da relação entre torcidas organizadas e coletivos, representando um elemento central na diferenciação criada entre eles, que engloba o posicionamento político dos grupos. Não é possível indicar uma homogeneidade entre as organizadas, considerando que cada uma pode adotar diferentes maneiras de compreender o que é política e o que deve se tornar uma reivindicação pública legítima. Seria necessária uma pesquisa muito mais profunda para identificar tais posturas. Por outro lado, é possível apontar, a partir de um recente minidocumentário produzido pela Vice[112], um tipo de posicionamento comum entre os entrevistados de torcidas organizadas, que demonstra uma hierarquização de pautas políticas, em que determinados temas são considerados mais relevantes que outros. A vídeo-reportagem traz entrevistas com representantes de duas das maiores torcidas organizadas do país, a Gaviões da Fiel, do Corinthians, e a Mancha Alviverde, do Palmeiras, abordando o tema da homofobia presente no futebol brasileiro. Apesar de rivais históricos, as duas torcidas possuem um ponto em comum acerca do assunto, considerando que existem pautas mais importantes a serem tratadas pelos grupos, com questões mais voltadas para o aspecto econômico no futebol, como, por exemplo, a precificação dos ingressos.

Os coletivos de torcedores aqui analisados, Palmeiras Antifascista e Palmeiras Livre, não chegam a representar uma maneira *outsider* no que se refere ao modo de torcer estabelecido pelas torcidas organizadas, ainda que façam objeções a letras de músicas de cunho homofóbico levadas aos estádios pela Mancha Alviverde. Um integrante da Palmeiras Livre tornou público um comentário crítico em relação ao conteúdo das canções e passou a ser perseguido tanto *online* quanto no próprio estádio, em caso retratado também na vídeo-reportagem citada no

[112] A matéria completa, "BRAZICA - Bicha! A Homofobia no Futebol Brasileiro", pode ser vista aqui: https://www.youtube.com/watch?v=sRiLuDKj_vw Acessado em 07 de dezembro de 2018.

parágrafo anterior[113], afirmando o caráter potencialmente violento da relação. Pinto (2017) também relata o caso em que os perfis em redes sociais de integrantes da Palmeiras Livre circularam entre determinados setores da organizada palmeirense, de forma a criar um clima de perseguição e potencial reação violenta contra eles por conta de sua militância política. É esperado, portanto, que a presença dos coletivos nos estádios seja realizada sem uma identificação visual e em jogos de menor repercussão, indicando o campo de jogo ainda como um espaço de difícil disputa política. Segundo a Palmeiras Livre:

> Frequentamos, porém sem a identificação. Não é seguro para a população LGBTQI+ anônima, quem dirá identificada. Contudo, em jogos considerados menores, com menos visibilidade, levamos a bandeira, sim. Tipo Copa dos Refugiados, seleção feminina, campeonato brasileiro feminino, etc.

A P16 possui posicionamento semelhante, inclusive editando as fotos de divulgação de ações do coletivo nos estádios para ocultar a face de seus integrantes:

> A identidade dos integrantes é ocultada por razões de segurança. Já ocorreram distintos episódios de perseguição e vigilância, desde a formação do coletivo. As identidades são preservadas tanto para evitar o mapeamento de nossos integrantes por forças repressivas, quanto pela perseguição e conflitos aos quais o coletivo se expõe com o teor de seu discurso e suas críticas: além de fascistas organizados (que sabemos que são), algumas ideias encontram tensão com torcedores mais conservadores também.

O que marca, então, as posições de *outsiders* por parte dos coletivos em relação às torcidas organizadas é justamente a iniciativa de trazer ao debate um escopo mais abrangente de temas, escapando à hierarquização de pautas, como já abordado anteriormente, tanto em seus manifestos de apresentação, como em suas identidades visuais apresentadas nas páginas digitais. Apesar de suas diferenças, já foram registradas oportunidades em que coletivos e organizadas conseguiram debater a partir de um mesmo ponto de vista crítico, especialmente quando o tema em questão gira em torno do eixo econômico. Abordei, nas entrevistas, as possibilidades de articulação e diálogo com as organizadas, citando o exemplo da reivindicação por ingressos mais baratos ocorrida em 2018, quando a P16 citou a participação da Mancha, mas não foi citada pela organizada:

> Vale pontuar que a campanha contra os ingressos caros é uma pauta levantada pela Palmeiras Antifascista e coletivos como o Ocupa Palestra há muito tempo, antes mesmo da campanha que a Mancha Verde organizou. Realizamos no ano de 2018 uma série de manifestações com faixas e bandeiras no estádio, e quando a organizada se implicou diretamente nesta pauta tão urgente para a reaproximação do palmeirense, que foi expulso de sua casa com

[113] Uma reportagem escrita sobre o caso: https://www.lance.com.br/futebol-nacional/torcedor-palmeiras-critica-gritos-homofobicos-acham-que-aceitavel.html Acessado em 09 de dezembro de 2018.

> a arenização, sem dúvida vimos como uma campanha favorável e potente, especialmente pelo alcance e força política da organizada. [...] Sobre as organizadas, o coletivo realiza a leitura de que em alguns momentos o diálogo e aproximação com ações destas pode ser interessante. No entanto, estas entidades possuem formas de organização interna e atuação que diferem das nossas, por vezes de forma muito profunda e contraditória. Isto não impede que dentro do coletivo existam membros de distintas organizadas, que atuam no fortalecimento do diálogo, articulação e trabalho de base com as mesmas.

A Palmeiras Livre afirma não existir diálogo algum com as organizadas palmeirenses e que também não conta com torcedores organizados entre seus integrantes. O coletivo aponta, porém, para um potencial diferente em relação à ANATORG, enxergando uma possibilidade maior de diálogo e construção política através da associação, já que esta não adota o "fascismo de algumas organizadas". A P16 informa que, inclusive, já realizou contatos com a ANATORG em oportunidades específicas, mas que ainda vê pouca influência política da associação entre as organizadas, havendo um limite de atuação.

O centro das tensões entre torcedores se localiza, então, de forma mais abrangente do que a relação observada por Elias (2000), englobando o papel político que os torcedores de futebol podem colocar em prática e, mais do que isso, na intenção direcionada a uma abordagem interseccional que deve, na visão dos coletivos enquanto *outsiders*, orientar essa postura.

A dificuldade em estabelecer diálogos também se reflete na relação com outros agentes do campo futebolístico. A P16 vê como pouco eficiente a articulação com instituições do campo, como CBF, federações estaduais e o próprio clube, focando em participar de frentes políticas formadas por torcedores. O grupo abre a possibilidade, porém, para a participação na política interna do clube realizada por outros coletivos de torcedores, indicando uma divisão de tarefas:

> Acreditamos que nossa contribuição na composição destas frentes – que objetivam e promovem uma incidência direta e pragmática na política e gestão do futebol – é mais efetiva que qualquer possibilidade de interlocução com as entidades oficiais do futebol brasileiro. Na relação com o Palmeiras, nossa leitura é de que as tarefas que cabem ao coletivo não dizem respeito à interlocução com o poder político do clube; esta interlocução é realizada por outros coletivos progressistas, como Ocupa Palestra e Porcomunas, que atuam dentro da política institucional do clube. Mantemos diálogo contínuo com estes coletivos.

A Palmeiras Livre também afirma não haver diálogo algum com o Palmeiras (apesar de estar desenvolvendo um projeto, que preferiu não entrar em maiores detalhes, que pretende apresentar ao clube) e muito menos com a Polícia Militar. A oposição à ação da PM possui, além dos aspectos já discutidos no segundo capítulo, um elemento específico relacionado ao Palmeiras: desde a reta final do Campeonato Brasileiro de 2016, em acordo

envolvendo Palmeiras, Polícia Militar e Ministério Público de São Paulo, as ruas localizadas no entorno do estádio palmeirense, em nome da segurança, são bloqueadas e impedem a livre circulação de torcedores, restringindo o acesso àqueles que possuem ingresso para o jogo. Como Mandelli (2018) aponta, era uma prática comum entre palmeirenses desde antes da reforma do antigo Palestra Itália, mesmo aqueles que não possuíam ingressos para a partida (grupo que se proliferou dado o aumento significativo no preço dos ingressos para as partidas do Palmeiras), a confraternização em bares em volta do estádio antes, durante e após os jogos, configurando-se em um importante aspecto do modo de vida dos torcedores palmeirenses. Tal proibição, além de acirrar e tensionar as relações com clube e instituições estatais, se tornou pauta dos coletivos, com o movimento "Ocupa Palestra" tendo sido criado justamente para buscar reverter esta decisão.

A única relação em que se pode observar uma maior aproximação é a construída com veículos de comunicação, especialmente os já alinhados, em diferentes graus, com o progressismo. A Palmeiras Livre, desde 2013, já concedeu entrevistas ou foi citada em portais como HuffPost Brasil[114], Metrópoles[115], Torcedores.com[116], Portal Vermelho[117] e da EBC[118]. A P16, por outro lado, não concede muitas entrevistas e, geralmente, é citada por conta de seu apoio público a determinadas pautas políticas, como no caso da matéria da Mídia Ninja[119], que destaca apoio de grupos de torcedores ao então candidato Fernando Haddad, do PT, às eleições presidenciais de 2018; a matéria da Brasil de Fato[120] aborda o contexto geral dos coletivos de torcedores no Brasil; além de uma participação no podcast Desobediência Sonora[121]. Tais registros simbolizam um início de reconhecimento dos coletivos enquanto agentes

---

[114] Reportagem com um dos integrantes da Palmeiras Livre: https://www.huffpostbrasil.com/entry/homofobia-futebol-palmeiras_br_5db34865e4b006d4916e50fa Acesso em 13 de novembro de 2019.

[115] Reportagem sobre o contexto das torcidas LGBT no país: https://www.metropoles.com/esportes/futebol/torcida-lgbt-faz-da-internet-sua-arquibancada-no-brasil Acesso em 13 de novembro de 2019.

[116] Entrevista com uma integrante da Palmeiras Livre: https://www.torcedores.com/noticias/2017/08/palmeiras-livre-movimento-luta-contra-homofobia-nos-estadios-e-enfrenta-ataques-na-internet Acesso em 13 de novembro de 2019.

[117] Entrevista com uma integrante da Palmeiras Livre: https://www.vermelho.org.br/noticia/286190-1 Acesso em 13 de novembro de 2019.

[118] Matéria de 2013 acerca do surgimento de diversas torcidas LGBT no país: http://www.ebc.com.br/esportes/2013/04/torcidas-organizadas-gays-usam-redes-sociais-para-enfrentar-preconceito-no-futebol Acesso em 13 de novembro de 2019.

[119] Ver reportagem em: http://midianinja.org/news/em-sp-torcidas-organizadas-antifascistas-declaram-apoio-a-haddad/ Acesso em 13 de novembro de 2019.

[120] Ver mais em: https://www.brasildefato.com.br/2017/07/11/coletivos-e-movimentos-de-torcedores-pautam-politica-e-futebol-nos-estadios/ Acesso em 13 de novembro de 2019.

[121] Ver mais em: https://www.megafono.host/podcast/desobediencia-sonora/ds-135-palmeiras-antifascista Acesso em 13 de novembro de 2019.

significativos no campo futebolístico, ainda que tal repercussão se encontre, por enquanto, limitada à veículos de menor circulação.

A dificuldade de penetração em veículos "tradicionais" de grande repercussão e circulação nacional se explica dada a diferença entre os *habitus* essencialmente antagônicos apresentados entre os dois grupos de agentes em questão, opondo projetos políticos e futebolísticos que se diferenciam de forma fundamental. Seria surpreendente se um grupo de comunicação como a Rede Globo, por exemplo, proporcionasse espaço para coletivos anticapitalistas que questionam seu papel tanto na monopolização dos direitos de transmissão, o que permite sua dominação no campo, quanto na participação central no estabelecimento dos preceitos do "futebol moderno". Lemes (2019) indica, para citar outra pauta central dos coletivos, o papel da imprensa esportiva na reprodução dos padrões homofóbicos que dominam o futebol brasileiro, em que jornalistas esportivos acabam por naturalizar os comportamentos e manifestações homofóbicas ocorridas nos estádios de futebol. Ou seja, as disputas entre os interesses dos coletivos e parte da mídia especializada ocorrem, muitas vezes, de forma frontal, em que o diálogo e possibilidades de articulação se tornam limitados.

## 4.4 Possibilidades e limites de uma mobilização nacional e internacional de torcedores

Ao final do capítulo anterior, foram abordadas as tentativas de articulação nacional envolvendo coletivos de torcedores de diversos clubes no país através de uma plenária ocorrida no segundo semestre de 2018. Este também foi um tema desenvolvido nas entrevistas com a P16 e a Palmeiras Livre, considerando a importância deste movimento para o avanço da luta torcedora. De acordo com o que pôde ser observado, não há dúvidas de que a P16 já conseguiu fortalecer laços de solidariedade com maior frequência, inclusive de maneira internacional:

> Ações articuladas são realizadas com alguma frequência, em geral a nível regional. A Palmeiras Antifascista já realizou diversas ações, por exemplo, com a Santos Antifascista e a Coringão Antifa. A nível nacional, algumas ações mobilizadas pelas frentes já foram feitas, com níveis de adesão variados, uma vez que muitos dos coletivos antifascistas pelo país afora, especialmente os mais recentes, exercem uma atuação majoritariamente virtual. A nível internacional também já realizamos ações, como a manifestação no dia 12 de outubro de 2018, na qual coletivos de distintos países latino-americanos realizaram intervenções de crítica ao colonialismo, em ação conjunta coordenada pela Red La Voz del Sur.

A existência de coletivos em outros países latino-americanos não surpreende dado o papel de subordinação ocupado pelo continente em relação ao centro futebolístico mundial, em

especial a Europa. Ainda que o Brasil encare alguns desafios específicos ligados a realização dos grandes eventos esportivos recentes, que impactaram diretamente na estrutura física dos estádios e de gestão das instituições e clubes, muitas das reivindicações são comuns. Uma tendência que se repete entre os coletivos fora do Brasil é a adoção do antifascismo, havendo grupos (todos subscritos no manifesto de apresentação da Red La Voz del Sur) assim denominados nas torcidas de Atlético Nacional e Independiente Medellín, da Colômbia; Argentinos Jrs., Racing, Independiente, Belgrano, River Plate e Ferro Carril, da Argentina; Colo Colo, no Chile; e The Strongest, na Bolívia. Os coletivos aproveitam as ocasiões de encontros entre os clubes durante a disputa da Libertadores e Copa Sul-americana para promover ações em conjunto, fortalecendo os laços políticos.

A Palmeiras Livre, porém, cita um entrave importante na construção solidariedade política entre torcidas de clubes brasileiros, especialmente em relações envolvendo o contexto de rivalidade estadual: o clubismo. Segundo Reis (1998), o ato de se conectar e torcer por um time se configura em um código social central na identidade dos torcedores, se transformando em uma atividade básica que orienta suas vidas, existindo de forma intrínseca à construção de suas subjetividades, podendo ser comparada com outros aspectos identitários como gênero, raça e sexualidade. Como exemplo, o autor cita um trecho do hino do Santos, frequentemente reproduzida em faixas de sua torcida, que diz “nascer, viver e no Santos morrer”. A avaliação de Reis dá a medida de como o pertencimento clubístico (DAMO, 1998), enquanto aspecto identitário, pode ser experimentado de forma intensa e central na vida dos torcedores. Se por um lado, funciona como catalisador e vetor de uma solidariedade entre torcedores de um mesmo clube, quando existe a necessidade de organização coletiva entre torcedores de clubes diferentes, a questão se complexifica. O clubismo se torna, assim, uma armadilha identitária, que aplica uma lógica individualista de defesa e garantia de direitos de um grupo específico – no caso, o grupo formado por torcedores de um mesmo clube –, travando as possibilidades coletivistas que poderiam causar verdadeiro impacto e transformar a ordem hegemônica. A discussão crítica acerca das políticas identitárias como obstáculo a um projeto radical de transformação da realidade tem produzido uma série de trabalhos recentes, como o de Hader (2019), que indica que:

> Na sua forma ideológica contemporânea, [...] a política identitária é um método individualista. [...] E porque todos nós temos necessariamente uma identidade que é diferente da de todos os outros, ela enfraquece a possibilidade de auto-organização coletiva. O paradigma da identidade reduz a política a quem você é como indivíduo e a ganhar reconhecimento como individuo, em vez de ser baseada no seu pertencimento a uma coletividade e na luta coletiva contra uma estrutura social opressora. Como resultado, a política identitária

> paradoxalmente acaba reforçando as próprias normas que se propõe criticar. (HADER, 2019, p. 49-50)

É perceptível, assim, como o pertencimento clubístico pode assumir seu papel no processo de despolitização do futebol brasileiro. Os torcedores, enquanto grupo que mais sofre com os mais diversos processos de dominação no campo futebolístico, quando se prendem à sua identidade individual e clubista, acabam adotando a visão sistematizada de mundo que em muito agrada à ideologia neoliberal que domina o futebol brasileiro mercantilizado, diluindo as possibilidades radicais de transformação.

A Palmeiras Livre nomeia especificamente a dificuldade encontrada de dialogar com a Bonde do Che, grupo formado por torcedores do São Paulo, um dos coletivos que aparecem no levantamento realizado no terceiro capítulo. Para a Palmeiras Livre, "o maior entrave é com o Bonde do Che que incita o ódio, é clubista e não agrega em nada". A P16 não cita nominalmente, mas diz que "o clubismo geralmente se revela um entrave pontual e específico na relação com algumas torcidas específicas". Reproduzo aqui, reforçando o apontamento já realizado anteriormente, um pequeno trecho do manifesto de apresentação da Bonde do Che que possui o potencial desagregador indicado pela Palmeiras Livre:

> Ao contrário das "torcidas antifascistas", movimento que se popularizou na internet e do qual não fazemos parte, não somos uma torcida organizada, mas integrantes de uma, majoritária, que é a Independente.

Alguns elementos podem ser discutidos: em primeiro lugar, o distanciamento declarado das "torcidas antifascistas", que, como visto, formam a grande maioria dos coletivos de torcedores no país; em segundo lugar, há a sugestão de uma hierarquia entre a militância realizada na internet e a militância "real", nos estádios, como um tipo de resistência ao ambiente virtual já indicada anteriormente pela Palmeiras Livre; por fim, a Bonde do Che se identifica como sendo formada por torcedores de esquerda da Independente, a maior organizada do São Paulo, o que pode gerar o distanciamento entre os grupos, como observado no tópico anterior. Além disso, algumas postagens recentes na página da Bonde do Che no Facebook apontam para conflitos direcionados especificamente ao Palmeiras, sua história e sua torcida: em um *post*[122] apoiando a campanha de uma parte da torcida do Santos em repulsa a uma possível presença de Bolsonaro na Vila Belmiro, a Bonde do Che afirma que "lugar de porco é no Chiqueiro", em

[122] A mensagem pode ser vista aqui: https://www.facebook.com/bdc.tti/posts/2426575784250711 Acesso em 14 de novembro de 2019.

referência ao estádio palmeirense; em uma montagem[123], sugere o favorecimento da CBF e da arbitragem ao Palmeiras; ao comentar uma reportagem, o coletivo afirma que o Palmeiras é:

> um clube fundado por operários italianos racistas que preferiram alinhar-se por consanguinidade à burguesia que os explorava, na figura da "famiglia" Matarazzo, a se misturar com seus irmãos de classe brasileiros. Um clube que só aceitou seu primeiro jogador preto quase trinta anos após a fundação, por pressão para mostrar-se brasileiro e não perder patrimônio. Um clube que abriu as portas de seu estádio para o maior comício fascista já realizado na capital paulista[124].

Como foi notado em diversos manifestos de coletivos de torcedores, que reivindicavam o retorno às origens populares de seus clubes, a tentativa da Bonde do Che é a de apontar, de acordo com seus próprios estudos e parâmetros, a origem racista e elitista do Palmeiras. A essencialização de uma identidade própria dos clubes – seja apontando sua origem supostamente popular ou supostamente elitista –, porém, é pouco útil à luta atual ao "congelar" as possibilidades de ação tanto de clubes como de suas torcidas ao longo de seu desenvolvimento histórico, que é influenciado por diferentes condições sociais e políticas de seu tempo. A raiz popular de um clube não determina, apesar de influenciar, sua trajetória até os dias atuais, bem como uma origem elitista também não determina as ações de um clube na contemporaneidade. Ainda é preciso levar em conta que os clubes, considerando a maioria das agremiações consideradas "grandes" no país, já ultrapassaram facilmente a casa dos milhões de torcedores e os limites de seus estados de origem, de forma ser praticamente impossível que a adoção de determinado comportamento político pelo clube ao longo de sua história agrade ou tenha o suporte de sua torcida como um todo. Ou seja, nem a raiz popular do São Paulo, como indica a Bonde do Che, garantiu o desenvolvimento histórico que resultasse, por exemplo, na recusa aos elementos que regem o "futebol moderno", entre eles o elitismo; muito menos a raiz racista e elitista do Palmeiras, mais uma vez segundo a Bonde do Che, exclui a existência de grupos de torcedores palmeirenses à esquerda dispostos a pensar criticamente as ações do clube, como na associação com Jair Bolsonaro, e a transformar a realidade reconhecidamente negativa. A armadilha identitária, centrada nos contextos de origens dos clubes, não explica o contexto atual da luta torcedora e não contribui para seu avanço, sendo, pelo contrário, uma das principais forças reacionárias que travam seu desenvolvimento.

---

[123] A imagem pode ser vista aqui: https://www.facebook.com/bdc.tti/posts/2423045277937095 Acesso em 14 de novembro de 2019.

[124] O comentário completo pode ser visto aqui: https://www.facebook.com/bdc.tti/posts/2406380606270229 Acesso em 14 de novembro de 2019.

FIGURA 11 – Identidade visual da Palmeiras Livre, simbolizando sua associação com diversos movimentos sociais.

Fonte: página oficial da Palmeiras Livre no Facebook[125].

FIGURA 12 – Identidade visual da Palmeiras Antifascista.

Fonte: página oficial da Palmeiras Antifascista no Facebook[126].

[125] Pode ser visualizada aqui: https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/ Acesso em 14 de novembro de 2019.
[126] Pode ser visualizada aqui: https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/ Acesso em 14 de novembro de 2019.

FIGURA 13 – Ação conjunta da P16, Palmeiras Livre e Porcomunas em 31 de outubro de 2019, homenageando Marielle Franco. A imagem foi editada pelos próprios coletivos para impossibilitar a identificação de seus integrantes.

Fonte: página oficial da Palmeiras Livre no Facebook[127].

[127] A imagem pode ser vista em: https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/photos/a.698063440235342/3167116529996675/?type=3&theater Acesso em 27 de novembro de 2019.

Figura 14 – Bandeiras da P16 e Palmeiras Livre expostas durante uma partida da Copa dos Refugiados, disputada no Pacaembu em outubro de 2019. A imagem foi editada pelos próprios coletivos para não identificar seus integrantes.

Fonte: página oficial da Palmeiras Antifascista no Facebook[128].

[128] A imagem pode ser vista em: https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.644960925624125/2542506139202918/?type=3&theater Acesso em 27 de novembro de 2019.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do campo futebolístico, tanto em nível europeu quanto brasileiro, aponta para a predominância da utilização do capital financeiro como meio de dominação e posicionamento em sua hierarquia interna. Os exemplos internacionais citados neste trabalho apresentam algumas características importantes, que ressoam também na realidade brasileira: em primeiro lugar, no caso da Inglaterra, a partir de uma nova fase de mercantilização no esporte, é possível observar uma mudança no perfil dos torcedores que ocupam as arquibancadas dos estádios de futebol, especialmente após reformas estruturais – realizadas para atender aos apontamentos do "Relatório Taylor" – e de gestão dos clubes, em direção à lógica empresarial que domina o futebol da elite profissional. Misturam-se, aqui, as ações de diferentes agentes do campo, com especial protagonismo do poder estatal e sua preocupação com medidas de segurança que visavam acabar com os episódios de violência ocorridos no futebol. Por parte dos torcedores, em grande parte excluídos dos processos decisórios e prejudicados pela nova ordem, as ISA's (associações de torcedores existentes em diversos clubes ingleses), apesar de demonstrarem a possibilidade de mobilização coletiva e resistência, ainda não conseguiram, de fato, gerar influência nas principais decisões que os envolvem diretamente, permanecendo na base da estrutura de poder observada.

Em segundo lugar, na Itália, a oposição ao chamado "futebol moderno" – que engloba a interpretação crítica acerca dos efeitos da mercantilização do futebol, como a influência dos meios de comunicação, a compra e venda de clubes por investidores privados, a elitização dos estádios e afins – demonstra como grupos de torcedores ideologicamente antagônicos participam simultaneamente nesta disputa, gerando conflitos específicos entre eles. O caso mais destacado se dá pelo conservadorismo comum entre alguns grupos *ultras* e grupos de torcedores progressistas, ambos contrários ao que entendem por futebol moderno, mas com ideais, estratégias e ações que, por vezes, entram em conflito direto.

O exemplo alemão, por fim, aponta para uma nova possibilidade de relação entre poder público e torcedores, através dos *fanprojekt*, projetos socioeducativos que buscam incentivar um diálogo mais intenso entre torcedores, forças de segurança e clubes de futebol. O caso do clube St. Pauli demonstra que também há espaço para a utilização do capital simbólico como meio de se destacar em um contexto mercantilizado: o clube se aproveita da imagem construída a partir de suas posturas progressistas para gerar reconhecimento, inclusive internacionalmente, apesar de suas raras conquistas esportivas. Ao mesmo tempo que surge como um *outsider* do

ponto de vista do conservadorismo que domina o futebol, tal capital simbólico permite angariar, também, capital financeiro, ajudando o clube a se destacar financeiramente na segunda divisão alemã. O futebol do país, por sua vez, também não escapa aos conflitos comuns encontrados neste cenário hipermercantilizado: foram frequentes nos anos recentes manifestações de torcedores contra as decisões da confederação de futebol alemã que privilegiam os interesses televisivos, como na mudança de horário das partidas e dos dias em que tais jogos ocorreriam, indicando uma associação comum entre agentes no campo futebolístico.

Foi possível constatar, na análise da hierarquia interna do campo futebolístico brasileiro a ocorrência de padrões semelhantes, ainda que apresente particularidades importantes, não podendo ser interpretado como uma simples reprodução do cenário europeu. No que diz respeito a quem toma as decisões e determina o *habitus* hegemônico do campo, não há dúvida de que a Rede Globo, enquanto principal grupo de comunicação e mídia do país, possui influência em todos os principais aspectos que englobam a produção e organização do esporte. Ao endossar a despolitização do campo, produzindo uma postura acrítica de sua audiência, o grupo se beneficia ao ver fortalecida a mercantilização do futebol brasileiro, tratando-o como apenas mais um produto de sua grade televisiva, contribuindo em larga escala para seus ganhos financeiros.

Se repetem, no campo futebolístico brasileiro, associações entre agentes bem posicionados na hierarquia, em nome de ganhos simbólicos e/ou financeiros para todos os envolvidos. Foram destacadas, neste trabalho, ações que integravam os interesses de Rede Globo, CBF, clubes e de agentes do campo político-institucional, demonstrando a capacidade do futebol, enquanto elemento e prática cultural popular no Brasil, de extrapolar o seu próprio campo, construindo relações com outros campos componentes da sociedade brasileira. Tais composições de interesses reforçam a posição de determinados agentes em nome do afastamento daqueles que se veem em posição subalternizada, como jogadores profissionais e torcedores, sejam eles de torcidas organizadas, “comuns” ou de coletivos de torcedores.

Para agentes com pouca hierarquia e capacidade de participação nos processos decisórios, o caminho comum se torna a organização e articulação coletiva, já que não possuem os recursos para igualarem a capacidade financeira dos agentes estabelecidos citados anteriormente. O movimento “Bom Senso F.C.” se tornou um exemplo bem-sucedido de organização de classe entre jogadores profissionais, mesmo que, após um período de protagonismo, tenha se desmobilizado. As torcidas organizadas também possuem um histórico de tentativas de articulação mais generalizada em nome da defesa de seus interesses, como no caso da ANATORG. A forma específica de torcer das organizadas se viu ameaçada por

preceitos básicos do que se entende por futebol moderno, como a postura passiva desejada pelos agentes dominadores do campo, elemento essencialmente antagônico à postura comum dos torcedores organizados, que recorrentemente se envolvem diretamente tanto durante as partidas quanto fora dos estádios, quando protestam e cobram clubes e jogadores.

Os coletivos de torcedores, como grupo recém-chegado ao campo, ainda apresentam dificuldades no estabelecimento de relações com outros agentes. Como apresentam um *habitus* essencialmente contestador da ordem encontrada no campo, é natural que as possibilidades de articulação política sejam pequenas. Suas chances repousam especialmente na capacidade de produção de solidariedade entre torcedores, de forma a demonstrar que, a partir da politização do futebol, será possível a criação de uma consciência crítica acerca da participação e do papel dos torcedores. Para tanto, uma mobilização entre coletivos se mostra um caminho possível, já colocado em prática atualmente, ainda que o clubismo, enquanto aspecto identitário que, ao mesmo tempo que fortalece laços entre torcedores de um mesmo clube, afasta torcedores de clubes diferentes, se configure em um obstáculo importante a ser superado, como demonstraram as entrevistas realizadas com os coletivos palmeirenses. As relações com as torcidas organizadas, de maneira geral, apontam para um conflito semelhante ao destacado no caso da Itália, entre *ultras* e grupos de torcedores progressistas. Há, ainda, um caminho a ser percorrido para uma aproximação política mais consistente entre torcidas organizadas e coletivos, considerando uma distância substancial entre o que cada grupo entende por política e de que tipo de pauta deve ser encarada como central.

Aproveito, ainda, este último tópico para sumarizar algumas das tendências entre os coletivos de torcedores brasileiros que puderam ser notadas a partir da produção de dados desta dissertação, especialmente acerca de sua origem, manifestos de apresentação e organização interna.

A primeira delas diz respeito a uma das hipóteses que orientaram esta pesquisa inicialmente, a de que o surgimento dos coletivos de torcedores estava diretamente conectado às transformações estruturais que afetaram os estádios brasileiros desde a realização dos grandes eventos esportivos que ocorreram no país, com especial atenção para a Copa do Mundo de 2014, que possuiu impacto mais voltado para os estádios de futebol do que o Pan-Americano de 2007 e as Olimpíadas de 2016. Tais eventos afetaram diretamente os modos de viver o futebol para os diversos grupos de torcedores que o compõem. Entre os 51 coletivos identificados a partir dos critérios estabelecidos no terceiro capítulo, 32 deles pertencem a torcidas que tiveram seus estádios profundamente reformados ou totalmente construídos de

acordo com as normas do "Padrão FIFA"[129]. Se não é possível afirmar que há uma determinação absoluta entre os fenômenos – considerando que diversos coletivos surgiram no mesmo contexto sem que houvesse relação direta com a reestruturação de seus estádios –, há, sem dúvida, uma tendência de mobilização torcedora em torno das transformações causadas por suas novas "arenas esportivas". 20 dos 51 coletivos possuem, como data de criação de suas páginas no Facebook, o período entre 2013 e 2014, indicando o ano anterior à realização da Copa, quando estádios estavam ficando prontos e sendo entregues, e o ano de realização da competição, quando os torcedores do clube de fato voltaram a frequentar suas "casas". Dentre o levantamento, considerando a data de criação da página no Facebook, o mais antigo deles é o Corinthians Antifascista, com criação em agosto de 2011, e o mais recente é o Coletivo Orgulho Vermelho, criado em junho de 2019, ano em que este levantamento foi realizado.

A segunda tendência engloba elementos identificados nos manifestos de apresentação dos coletivos, sendo possível organizá-los em alguns grupos: 25 deles se auto intitulam como antifascistas, carregando a denominação em seus nomes; 5 se identificam de forma mais específica a pautas como feminismo e direitos LGBTQ+ (aqui considero os coletivos com denominação "*queer*", "livre", "orgulho" e afins); 11 deles se identificam com alguma variação de projetos revolucionários à esquerda, como o comunismo, e/ou alguns de seus personagens históricos (como nos casos de Karl Marx, Che Guevara e Carlos Marighella, que aparecem nos nomes de alguns coletivos); os 9 coletivos restantes utilizam termos menos específicos, como "resistência", "esquerda", "popular", "povo" e "democracia". Um tema específico aparece com força em diversos manifestos dos coletivos: a necessidade de retomar o caráter popular que seu clube possuía em sua origem (ou que tenha direcionado o posicionamento do clube em alguma ocasião ao longo de sua história) e se perdeu durante seu desenvolvimento histórico, especialmente no contexto atual de "futebol moderno" elitizado. Tal manifestação – assim como a frequente auto intitulação como "time do povo" – ocorre nos casos de coletivos ligados ao Corinthians, São Paulo, Vasco, Cruzeiro, Atlético-MG, Internacional, Ceará, Bahia e CSA.

Em relação à experiencia específica dos coletivos Palmeiras Antifascista e Palmeiras Livre, ainda é possível indicar outras tendências: organização e funcionamento interno construído a partir da ideia da horizontalidade, em consonância aos coletivos pesquisados por Santos (2017) e com as indicações teóricas acerca dos movimentos sociais em rede, destacados tanto por Castells (2003; 2013) como por Della Porta (2007); a relação, em geral, conflituosa

[129] Nem todos eles foram reformados e ou/construídos para o recebimento de jogos da Copa, como nos casos de Athletico-PR, Palmeiras e Grêmio, mas sua reestruturação ocorreu a partir do mesmo modelo e no mesmo período de tempo.

com torcidas organizadas do clube, que possuem outro tipo de compreensão política acerca do papel do torcedor e se demonstram pouco dispostas a incorporar pautas que escapam do aspecto econômico; a disputa pelos discursos produzidos sobre futebol, a partir da realização de entrevistas em veículos de comunicação já alinhados ao pensamento progressista, se configura em estratégia importante; o clubismo como um entrave considerável na tentativa de construção de solidariedade e articulação nacional entre coletivos de torcedores de outros clubes, especialmente em nível estadual, em que a rivalidade está mais aflorada, ainda que iniciativas do tipo – até com grupos estrangeiros – já estejam ocorrendo.

# REFERÊNCIAS


ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas:* reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades:* fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.

BENKLER, Yochai. *The Wealth of Networks:* How Social Production Transforms Markets and Freedom. EUA: Yale University Press, 2006.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu:* Sociologia. Trad. de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983a, p.122- 155.

_____. Como é possível ser esportivo?. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, pp. 136-153, 1983b.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas.* São Paulo, Brasiliense, pp. 207-220, 1990.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R, (org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

_____. *Os usos sociais da ciência:* por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *A produção da crença:* contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRAY, Mark. *Antifa:* o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

BRITES, Jurema. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 43, p. 422-451, 2013.

BROWN, Adam. "Not for sale"? The destruction and reformation of football communities in the Glazer takeover of Manchester United. *Soccer & Society*, 8, 614-635, 2007.

_____ "Our club, our rules": Fan communities at FC United of Manchester. *Soccer & Society*, 9, 346-358, 2008.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Dependência e desenvolvimento na América Latina. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.). *Cinquenta anos de pensamento na Cepal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CASTELLS, Manuel. A política da internet: redes de computadores, sociedade civil e o Estado. In: _____. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. Prelúdio à revolução: onde tudo começou. In: _____. *Redes de indignação e esperança:* movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHRISTOFOLETTI, Danilo Fontanetti. *O fim do Clube dos 13:* como a Rede Globo controla o futebol brasileiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Pontifícia Universidade Católica, Campinas-SP, 2015.

COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber*. São Paulo: Ática; 1991.

CRENSHAW, Kimberlé. A intersecionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento:* raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

CRUZ, Antonio. *A nova economia do futebol:* uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2005.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier:* o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DELLA PORTA, Donatella. Entre núcleos e redes. In: _____. *O movimento por uma nova globalização*. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. Spectator Violence at Football Matches: Towards a Sociological Explanation. *The British Journal of Sociology*, 37 (2), 221-244, 1986.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders:* sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENCONTRO com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá. Direção: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban Produções Cinematográficas, 2006.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução burguesa no Brasil:* ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2005.

FERNANDES, Sabrina. *Crisis of Praxis:* Depoliticization and Leftist Fragmentation in Brazil. Tese de Doutorado, Carleton University. Ontario, 2017.

FLORENZANO, J. P. *A democracia corinthiana:* práticas de libertação no futebol brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, p. 7-20, 2002.

GAFFNEY, Christopher. Virando o jogo: the challenges and possibilities for social mobilization in brazilian football. *Journal of Sport and Social Issues*, ed. 39(2), p. 155-174, mar. 2013.

GERCHMANN, Léo. *Coligay:* tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol:* dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

_____. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. Recorde: *Revista de História do Esporte*, v. 5, n. 1, 2012.

GIULIANOTTI, Richard; MILLWARD, Peter. The role of fan projects in avoiding conflict at football matches. *International Centre for Sport Security Journal*, vol. 1, no. 4, at p. 2, 2013.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Adeus à divisão sexual do trabalho?: desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 27, n. 3, p. 709-732, Dez. 2012.

HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade:* raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação:* o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; LOPES, Felipe Tavares Paes "Ódio eterno ao futebol moderno": poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios na cidade de São Paulo. *Tempo*, vol.24, n.2, pp.206-232, 2018.

INGHAM, Roger. *Football Hooliganism:* the wider context. London, UK: Inter-Action Imprint, 1978.

KENNEDY, David. Football stadium relocation and the commodification of football: the case of Everton supporters and their adoption of the language of commerce. *Soccer & Society*, 13, 341-358, 2012.

KERGOAT, Daniele. A consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos* (84), p. 93-10, 2010.

LEIFERT, Tiago. Evento esportivo não é lugar de manifestação política. *GQ*. 2018. Disponível em <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html> Acesso em 9 de maio de 2019

LEMES, Luiz Fernando Rodrigues. *O preconceito dentro e fora das quatro linhas:* o papel dos jornalistas goianos no debate sobre a homossexualidade masculina no futebol. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 2019.

MANDELLI, Mariana Carolina. *Allianz Parque e Rua Palestra Itália:* práticas torcedoras em uma arena multiuso. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), Universidade de São Paulo, 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. Não vai ter arena?: futebol e direito à cidade. *Advir*, v. 32, p. 24-38, 2014a.

_____. *Entradas e Bandeiras*: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MELO, Tatianne Santos.; OLIVEIRA, Adler Berbert. A comédia em destaque no telejornalismo esportivo da Rede Globo por Tadeu Schmidt e Tiago Leifert. In: *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 34., Recife, 2011.

MERKEL, Udo. Football fans and clubs in Germany: conflicts, crises and compromises. *Soccer & Society*, v. 13, n. 3, p. 359-376, 2012.

MOURA, João Carlos da Cunha. *Joguem como homens!:* masculinidades, liberdade de expressão e homofobia em estádios de futebol no estado do Maranhão. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2019.

NASH, Rex. Contestation in Modern English Professional Football: The Independent Supporters Association Movement. *International Review for the Sociology of Sport*, 35, n. 4, pp. 465-486, 2000.

NUMERATO, Dino. Who says "no to modern football"? Italian supporters, reflexivity and neo-liberalism. *Journal of Sports and Social Issues*, vol. 39, 2, pp. 120-138, 2015.

OLIVEIRA, Marcus Taborda de. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. *Movimento*, Porto Alegre, p. 155-174, out. 2012.

OSELAME, Mariana Corsetti. Padrão globo de jornalismo esportivo. *Famecos*, v. 15, n. 24, 2010.

PAXTON, Robert. *The Anatomy of Fascism*. UK: Penguin, 2011.

PEREIRA, Elaine A. T. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. *Revista Linhas*, v. 16, n. 32, p. 337-356, set./dez., 2015.

PINTO, Mauricio Rodrigues. *Pelo direito de torcer:* das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgard (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais:* perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

_____. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. *Futebol e sociedade:* as manifestações da torcida. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. *Esporte e Sociedade*, v.11, n.27, 2016.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. *Clientes versus rebeldes:* novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SEGURA M. TREJO, Fernando; MURZI, Diego. ¿Gestión de la violência em fútbol?: perspectivas críticas sobre Inglaterra y Bélgica. *Revista de Gestión Pública*, vol. 4, n. 1, 2015.

SEGURA M. TREJO, Fernando; MURZI, Diego; NASSAR, Belen. Violence and death in Argentinean soccer in the new millennium: who is involved and what is at stake?. *International Review for the Sociology of Sport*, 1-18, 2018.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 293-315, dez. 2009.

TAYLOR, Ian. 'Football mad': A speculative sociology of soccer hooliganism. In: DUNNING, Eric (ed.) *Sociology of Sport:* A Selection of Readings. London, UK: Cass, pp.357–377, 1971.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão:* filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. Dissertação (Mestrado em Antropologia), PPGSA/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro 1998.

_____. Aprendizagens e sociabilidades juvenis: a experiências das Torcidas Jovens cariocas. *Desidades*, n. 13, ano 4, dez., 2016.

_____. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública: desafios de um movimento coletivo. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología* 30: p. 111-128, 2018.

TOTTEN, Mick. Football and community empowerment: how FC Sankt Pauli fans organize to influence. *Soccer and Society*, 17:5, 2016.

TUAN, Yi-Fu. *Topophilia*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O desenvolvimento de uma posição intelectual*. Disponível em: https://blogdosociofilo.com/2019/09/05/o-desenvolvimento-de-uma-posicao-intelectual-por-immanuel-wallerstein/ Acesso em 28 de novembro de 2019.

WINANDS, Martin; GRAU, Andreas. Socio educational work with football fans in Germany: principles, practice and conflicts. *Soccer and Society*, 19:7, 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. *The Ticklish Subject*. London: Verso, 1999.